



**ISSN 1519-0854**

---

**ARGUMENTO.** Revista das Faculdades de Educação,  
Ciências e Letras e Psicologia Padre Anchieta  
Jundiaí-SP: Sociedade Padre Anchieta de Ensino.  
il. 23cm.

Semestral  
Inclui bibliografia

**CDU001(05)**

---

**ARGUMENTO**

**Conselho Editorial**

Ana Cláudia Genovez Nonato Montanari

Carlos Eduardo Thomaz da Silva

Diva Otero Pavan

Jeanne Márcia Rodrigues Manteiga

João Antonio de Vasconcellos

José Vergílio Betioli

Maria Cristina Zago Castelli

Sérgio Hayato Seike

Wanderley Carvalho

**Secretária Geral**

Sílvia Raizza Prado Martini

**Correspondência**

R. Bom Jesus de Pirapora, 140, Centro, Jundiaí/SP

CEP. 13.207-270

Fax (11) 4521-8444 - ramal 238

Caixa Postal 240

e-mail: [anchieta@anchieta.br](mailto:anchieta@anchieta.br)

[www.anchieta.br](http://www.anchieta.br)

**Editoração**

Departamento de Publicidade das Escolas e

Faculdades Padre Anchieta

**Revisão**

João Antonio de Vasconcellos

Isabel Cristina Alvares de Souza

**Tiragem**

2.000

**Argumento**

Revista semestral das Faculdades de Educação, Ciências e Letras e Psicologia Padre Anchieta

Pede-se permuta • Pide-se canje • We ask for exchange



**ARGUMENTO**



**ARGUMENTO**

**ÍNDICE**

**Editorial**.....7

**A construção da Construção**  
Cláudio A. Tafarello.....9

**A construção da coerência no texto humorístico baseada na crônica "Cumprimentos ao Chef" de Luis Fernando Veríssimo**  
Rosana Schmidt Jardim.....21

**Os tempos verbais no mundo comentado e no mundo narrado**  
Penha Maria Camunhas Martins e Maria Angélica Simões de Souza Lopes.....39

**O discurso autoritário presente na publicidade**  
Vanessa Fernanda Bernardinelli e Ana Paula Silva Zarpon.....47

**Multiple intelligences and its contribution to teacher's discourse**  
Letícia de Oliveira Ferrazzo.....53

**Poluição atmosférica**  
José Félix Manfredi.....61

**Uma discussão sobre a alma humana**  
Vinicius Sampaio D'Ottaviano.....73

**Escrever no cotidiano... algumas práticas de letramento de jovens do ensino médio**  
Eliane Porto Di Nucci.....79

**Psicologia do esporte: perspectivas históricas**  
Alexandre Roberto Moretti .....89



**ARGUMENTO**

**A influência da dor na psique**

*Renata Arbex de Paiva Teles e Dra. Lívia Márcia Batista de Andrade.....101*

**Disfunção erétil iatrogênica**

*Ernesto José D'Ottaviano.....111*

**Coping**

*Angela Coelho Moniz, Roberta Hespanhol Ferracini e Estela Regina Omisolo .....117*

**Normas para apresentação de originais ..... 123**



## ARGUMENTO

## EDITORIAL

A revista Argumento vem sendo publicada desde 1998 e, a cada edição, sua distribuição aumenta, atingindo cada vez mais um público seletivo e interessado na produção das Faculdades de Psicologia, Educação, Ciências e Letras das Faculdades Padre Anchieta.

Eis os artigos que compõem a edição nº11, já no seu VI ano de existência:

A *Construção da Construção*, de Cláudio Ariovaldo Tafarello, analisa o poema "Construção" de Chico Buarque de Holanda; a autora Rosana Schmidt Jardim apresenta o relato de pesquisa sobre *A Construção da Coerência no Texto Humorístico*, baseada na crônica "Cumprimentos ao Chef" de Luis Fernando Veríssimo; sob a orientação da Professora Maria Cristina de Moraes Taffarello, as Pós-graduandas do Curso de Criatividade e Produção de Textos das Faculdades Padre Anchieta Penha Maria Camunhas Martins e Maria Angélica de Souza Lopes discorrem sobre *Os Tempos Verbais no Mundo Comentado e no Mundo Narrado*; *O Discurso Autoritário Presente na Publicidade* é apresentado por Ana Paula Silva Zarpon e Vanessa Fernanda Bernardinelli; o artigo de Letícia de Oliveira Ferrazzo na área de educação e Letras apresenta *Multiple Intelligences and its contribution to Teacher's Discourse* (Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner e suas contribuições para o discurso do professor); na área de Ciências, o Doutor José Félix Manfredi apresenta o artigo *Poluição Atmosférica*; o Psicólogo e Filósofo Vinicius Sampaio D'Ottaviano nos brinda com *Uma Discussão sobre a Alma Humana*; estudando letramento, a Dra. Eliane Porto Di Nucci apresenta o artigo *Escrever no Cotidiano ... Algumas Práticas de Letramento de Jovens do Ensino Médio*; na área de Psicologia do Esporte, o Psicólogo Alexandre Roberto Moretti apresenta a *Psicologia do Esporte: Perspectivas Históricas*; a Psicóloga Renata Arbex de Paiva Teles e a Dra. Livia Márcia Batista de Andrade discorrem sobre a *Influência da Dor na Psique*; o Prof. Dr. e Livre docente Ernesto José D'Ottaviano discute a *Disfunção Erétil Iatrogênica*, como resultado da pesquisa de iniciação científica da Faculdade de Psicologia Padre Anchieta, a Dra. Angela Coelho Muniz e as acadêmicas de psicologia Roberta Hespanhol Ferracini e Estela Regina Omisolo discutem o conceito de "Coping".







## A CONSTRUÇÃO DA CONSTRUÇÃO

Cláudio A. Tafarello\*

TIJOLO SOBRE TIJOLO  
UM FANTASMA FEZ SEU POÇO  
MÁRIO CHAMIE

### RESUMO

O presente artigo analisa como, no poema *Construção*, Chico Buarque de Holanda constrói, dentro de um contexto histórico, uma sólida e poética argumentação por meio da escolha lexical, do ritmo, da métrica e das figuras retóricas.

**Palavras-chave:** contexto histórico, argumentação, ritmo, figuras retóricas, poema.

### ABSTRACT

The present article analyses how Chico Buarque de Holanda, within a historical context, constructs a solid and poetical argument by means of a lexical choice, rhythm, metrics and rhetorical figures in his poem "*Construção*".

**Key words:** history, argument, rhythm, rhetorical figures, poem.

### 1. INTRODUÇÃO

Se a argumentação é evidente em bons editoriais, artigos de opinião e em outros tipos de texto como os *Sermões* de Vieira – textos em que há sempre um substrato silogístico com base no qual são construídos – o texto poético, por sua própria natureza e função, está, via de regra, direcionado mais à fruição do prazer estético. Há, porém, no texto em estudo, uma séria e profunda argumentação construída por meio das figuras de retórica, da escolha lexical e de recursos literários como ritmo, métrica e estrofação. É o que pretendemos demonstrar na análise do poema *Construção*, letra da música homônima de autoria de Chico Buarque de Holanda. Pretendemos, portanto, realizar uma análise com fundamentação literária e retórica, esta entendida aqui como *a faculdade de ver retoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar persuasão*, visto que a retórica parece ser capaz de *descobrir o que é próprio para persuadir* (Halliday, 1988:93). Tomamos por base a letra impressa na capa da gravação

---

\*Pós-graduando em Criatividade e Produção de Textos nas Faculdades Padre Anchieta e professor do Ensino Médio na rede particular.

\*Gravações posteriores feitas pelo mesmo autor acrescentam a *Construção* os versos de *Deus lhe pague*, música também gravada separadamente. Ativemo-nos na presente análise ao texto original.

original pelo autor (LP PHILIPS, de outubro de 1971), sendo que há perfeita correspondência entre o texto impresso e a letra cantada no mesmo disco.\*

## 2. CONTEXTO HISTÓRICO

Por considerarmos *não só a estrutura ou teor do discurso, mas todo o contexto de sua existência como tal* (RODRIGUES, 1988:12), por ser o poema em análise de linha social, e por entendermos que a boa compreensão de um texto supõe o conhecimento de seu contexto histórico, político e social, procuraremos delinear em breves traços a época em que foi produzido.

Em 1971, vivia o Brasil sob o auge da ditadura militar instaurada no poder em 1964, a qual durou aproximadamente duas décadas e se caracterizou pela repressão à liberdade de expressão – havia rigorosa censura à imprensa escrita e falada, – às manifestações populares e artísticas incluindo literatura, teatro, cinema, música e até artes plásticas. Segundo a propaganda oficial, o Brasil era uma *ilha de prosperidade* em meio a um mundo repleto de convulsões, vivia-se a época do *milagre econômico* no desenvolvimento, enquanto milhares de pessoas, incluindo importantes intelectuais, políticos e artistas, viviam no exílio. Era o tempo da *Lei de Segurança Nacional*, das cassações de mandatos de parlamentares, do AI-5, do patriotismo vazio do *Ame-o ou deixe-o*, referindo-se ao Brasil. O governo estava voltado para o desenvolvimento econômico do país, sem nenhuma preocupação social – era a teoria do *fazer crescer o bolo*, deixando a sua divisão para depois. Foi o período de grandes obras da construção civil pública como a Transamazônica, a ponte Rio – Niterói e Itaipu (ainda projeto em 1971), enquanto as cidades médias e grandes conheciam a verticalização com a construção de edifícios, o que empregava grande número de pessoas com frequência em condições subumanas. Esse é em linhas gerais o contexto em que Chico compôs o poema em questão.

O autor, que, devido à repressão social, exilara-se por algum tempo na Itália, retornara havia pouco, mesclando sua primeira fase de composições líricas com ar romântico com o posicionamento de acerba crítica político-social como demonstram os poemas *Construção*, *Cálice*, *Apesar de você*, além de numerosas outras composições musicais e peças de teatro.\*

Para ter uma idéia da repressão cite-se que o autor, ao ver proibidas duas em cada três músicas de sua autoria, passou a assiná-las com o pseudônimo de Julinho de Adelaide, mas, descoberto o estratagema, a Polícia Federal determinou que as composições fossem remetidas previamente à censura com CIC e RG do compositor! (cf. BRAGA-TORRES, 2002:26).

---

\*Leia-se o esclarecedor comentário sobre o autor: *Sua produção assumiu – e assume, uma vez que está em plena floração, as duas vertentes que restaram à poesia de um tempo que é “um tempo de guerra, um tempo sem sol”* (BOLLE, 1980:97).

### 3. A CONSTRUÇÃO DA CONSTRUÇÃO

Procuramos aqui demonstrar como o autor utiliza recursos literários (ritmo, métrica e estrofação) e lingüísticos (figuras de retórica e o léxico) para construir a argumentação. Nas consultas ao texto original em anexo considere-se o seguinte: a) os algarismos 1 a 41, à esquerda do texto, marcam apenas a numeração seqüencial dos versos; b) os números em desordem, à direita do texto, assinalam a dupla ou tripla repetição das proparoxítonas que encerram os versos, sendo 0 as não repetidas; c) – (um grifo) marca as sílabas subtônicas; = (dois grifos), as sílabas tônicas.

#### 3.1 ESTRUTURA E RECURSOS POÉTICOS

O texto deixa claro que o autor enfrentou intenso trabalho para construí-lo palavra-tijolo por palavra-tijolo. O próprio visual do poema, embora não se enquadre rigorosamente na vanguarda da poesia concreta, devido à quase simetria das estrofes e versos sugere um arranha-céu moderno de nossas metrópoles: 41 versos-andares, repetitivos, num quadrado-retângulo.

Verticalmente a construção se faz em duas colunas de hemistíquios – a da esquerda com 41 hexassílabos com a última sílaba tônica, todos completados pela coluna dos 41 hemistíquios da direita, também hexassílabos com a 6ª sílaba tônica, além do prolongamento de mais duas sílabas átonas.

Marcam a cesura do poema nos dois hemistíquios o ritmo (a 6ª e a 12ª sílabas tônicas); a sintaxe (os segundos hemistíquios completam sintaticamente os primeiros, sendo 27 dos segundos comparações, 24 delas iniciadas com a conjunção *como*); pelo léxico (a coluna da esquerda é mais coloquial, pois reúne, quase sempre, as ações da rotina diária do operário (*amou, sentou, comeu, bebeu* etc) com poucas figuras de linguagem. A coluna dos hemistíquios da direita já apresenta, apesar das comparações repetidas, a inovação da linguagem, sendo esta mais culta, com metáforas criativas e outras figuras que serão analisadas no item 3.2. Transparece a intencionalidade do autor nessa dificultosa construção do poema, relacionando sua ação de intelectual e artista ao trabalho manual da construção em sentido denotativo feita pelo operário, numa cumplicidade que aproxima compositor e trabalhador braçal.

Horizontalmente o poema se constitui em 41 longos versos-andares sobrepostos e repetitivos como num arranha-céu. O autor narra três vezes a mesma história da rotina diária do operário da construção civil, a qual termina na morte pela queda do edifício, atrapalhando o trânsito na rua. Os segundos 17 versos repetem a narrativa dos 17 primeiros com a alteração da última palavra de cada verso. A última estrofe, de sete versos, é um resumo da narrativa. A trirrepartição traduz a idéia de rotina, mesmice chata da vida sem perspectiva; a terceira narrativa é resumida para não cansar o leitor-ouvinte ou para construir uma es-

pécie de recapitulação como quer a velha e boa retórica aristotélica (cf. CITELLI, 2002:12). Também ao visualizarmos o todo do poema-edifício, tem-se a idéia da aceleração do corpo em queda – a narrativa-resumo está no pé do poema numa setilha, estrofe-andar maior.

Argumentativamente, o autor se vale do mundo narrado para comentar-expor uma realidade. Narra três vezes o dia-a-dia do trabalhador e seu final trágico, mas a intenção não é simplesmente contar um fato, e sim criticar uma situação – a do operário brasileiro. O intenso trabalho formal com o texto caracteriza o *mundo comentado* em que o *locutor responsabiliza-se, compromete-se com aquilo que enuncia, isto é, há uma adesão máxima do locutor ao seu enunciado, o que cria uma “tensão” entre os interlocutores que estão diretamente envolvidos no discurso* (KOCH, 2001:51).

Os verbos, apesar de quase todos no pretérito perfeito do indicativo ou no pretérito imperfeito do subjuntivo, não significam posição distensa, afastamento do locutor em relação ao seu discurso. A opinião do locutor-autor está presente na argumentação do texto como se verá à frente nas figuras retóricas.

A 6ª e a 12ª sílabas são tônicas (a 12ª bem forte porque sempre acentuada), a 4ª e a 10ª, subtônicas, constituindo rigorosamente o mesmo ritmo, sempre quaternário, do início ao fim do poema, criando a idéia da repetição na vida do trabalhador; os versos, todos dodecassílabos (a mais longa medida registrada pelos manuais de literatura), representam os andares isométricos do edifício, reforçam a monotonia do poema e, longos demais, transmitem cansaço.\*

Note-se, também, que cada verso fica ainda mais longo por ter duas sílabas após a 12ª, que é tônica, já que todos terminam com palavra proparoxítona. Essa é, quanto à classificação da sílaba tônica, o tipo mais raro na língua, sendo raríssima na poesia, principalmente em fim de verso, causando estranheza e mais rotina. Some-se a isso a ausência de rimas, que confeririam ao texto um tom mais agradável, a proposital falta de estribilho, ótimo elemento para quebrar a monotonia.

É evidente que todos os recursos poéticos supracitados são intencionalmente aplicados para transmitir ao leitor-ouvinte a condição de vida do operário.

### **3.2 A ARGUMENTAÇÃO PELAS FIGURAS RETÓRICAS**

As possibilidades de combinação das palavras é infinita. Elas são *como fios, com os quais vamos tecendo nossas idéias, em forma de texto* (ABREU, 2001:99). É o que faz de forma original, criativa, o autor do poema, ao empregar

---

\*O uso repetido dos versos alexandrinos como recurso argumentativo para criar a idéia de monotonia fica evidente se os justapusermos a redondilhas, maiores ou menores, pela fluência, agilidade que transmitem como no exemplo de Gonçalves Dias: *Meu canto de morte / Guerreiros ouvi / Sou filho das selvas / Nas selvas cresci / Guerreiros descendo / Da tribo tupi.*

as figuras retóricas que *são recursos lingüísticos utilizados especialmente a serviço da persuasão* (ABREU, 2001:105).

Embora não tão valorizada pelos estudiosos da retórica, a elipse exerce no poema extraordinária força argumentativa, estando relacionada à essência do significado do texto. Essa figura é empregada 40 vezes na omissão do nome do sujeito ou do pronome *ele*, que poderia substituir o nome no início dos versos. Isso sem considerarmos a omissão do sujeito do verbo *fosse*, o que ocorre 22 vezes; a supressão, duas vezes, do sujeito de *ouvissse*, do sujeito dos três infinitivos pessoais (*descansar*) e da zeugma como no verso 3: *E (beijou) cada filho...* Mas é na omissão do sujeito que a força argumentativa é maior – ela exerce o papel de figura da ausência, da negação, do não-ser, e o operário não é. Ele não tem nome nem aparece sua profissão, pois à sociedade não importa sua pessoa, o seu ser, e sim o resultado de seu trabalho, a construção – esta é que dá nome ao poema, esta é que indiretamente causa a morte, pois o pedreiro caiu dela. Note-se que passamos a chamá-lo de *pedreiro* com base nos verbos que expressam sua ação, embora ele seja identificado com *pacote* como veremos adiante. A imensa cadeia de elipses pode ser entendida, no contexto do poema, como crítica ao sistema, capitalista ou o que for, que destrói o homem, não lhe permite ser. Note-se, também, que, se o operário não é o sujeito das ações, ele tampouco é o eu-lírico. Ele não é nada na vida, por isso não é nada no poema.\* Na linha argumentativa da desqualificação do homem contribui a monótona repetição de 22 vezes da comparação *como fosse* aliada à condicional *se* pela carga de negação pressuposta: *como se fosse = não é*. Assim, as comparações que se referem ao pedreiro e carregam conceito positivo acabam se tornando negativas por não se realizarem. Exemplos: *como se fosse um príncipe* (versos 26 e 39), *como se fosse o máximo* (verso 27), *como se fosse um pássaro* (verso 38), *como se ouvisse música* (verso 30). Ainda, em três versos, o trabalhador é desumanizado ao ser comparado a máquina. E isso acontece num crescente: inicialmente no trabalho (verso 5), depois em atos biológicos (verso 28) e, por último, no amor (verso 35).

Retomando Aristóteles, Reboul afirma que a metáfora *deve ser clara, nova e agradável. Nova, porém clara e por isso mesmo agradável como o enigma que se tem a alegria de desvendar. A meio caminho entre o enigma e o clichê, a figura de sentido desempenha seu papel retórico* (2000:120). Essa afirmação pode ser aplicada para se entender a argumentação nas metáforas do texto e, também, as outras figuras que nele aparecem.

Assim, as esdrúxulas finais dos primeiros 17 versos reaparecem repetidas, fora da ordem inicial, porém em versos totalmente diferentes, criando sentidos inusitados e levando o leitor-ouvinte ao estranhamento (conferir o anexo).

\*Em outro poema da linha social de Chico, *Pedro Pedreiro*, o operário tem nome (*Pedreiro* em maiúscula sugere sobrenome), profissão e até esperança; em *Construção*, há a mais profunda negação do ser do trabalhador.

Exemplificando: o autor parte duma comparação-clichê como o verso 1 *Amou daquela vez como se fosse a última*, evolui para a comparação-metáfora do verso 15 em *feito um pacote flácido*, cresce para *como se fosse sólido* (verso 22), *olhos embotados de tráfego* (verso 25), *Bebeu e soluçou como se fosse máquina* (verso 28), *E tropeçou no céu como se ouvisse música* (verso 30), salta para o inusitado em *E flutuou no ar como se fosse sábado* (verso 31), passa à metáfora arrojada *pacote tímido* (verso 32), ao hipérbato em *Agonizou no meio do passeio naufrago* (verso 23) (observe-se a argumentação presente no hipérbato: o pedreiro está deslocado socialmente, morre fora de lugar, *no passeio público* (verso 16), assim como *naufrago* está perdido, fora do lugar habitual na sintaxe da frase, pois não qualifica *passeio*); *Amou daquela vez como se fosse mágica* (verso 35) causa estranhamento, *Beijou sua mulher como se fosse lógico* (verso 36), *E flutuou no ar como se fosse um príncipe* (verso 39) chegam ao enigmático; o *pacote bêbado* (verso 40) e *Morreu na contramão* (verso 41) são metáforas novas porém claras. *Atrapalhando o sábado* (verso 41) é metonímia (na verdade atrapalhou o descanso, o lazer que o sábado representa para a sociedade), que traz a idéia do nada que o pedreiro como pessoa representa – ele é incômodo.

Há relação argumentativa entre a gradação crescente das figuras supracitadas e o evoluir da narrativa da história do anônimo pedreiro coisificado em pacote. A força argumentativa das figuras progride à medida que o poema e a vida do trabalhador se aproximam do paroxismo: a morte inexorável como na tragédia grega, ou a morte-negação ontológica definitiva. Não passe despercebida a ironia (ou sarcasmo?) mordaz do verso 41: *Morreu na contramão* (como viveu na contramão da vida) *atrapalhando o sábado* (o lazer, não do pedreiro mas da sociedade – o dele já fora negado nas comparações negativas marcadas pelo *como se fosse* dos versos 12, 30, 38 e seguintes). Do verso 18 ao 41, quando o autor faz um jogo repetindo os versos 1 a 17, mas trocando as palavras finais de cada um (conferir o anexo), parece estar brincando ou buscando subterfúgios por não encontrar outras esdrúxulas adequadas, mas é justamente aí que transparece a criatividade, a inovação.\* Chico realiza o que Fontanier chama de *metáfora de "invenção"* (FONTANIER apud MOSCA, 1997:38).

Veja-se, também, a seguinte afirmação:

Qualquer que seja, entretanto, a forma assumida pelo processo metafórico, prevista ou não pelo código, ele irá necessariamente trazer uma visão de mundo que pode ir da estereotipia ao contra-senso, seja reiterando saberes partilhados, seja estabelecendo relações inéditas entre as coisas. O que importa é,

\*Quem sabe da habilidade do autor em explorar os recursos poéticos, reconhece que *Construção* é fruto da criatividade e não um mero jogo de palavras. Para comprovar a genialidade sempre presente do compositor, observe-se a condensação *CALA a boca BÁRbara*, a polissemia em *Éramos nós / estreitos nós / enquanto tu / és laço frouxo (Calaba)* ou a cadeia de rimas ricas: *Todo mundo homenageia / Januária na janela / Até o mar faz maré cheia / Pra chegar mais perto dela*.

portanto, avaliar a sua **função argumentativa** dentro daquele determinado tipo de discurso, isto é, os efeitos produzidos. Nesse sentido, fica evidente a **função persuasiva** que a figura exerce sobre os elementos emotivos que constituem e fundamentam a estrutura dos sujeitos, ultrapassando seu papel puramente informativo para cumprir uma finalidade de **incitamento** e de **sedução** (MOSCA, 1997:39).

É o que faz Chico num texto de composição inovadora, original, cujo poder de argumentação seduz o leitor-ouvinte, provoca seu estranhamento, interroga-o, desaloja-o do comodismo para que interprete, crie um sentido que também será novo, o que é inteiramente contra a voz da coletividade e da ideologia dominante. Lembre-se o contexto sócio-político do item 2 acima e entender-se-á que censurar Chico era a coisa mais lógica para o sistema.\*

A repetição, com força de reiteração, de 22 vezes da comparação *como se fosse* constitui também uma seqüência de anáforas que manifestam papel expressivo na monorritmia do todo-dia-tudo-igual. Ainda na linha da construção da monotonia podemos lembrar os polissíndetos dos versos 3 e 4; 13, 14 e 15; 20 e 21; 30, 31 e 32; 39 e 40. E os polissíndetos se repetem, pois aparecem nas três narrações da mesma história – é a repetição da repetição.

Existe, ainda, no todo do poema, uma antítese “oculta” no confronto entre o enaltecimento da construção e a anulação do pedreiro. Essa figura também está presente no verso 37 entre *patamar* (área plana e extensa que sugere estabilidade) e *traíçoeiras paredes flácidas*, nas quais o verso 38 sugere que o pedreiro sentou para descansar como um pássaro faria.

Há, além das analisadas, outras figuras que apenas citamos: personificação; paronomásia (*como se fosse / com seu passo* – versos 3 e 4); hipálage: *subiu a construção como se fosse sólido* (verso 22) – sólido pode caracterizar denotativamente a construção, não o operário. Também numerosas aliterações: *Sentou pra descansar como se fosse sábado* (verso 9), *Subiu a construção como se fosse sólido* (verso 22) com predominância das sibilantes, que, devido à constância, reforçam a monorritmia.

Para se completar o entendimento da força argumentativa do poema, convém considerar que no texto lúdico *os signos se abrem e revelam a poesia da descoberta; a aventura dos significados passa a ter o sabor do encontro de outros significados* (CITELLI, 2002:38). Como nesse texto aberto, a metáfora e demais figuras não são só do autor, é preciso que o leitor-ouvinte também seja sujeito (seja o ser que a legião de elipses matou no pedreiro), interaja, construa um ou vários significados, seja criativo e crítico. Para que se continue e se fundamente a argumentação é preciso que a produção lingüística se recubra de

---

\*Chico retrata a história do brasileiro trabalhador, flagrado em sua pequenez, flagrado em seu sufoco diante das grandes estruturas de poder que se formavam no começo dos anos 70, flagrado em sua impossibilidade de ação. Chico mostrava os tons cinza e negro do pão e circo (MORAIS, 1996:12).

um **valor discursivo** na medida em que instaura o que poderia ser chamado de **estratégia da interlocução**, vale dizer, na medida em que o reconhecimento do sentido dessa produção implique o reconhecimento de uma **ação entre sujeitos da linguagem** (PÉCORA, 1983:70).

### 3.3 A ARGUMENTAÇÃO NA ESCOLHA LEXICAL

Quanto ao léxico, convém mencionar dois aspectos: a polissemia e a depreciação – ambos relacionados à argumentação.

A polissemia é típica do texto poético, aberto a interpretações várias, à criação do sentido pelo interlocutor, conforme afirma Umberto Eco:

O discurso aberto, que é típico da arte, e da arte de vanguarda em particular, tem duas características. Acima de tudo é ambíguo: não tende a nos definir a realidade de modo unívoco, definitivo, já confeccionado. As coisas de que nos fala nos aparecem sob uma luz estranha, como se as víssemos agora pela primeira vez; precisamos fazer um esforço para compreendê-las, para torná-las familiares, precisamos intervir com atos de escolha, construir-nos a realidade sob o impulso da mensagem estética, sem que esta nos obrigue a vê-la de um modo pré-determinado. Assim, a minha compreensão difere da sua, e o discurso aberto se torna a possibilidade de discursos diversos, e para cada um de nós é uma contínua descoberta do mundo (ECO apud CITELLI, 2002:69).

É o que ocorre nas metáforas inventivas especificamente do verso 18 ao 41, nas quais o autor troca a palavra final, a proparoxítona, criando sentidos novos. Citemos exemplos apenas para demonstrar que fazem o leitor-ouvinte parar para pensar: *Beijou sua mulher como se fosse lógico* (verso 36) (há paradoxo?) e *E flutuou como se fosse sábado* (verso 31) (qual a ligação *flutuar* / *sábado*?).

Um aspecto especialmente criativo é a rica polissemia gerada pela repetição dos versos, porém com a última palavra alterada, o que forneceria material para toda uma pesquisa. Limitamo-nos a citar um caso para exemplificar: *E flutuou no ar como se fosse um pássaro* (verso 14) / *sábado* (verso 31) / *príncipe* (verso 39).

A depreciação pode ser observada pelas palavras escolhidas para caracterizar o pedreiro, além do que já se falou nos itens 3.1 e 3.2 a respeito de sua descrição. Assim, algumas de suas ações verbais carregam sentido negativo como *se acabou* (versos 15, 32 e 40), *agonizou* (versos 16 e 33), *morreu* (versos 17, 34 e 41), *atrapalhando* (versos 17, 34 e 41); também substantivos relacionados ao pedreiro como *contramão* (versos 17, 34 e 41), *pacote\** (versos 15, 32 e 40); adjetivo como *bêbado* (versos 13, 21 e 40).

---

\*Pacote, além da força depreciativa da coisificação do pedreiro, traz a idéia negativa de algo incômodo, que atrapalha, sem falar da conotação temida nos últimos anos de pacote econômico e político, além de outras acepções desagradáveis (cf. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*).



Note-se que tal depreciação se refere à visão do pedreiro pela sociedade e pela ideologia do poder, já que o compositor demonstra proximidade com o pedreiro como se falou no item 3.1.

Lembre-se por fim que a seleção das palavras não é casual, pois se lexicamente é neutra, *ao escolher a palavra, partimos das intenções que presidem ao todo do nosso enunciado, e esse todo intencional, construído por nós, é sempre expressivo* (BAKHTIN, 1997:310). Se há intenção na seleção das palavras há, *ipso facto*, intenção em argumentar.

### 3.4 A RELAÇÃO LETRA/MÚSICA

Embora não seja nossa intenção analisar a música, esta não pode ser esquecida por constituírem ambas, letra e música, um todo único em *Construção*. A audição atenta mostra que a melodia combina perfeitamente com a letra por ser monótona como o é a vida de pedreiro, sem perspectiva de mudança.

No 9º verso *Sentou pra descansar como se fosse sábado*, surge instrumento característico de batida de samba, sugerindo fuga da realidade da vida de trabalho. No 13º verso *Tropeçou no céu como se fosse um bêbado* surgem os violinos, antecipando a morte, em marcha lenta, fúnebre, os quais continuam até o 17º verso em que trompetes agressivos e onomatopéicos buzina estriidentes com ar trágico: *morreu na contramão atrapalhando o tráfego*. Do 18º ao 41º verso mantêm-se, apesar de rápidas ausências, todos os instrumentos em tom agressivo, metálico – a narrativa se repete, mas já se sabe que o pedreiro morreu e sua morte incomoda como a música aguda, penetrante. Há perfeita consonância com o texto poético: os instrumentos vão entrando aos poucos e, depois, permanecem todos no crescente da narrativa trágica.

### 4. CONCLUSÃO

Afonso Romano afirma que o código para a revelação poética tem de se dar pela inversão do convencional: **Construção cria a apoteose do trabalho e do trabalhador (*Ergueu no patamar quadro paredes sólidas – ou mágicas*), sob o impacto do descaso com que a sociedade trata tais elementos (*morreu na contramão atrapalhando o público – o tráfego – o sábado*)\*. Em *Construção* esse princípio acha-se posto em prática: a construção é ressaltada como uma torre, como um símbolo da sociedade em oposição à situação do pedreiro. Chico cria o novo, o diferente, não necessariamente o agradável, o suave, o bonito, superando a antiga afirmação de que *a arte é a expressão do belo*. Mas conquistista e persuade o leitor com sua nova estética, às vezes estranha e até mes-**

---

\* LP Chico Buarque, *Nova História da Música Popular Brasileira*, Abril Cultural, 1976.

mo chocante, aplicada em função da argumentação do poema. E para isso se vale magistralmente dos recursos literários: a mesmice intencional do ritmo, da métrica e da reiteração constroem a personalização da monotonia, do ramerrão, do dia-a-dia da vida do pedreiro e seu fim, contribuindo para isso a expressão e a argumentação de variadas figuras retóricas, dispostas em gradação ascendente, acompanhando a melodia e a narrativa até o fim trágico do trabalhador. O poema pela sua originalidade lembra uma construção numa, digamos, metalinguagem poética e argumentativa, em que o sujeito-emissor está muito perto da sua obra, quase encarnando-a. Por ser texto polissêmico, lúdico, aberto à interação, mantém um canal de diálogo com o sujeito receptor na criação da coerência, do(s) sentido(s). Só o não-sujeito do pedreiro não participa, não interage, mas esse aspecto também é estratégia argumentativa. Nesse enfoque, *Construção* é contra o discurso dominante, constituindo uma séria contribuição à reflexão crítica sobre a realidade nacional numa ajuda a desvendar o mundo, a romper o silêncio (cf. BOLLE, 1980:102).

##### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ABREU, Antônio Suárez (2001). *A arte de argumentar*. Cotia-SP: Ateliê Editorial.
- BAKTHIN, M. (1997). *Estilística da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BOLLE, Adélia Bezerra de Meneses (1980). *Chico Buarque de Hollanda*. São Paulo: Abril Educação.
- BRAGA-TORRES, Ângela (2002). *Chico*. São Paulo: Moderna.
- CITELLI, Adilson (2002). *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática.
- HALLIDAY, Tereza Lúcia (org.) (1988). *Atos retóricos: mensagens estratégicas de políticos e igrejas*. São Paulo: Summus Editorial.
- KOCK, Ingedore Villaça (2001). *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto.
- MOSCA, Lineide do Lago Salvador (org.) (1997). *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP.
- MORAIS, Fernando (1996). Chico Buarque. In: *MPB compositores*, vol. 1. São Paulo: Globo.

PÉCORÁ, Alcir (1983). *Problemas de Redação*. São Paulo: Martins Fontes.

REBOUL, Olivier (2000). *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes.

RODRIGUES, Ricardo. A Dimensão Retórica do Plano Cruzado. In: HALLIDAY, Tereza Lúcia (org.) (1988). *Atos retóricos: mensagens estratégicas de políticos e igrejas*. São Paulo: Summus Editorial.

## 6. ANEXO

### CONSTRUÇÃO





## **A CONSTRUÇÃO DA COERÊNCIA NO TEXTO HUMORÍSTICO BASEADA NA CRÔNICA "CUMPRIMENTOS AO CHEF" DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO**

*Rosana Schmidt Jardim.<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

Este trabalho versa sobre a Construção da Coerência no Texto Humorístico tomando como base a Crônica "Cumprimentos ao Chef", do renomado escritor Luis Fernando Veríssimo, e pretende demonstrar através de uma pesquisa ilustrativa, que o leitor de uma crônica humorística estabelece (ou não) um sentido de coerência para esse texto, podendo dessa forma extrair dele (ou não) o humor, proporcionalmente à compreensão que fizer do mesmo, determinada pelo seu conhecimento lingüístico, textual e principalmente enciclopédico.

**Palavras-chave:** coerência, humor, interpretação.

### **ABSTRACT**

This paper discusses about The Coherence Construction in the Humorous Text based on the Chronicle "Cumprimentos ao Chef" written by the renowned writer Luis Fernando Veríssimo, and has the intention to demonstrate, by means of an illustrative research, that the humorous chronicle reader establishes (or not) a coherence sense to this text, so that he can take the humor out of it (or not), in the same proportion as his comprehension of it, determined by his linguistic, textual and particularly encyclopedic knowledge.

**Key-words:** coherence, humor, interpretation.

### **INTRODUÇÃO**

Aprender o significado de um texto é uma tarefa diferente do fato de se decodificar a escrita. A capacidade de ler é necessária, mas não suficiente para o entendimento de um texto, para o qual torna-se necessário conhecimento de mundo, conhecimento lingüístico e vivência suficiente para ampliar significativamente esses conhecimentos.

---

<sup>1</sup> Pós-graduada em Criatividade e Produção de Textos, pelas Faculdades Padre Anchieta, graduada em Comunicação Social com habilitação em Marketing pela ESPM-SP.

Durante o processo de compreensão e interpretação é sabido que a memória trabalha de modo construtivo, acrescentando às informações obtidas no texto o saber acumulado em experiências passadas.

O presente trabalho sugere uma demonstração de como o mesmo texto pode causar impressões distintas, a partir de repertórios particulares, em leitores diferentes; busca também investigar quais fatores são relevantes para a construção de um entendimento significativo, o que no caso de um texto humorístico implica obviamente em reconhecer o humor presente no texto. Em razão disso, a coerência, fator textual escolhido para essa análise, encontra-se intrinsecamente relacionada ao texto humorístico no presente estudo.

No decorrer dessa explanação pretende-se demonstrar, através de pesquisa quantitativa e qualitativa, que a coerência, sobremaneira em textos humorísticos, mesmo a despeito de todo cuidado do autor e em se tratando de um escritor consagrado (Luis Fernando Veríssimo), será construída pelo leitor, através de elementos presentes e reconhecidos direta ou indiretamente no texto. A partir dessa construção individual dependerá o fato de o texto tornar-se humorístico e coerente (ou não) para determinado leitor em questão.

## **1. A CONSTRUÇÃO DA COERÊNCIA NO TEXTO HUMORÍSTICO**

A escolha do tema foi motivada pelo interesse em relacionar a coerência, um fator determinante na construção, produção e interpretação de sentidos, com o texto humorístico, um modo de comunicação peculiar, capaz de suscitar, em meio à ambigüidade que o caracteriza, uma pressuposição aparentemente óbvia, que será desmentida posteriormente por outra mais óbvia ainda, a fim de impor ao texto um final inesperado e surpreendente.

Desse modo, os textos humorísticos, apesar de ferirem o Princípio de Cooperação, dificultando sua compreensão, através da produção de efeitos de sentidos dúbios e obscuros, por exemplo, e/ou levando o leitor/receptor a uma premissa falsa, ainda assim, e por isso mesmo, são comunicativos.

Nos textos humorísticos a ausência de sentido pode ser exatamente o efeito de humor presente no texto. Para apreendê-lo não basta decodificá-lo, é preciso “descobrir uma certa visão imposta pelo autor”, ou seja, “interpretá-lo adequadamente”, a fim de usufruir prazerosamente dessa descoberta.

A interpretação envolve a manipulação de aspectos lingüísticos, discursivos, socioculturais, cognitivos e interacionais. A ausência de quaisquer desses aspectos, principalmente do conhecimento partilhado entre autor/leitor, compromete não apenas a coerência textual, como também a capacidade de apreender o humor subjacente ao texto. Momento este em que a coerência e o humor encontram-se estreitamente relacionados.

Supõe-se portanto que se um texto não for coerente para dado leitor, tam-

bém não será humorístico para ele, e que o humor apreendido torna-se proporcional à competência textual do leitor em questão.

Essas razões levam à elaboração desse estudo investigativo.

Baseando-se nos fatos de que o leitor/receptor é caracterizado como um produtor de sentidos, e de que um mesmo texto possibilita várias leituras, serão investigados, através de pesquisa, quais os fatores que levam o leitor a interpretar um texto como humorístico, ao mesmo tempo em que este se torna coerente (ou não) para ele.

Sabe-se que a coerência é construída a partir do leitor, pela continuidade de sentidos estabelecidos entre os conhecimentos prévios, ativados através da memória, e os elementos presentes no texto. E que a intenção do autor de produzir um texto humorístico não é condição garantida de sucesso, já que, em última análise, é o leitor que determinará tanto a coerência quanto o efeito do humor, os quais poderão não se concretizar em razão da incapacidade do leitor/receptor de estabelecer inferências, ausência de conhecimento partilhado, divergências culturais, desconhecimento lexical, entre outras; ou ainda porque o texto apresenta questões que desafiam a lógica, ou contradições entre as passagens do texto e o conhecimento estabelecido das coisas.

A pesquisa visa averiguar, na prática, o esforço que os diversos leitores, a partir do Princípio de Cooperação, empreendem para construir o sentido através de elementos presentes no texto, e conferir-lhe coerência e humor utilizando todos os recursos disponíveis para essa construção: conhecimento de mundo, capacidade de pressuposição e inferência, adesão ao discurso e contexto em que esteja inserido.

Dependerá, portanto, da competência textual que determina a capacidade das pessoas de produzir e interpretar textos, assim como do saber partilhado entre os interlocutores e a cooperação estabelecida entre eles, de tal modo que eventuais falhas e lacunas, deixadas pelo produtor, possam ser preenchidas pelo recebedor através de deduções.

## **2. ESCOLHA DA CRÔNICA E DO AUTOR**

A crônica "Cumprimentos ao Chef"<sup>2</sup>, publicada no livro *A Mesa Voadora*, de Luis Fernando Veríssimo - um escritor com um potencial humorístico consagrado - apresenta um humor sutil e refinado, aliado à presença dominante de estrangeirismos (termos em francês).

Fato este que provavelmente demanda um maior trabalho interpretativo por parte dos leitores, tanto para captar o senso de humor, como para unir os elementos coesivos produzindo coerência.

---

<sup>2</sup> Vide apêndice.

Trata-se de uma crônica que faz alusão à culinária francesa, à etiqueta, a lugares elegantes, 'glamour', na qual se espera um comportamento estritamente formal por parte das pessoas presentes, em contrapartida a situações inusitadas do cotidiano.

Certamente que, se o cenário fosse um bar de esquina, poder-se-ia esperar outro tipo de comportamento e o texto perderia seu efeito humorístico.

Veríssimo, habilmente, abre um *frame* (restaurante) na mente de seus leitores que buscam textos inteligentes, irreverentes e com uma certa dose de ironia. Desse modo o autor expõe situações cotidianas à crítica e extrai o humor justamente do fato de levar seu leitor, através do conhecimento de mundo partilhado, a lembrar de situações vivenciadas, presenciadas ou apenas imaginadas.

Cabe aqui ressaltar a importância (nesse estudo) da escolha do texto de um autor cujo potencial humorístico não entra em discussão, já que as avaliações de sentido são tão subjetivas que inclusive podem variar com o simples conhecimento da autoria, ou seja, levando a acreditar que: "Em se tratando do Veríssimo é humorístico sim".

Em vista do exposto, a autoria foi omitida durante a pesquisa, mas, para essa análise, é fundamental considerar não somente um texto pretensamente humorístico<sup>3</sup>, como um autor que se confirma humorista<sup>4</sup>.

O gaúcho Luis Fernando Veríssimo não se considera pessoalmente engraçado e afirma que "fazer humor é apenas uma questão de técnica". Possenti (2001:126)<sup>5</sup>, apesar de achar esse um modo simplista de se referir ao humor, ao analisar trechos do escritor constata:

"Veríssimo aplica sua técnica, que poderia ser assim resumida: 'se você tem um enunciado que parece unívoco, mostre que ele é ambíguo'. Em outras palavras, fazer humor é basicamente produzir um equívoco, ou, melhor, desnudar um equívoco possível".

Observa-se que no próprio título (Cumprimentos ao Chef) estão implícitas duas possibilidades: uma frase clichê dita à saída do restaurante para demonstrar agrado, e as várias possibilidades de se cumprimentar o Chef, conforme pode ser constatado ao final da crônica. Formando nesse caso o final inesperado como convém a um texto humorístico.

Alguns elementos, dentre vários, contribuem para caracterizar o texto como de humor: dois *scripts* opostos, comunicação não confiável, incongruência, discurso crítico vigente na sociedade, espiritualidade.

A oposição de *scripts* pode ser verificada logo no primeiro parágrafo da crônica: restaurante/alto poder aquisitivo X "boteco" /baixo poder aquisitivo e na relação cliente/empregados do restaurante. Nesse caso os estrangeirismos

---

<sup>3</sup> que se refere ao humor; em que há estilo espirituoso ou irônico; engraçado (cf. MICHAELLIS: 318).

<sup>4</sup> aquele que fala ou escreve com humorismo (cf. MICHAELLIS: 318).

<sup>5</sup> Sírio POSSENTI, *Os Humores da Língua*, p.126.



cumprem a função de passar de um *script* para outro.

A crítica social que permeia o texto pode ser expressa, como exemplo, através da palavra “gentinha”, relativa ao senso comum vigente de que as pessoas com menor poder aquisitivo não sabem comportar-se e por isso são menosprezadas pelos funcionários de restaurantes finos que preferem atender bem a sua clientela de elite. Verificamos que não se trata de um discurso inovador, mas que se apropria de um discurso vigente.

Trata-se de um discurso de segunda mão – ao leitor é feito um relato pelo autor, em que este último busca a aproximação, identificação e cumplicidade com o leitor para rir com ele, do(s) outro(s), caracterizando a espíritosidade do texto em questão.

Durante a leitura, o receptor é levado por uma premissa falsa de “etiqueta” e “discrição” a imaginar situações formais e surpreende-se, pois a última coisa que se espera de uma pessoa bem-educada é a frase final: “Diga ao *Chef* que o espero na saída.”

A partir do exposto, conclui-se que a intencionalidade do autor de construir um texto humorístico coerente, ou seja, com todos os aspectos que assim o tornam, foi atingida, o que facilmente comprova-se a partir do título do livro, *A Mesa Voadora*<sup>6</sup>, no qual encontra-se publicada a crônica “Cumprimentos ao Chef”.

### **METODOLOGIA E OBJETIVOS DA ANÁLISE**

O método adaptado consiste em investigar, a partir da crônica “Cumprimentos ao Chef”, de Luis Fernando Veríssimo, quais os fatores que levam o leitor a interpretar um texto como humorístico, e quais os elementos, de que modo e com qual intensidade, influenciam na construção da coerência, e conseqüente apreensão do humor subjacente ao texto, visando explicitar a correlação entre Coerência X Humor.

Sabendo de antemão que:

- a intenção do autor não basta para conferir ao texto caráter humorístico;
- o leitor, também, é caracterizado como um produtor de sentidos;
- a coerência é construída a partir do leitor;
- um texto apresenta possibilidades de várias leituras;
- o texto humorístico aponta para uma leitura preferencial.

E, como a interpretação é um fenômeno ligado à competência textual de cada indivíduo em particular, juntam-se às afirmações anteriores as seguintes questões:

a) A capacidade de apreender o humor é proporcional à competência textual do leitor?

b) A coerência confere ou não caráter humorístico ao texto?

Será demonstrado, através de exemplos de interpretações da crônica,

---

<sup>6</sup> Vide Referências Bibliográficas.

coletados em forma de pesquisa, que durante o processo de leitura de um texto humorístico o receptor/leitor pode construir (ou não) um sentido para este, de modo a poder (ou não) extrair dessa interpretação um sentido humorístico.

**A METODOLOGIA SERÁ DESENVOLVIDA DE MODO A ABRANGER:**

- a) elaboração de pesquisa com questões dissertativas e apuração de dados pessoais;
- b) aplicação da pesquisa em público de faixa etária superior a 13 anos;
- c) síntese e análise dos dados;
- d) relatório final e conclusão.

A pesquisa de campo, elaborada a partir de um estudo<sup>7</sup> sobre coerência e humor, divide-se em duas partes: uma com questões discursivas envolvendo a compreensão e interpretação da crônica, e o sentido de humor apreendido (ou não) durante a leitura; outra parte, envolvendo dados pessoais sobre o pesquisado.

Os formulários<sup>8</sup> (crônica + questionário) distribuídos através de abordagem pessoal ou pela Internet, para diversas pessoas com perfis (faixa etária, sexo, padrão sociocultural) diferentes e de localidades distintas, abordam três questões básicas: a compreensão e/ou interpretação do texto, a relação entre léxico/significado/texto, e a classificação do texto.

As pesquisas serão avaliadas a partir do método dedutivo, abrangendo análise, síntese e classificação de dados, e do método comparativo, na análise das respostas que serão separadas em cinco grupos, relativos a faixa etária (13 a 22, 23 a 32, 33 a 41, 42 a 52, e 53 ou mais).

O método indutivo auxiliará na elaboração do relatório final e no critério de relevância dos argumentos apresentados, aliados à pesquisa teórica realizada.

**I. RESULTADOS QUANTITATIVOS**

1- Com base nas interpretações de 34 pessoas, divididas em cinco grupos de acordo com a faixa etária, obteve-se o seguinte perfil:

- 21 pessoas dentre as 34 são do sexo feminino (62%);
- 13 pessoas dentre as 34 são do sexo masculino (38%);
- 25 dentre as 34 apresentam nível superior e/ou especialização (74%);

---

<sup>7</sup> Capítulos um e dois da monografia de mesma titularidade arquivada na Biblioteca das Faculdades Anchieta.

<sup>8</sup> Vide apêndice.

**PERFIL:** FAIXA ETÁRIA X SEXO X ESCOLARIDADE



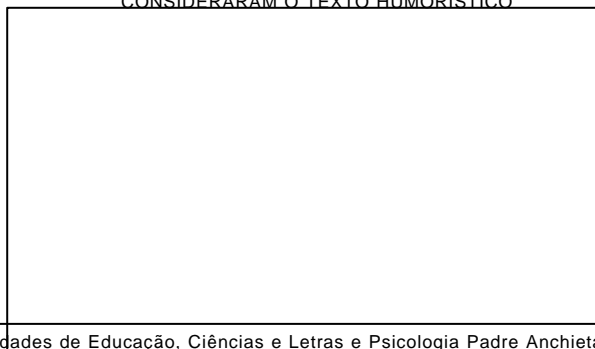
2- Dividindo-se a amostra em **sim**, para as pessoas que interpretam a crônica como humorística, e **não** para as que não a consideram humorística, de acordo com a faixa etária correspondente obtém-se o seguinte resultado:



Observa-se que as respostas **não** concentram-se predominantemente entre **33 a 52** anos (faixa que corresponde a **50%** do total dos pesquisados), com 86% do total.

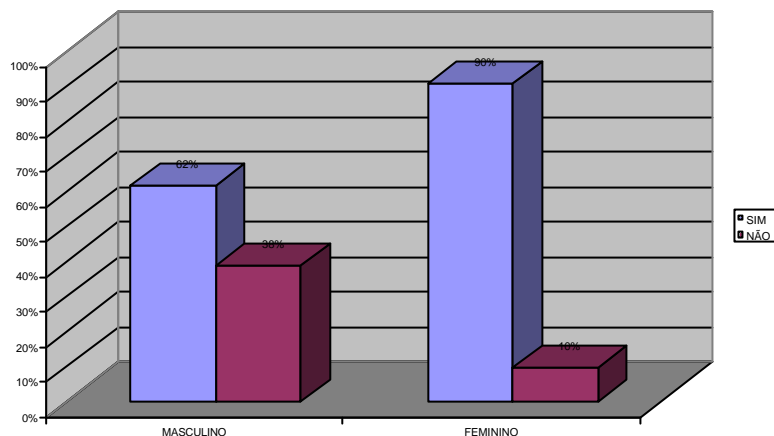
3- Os gráficos a seguir apresentam uma melhor visualização dos resultados.

CONSIDERARAM O TEXTO HUMORÍSTICO



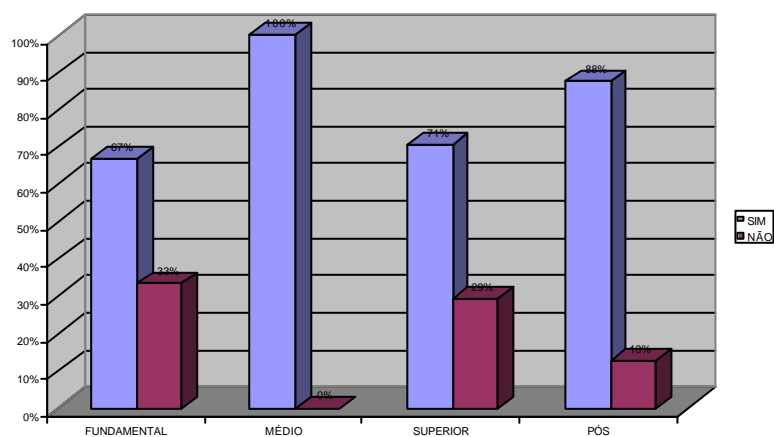
Percebe-se que em **21%** das interpretações a crônica “Cumprimentos ao Chef” **não** foi reconhecida como humorística.

CONSIDERARAM O TEXTO HUMORÍSTICO (POR SEXO)



Com relação à amostra total, **38%** do grupo **masculino não** reconhece o texto como humorístico, contra **10%** do total do grupo **feminino**.

CONSIDERARAM O TEXTO HUMORÍSTICO (POR ESCOLARIDADE)



Considerando a amostra total das interpretações, **33%** dos que apresentam escolaridade do **nível fundamental** e **42%** dos que apresentam escolaridade de **nível superior e/ou especialização não** reconhecem o humor presente na crônica, enquanto 100% dos que apresentam escolaridade média classificam o texto como humorístico.

## II. RESULTADOS QUALITATIVOS

Os critérios adotados para o julgamento do texto são inegavelmente subjetivos. A coerência e a apreensão do humor, presentes no texto em questão, estão em estreita dependência dos conhecimentos partilhados pelos interlocutores. O que faz sentido para um receptor pode parecer absurdo para outro, o nexos entre os elementos textuais pode ser facilmente percebido por um, através das relações lógico-semântico-cognitivas implícitas, e permanecer irrecobrável para outros se não for expresso linguisticamente. O que é comum e cotidiano para um pode ser novidade para outro.

Desse modo, quanto mais informal for a situação e quanto mais conhecido for o assunto, maior será o grau de colaboração do receptor, no sentido de procurar construir coerência para o texto.

A análise das interpretações<sup>9</sup> confirma que o Princípio de Cooperação, que rege a interação comunicativa, possibilita que todos os leitores independentemente de idade, sexo e escolaridade estabeleçam um sentido para o texto, embora não haja uma unanimidade em percebê-lo como humorístico, devido às particularidades de cada construção por parte dos indivíduos envolvidos.

Foram classificadas como “**elaboradas**” as interpretações que demonstram o uso de intertextualidade, contextualização, situacionalidade, que percebem a relação de oposição comum em textos humorísticos (real/fictício, cliente/patrão/empregado, rico/pobre, certo/errado, formal/informal), ou seja, apresentam uma leitura menos literal e realizam uma reflexão **a partir do texto** e, conseqüentemente, dentro desse critério, uma interpretação mais elaborada.

Foram classificadas “**superficiais**” as interpretações cujo conteúdo predominante baseia-se na decodificação do texto, sem buscar significativamente conteúdos externos a ele. Até mesmo quando relacionam a oposição entre os dois *scripts* fazem-no citando relações textuais (restaurante/cliente/empregado/patrão). A leitura é **dependente do texto**.

Para uma melhor análise, a amostra a partir deste ponto será dividida em:

**Grupo do sim** – para os que identificam a crônica como humorística.

**Grupo do não** – para os que não identificam crônica como humorística.

---

<sup>9</sup> Vide monografia.

As razões apontadas para o texto não ser considerado humorístico são as seguintes:

- 1- O texto é explicativo;
  - 2- O texto retrata o cotidiano;
  - 3- O texto é muito mais crítico e irônico do que propriamente engraçado;
  - 4- O texto não desperta risos;
  - 5- O humor não é percebido; e
  - 6- O humor não é predominante no texto (2 respostas).
- Seguem-se as seguintes relações:

**1. PERFIL: FAIXA ETÁRIA X INTERPRETAÇÃO X ESCOLARIDADE**

a) Do Grupo **Não**:

I
---

Aqueles que **não** identificam a crônica como humorística concentram-se na classificação **superficial**.

Convém considerar que as duas interpretações classificadas como **elaboradas** referem-se às razões **3 e 6**, nas quais ainda que minimamente o humor é citado.

b) Do Grupo **Sim**:

--

## **2. RELAÇÃO ESTRANGEIRISMO/COMPREENSÃO X SEXO X ESCOLARIDADE**

Sobre as questões que relacionam a presença dos estrangeirismos com a compreensão da crônica as respostas foram divididas em:

**PC** - para os que consideram **possível compreender** o texto a partir da tradução dos estrangeirismos ou pelo contexto;

**DC** - para os que consideram **difícil compreender** o texto sem conhecer a tradução dos estrangeirismos.


a) Do Grupo **Sim**:



**75%** dos que consideram **difícil compreender** o texto pertencem a faixa etária de

**13-32** anos.

b) Do grupo **Não**:



Percebe-se que, **86%** do grupo **não** e **74%** do grupo **sim** consideram que a presença de palavras em francês não impede um entendimento significativo do texto, que pode ser estabelecido através de inferências, deduções ou através do contexto.

### **3. INTERPRETAÇÃO X ESTRANGEIRISMOS**

Conforme o modo predominante como a função do estrangeirismo foi relacionada com a crônica:

a) Amostra geral



**29%** - relacionam o estrangeirismo apenas à sua função lexical.

**21%** - identificam o uso de estrangeirismos como recurso estilístico do autor .

**50%** - apontam o contexto como justificativa para a presença dos estrangeirismos.

### **4. ELEMENTOS DE HUMOR X IDADE X SEXO X ESCOLARIDADE**

Identificação de alguns elementos presentes nas interpretações que caracterizam o texto humorístico, sendo que em cada interpretação é possível encontrar um, vários ou mesmo nenhum dos elementos citados.

a) Da amostra **Geral**

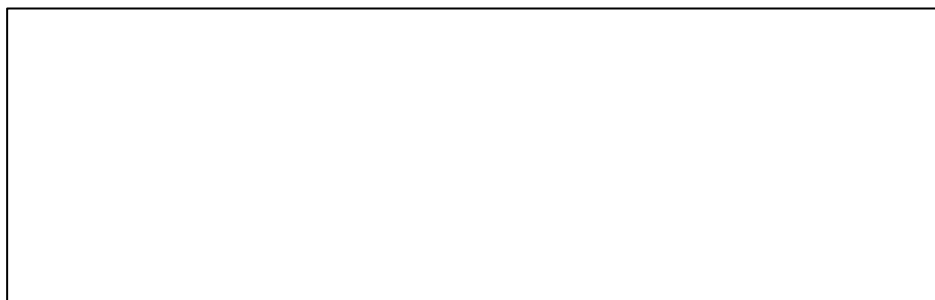


Observa-se que na faixa etária de **33 a 52** anos e com alta escolaridade as pessoas parecem ser mais criteriosas, apresentando um senso de humor diferenciado, diminuindo o elemento descontração e extraindo os elementos de humor a partir da crítica e ironia; também reconhecem melhor a relação de oposição estabelecendo comparações que resultam no sentido de humor



subjacente ao texto.

b) Grupo do **Não**:



Obs: Outros elementos citados que qualificam o texto: irreverente, absurdo, irreal, exagerado, caricato, sutil, refinado, pitoresco.

A análise das interpretações, a partir das tabelas, demonstra que a informação é o aspecto que cada indivíduo, ao seu modo, utiliza para construir um sentido nem sempre humorístico para o texto.

Parece haver uma relação empírica que pode ser assim traduzida: quanto mais idade e escolaridade pode haver um maior conhecimento de mundo, que desencadeia um menor grau de surpresa e informação e resulta em menor interesse e “graça”.

O jovem talvez não possua conhecimento de mundo suficiente, mas encontra-se receptivo às informações e estas o surpreendem.

O adulto torna-se muito crítico quanto ao que lhe faça rir.

Já o idoso, menos crítico, tendo seu conhecimento de mundo construído e consolidado pela experiência, apresenta maior disponibilidade para extrair o humor das situações por ele reconhecidas.

### **DISCUSSÃO**

Considerando-se os aspectos teóricos envolvidos (sobre Coerência e Humor), com base na crônica “Cumprimentos ao Chef” de Luis Fernando Veríssimo, a análise das interpretações revela que os textos humorísticos são independentes e, apesar de o leitor/receptor reconhecer e construir sua coerência, somente esse reconhecimento e construção não são suficientes para a apreensão do humor subjacente ao mesmo.

A possível razão para isto reside no fato de que o leitor/receptor num esforço cooperativo recorre a todos os recursos de seu repertório<sup>10</sup> para conferir sentido ao texto, atribuindo um crédito de coerência para o emissor/autor, pois

---

<sup>10</sup> Rede de referências, valores e conhecimentos históricos, afetivos, culturais, religiosos, profissionais, científicos.

acredita que este escreve com uma intenção pré-determinada passível de ser reconhecida.

Na impossibilidade de restabelecer o sentido pretendido pelo escritor, o leitor cria outro que justifique o texto. Procura reconhecer ao menos um dado informativo no texto e através desse dado o sentido é estabelecido. Portanto não é possível classificar qualquer interpretação de incoerente.

A não ser que seja considerada incoerente ao nível de tipologia, pois o receptor que não consegue captar as intenções humorísticas do autor (e apenas nesse sentido) comete uma falha quanto à interpretação, afinal deixa de perceber a significação pretendida pelo produtor do texto.

Beaugrande e Dressler (1981) e Charolles (1987) afirmam que: “os estudos de tipologia apresentam uma relação indireta com os estudos de coerência”. Já Koch e Travaglia (2002: 40-41) que:

“o conhecimento das superestruturas de cada tipo de texto ajuda o processo de compreensão e tem portanto a ver com coerência [...] fica nossa posição que não se pode falar em diferentes tipos de coerência, mas sim que diferentes tipos de textos podem apresentar diferentes modos, meios e processos de manifestação da coerência em nível da superfície lingüística”.

Considerando-se, apenas para demonstração, a relação Coerência X Humor a partir das interpretações, levando-se em conta a tipologia Texto Humorístico, observa-se que:

- a) Interpretação Incoerente => não se apreende o humor presente no texto;
- b) Interpretação Coerente => pode-se (ou não) extrair o humor.

Tomando-se uma piada como exemplo, pode se chegar à seguinte conclusão: quem não entende a piada não ri; quem entende ri; quem já a conhece não vê mais (ou muita) graça.

A informatividade dessa forma desempenha um importante papel: se o texto for totalmente inusitado será rejeitado, porque o leitor não conseguirá reconhecer e processar as informações; se for totalmente conhecido não haverá graça. É preciso portanto haver o elemento surpresa, ambíguo, que quebre a expectativa e que leve o pensamento por um caminho inesperado.

O humor muda de acordo com a época, o local, os envolvidos, pode ser extraído de situações cômicas e levar ao riso ou gargalhada; pode vir de comparações irônicas e críticas de temas recalcados e assim servir para liberar tensões do inconsciente ao transpô-las para o consciente e liberá-las através do riso; pode derivar de uma surpresa, prazer de desvendar um engano, de reconhecer algo inovador e, nesses casos, promove uma sensação de prazer intelectual, de auto-satisfação.

Outro fator que deve ser considerado, não para que o texto **seja** humorístico, mas para que **possa** ser interpretado como humorístico, é a individualidade do receptor, sua percepção do mundo, a disposição com que recebe as coisas a sua volta, conforme Blinksteim (2000):

“valores e conhecimentos mudam de pessoa para pessoa e de comunidade para comunidade, diferentes repertórios levam a um modo diferente de perceber o mundo, as pessoas, os fatos; levam a diferentes percepções e visões do mundo”.

A interpretação do texto humorístico depende em grande parte do conhecimento partilhado, da competência textual do leitor e também da disposição com que este faz a leitura, suas preferências, predisposição.

Percebe-se dessa forma que apenas a “interpretação coerente” não é suficiente para conferir humor ao texto, nem a leitura mais “elaborada”<sup>11</sup>, nem tampouco a competência textual<sup>12</sup>. Conclui-se que além de todos os aspectos anteriormente abordados, a construção da coerência no texto humorístico encontra-se também em dependência do **senso de humor** do leitor em questão, conceito derivado da medicina antiga que pode ser ilustrado por trechos do texto de Ziraldo<sup>13</sup>:

“[...] e era todo o centro da velha medicina, desde Hipócrates, passando por Galeno até os alquimistas da Idade Média. Eles acreditavam que o organismo do homem era regido por humores... Eram quatro os humores: o sangue, a fleuma, a bile amarela e a bile negra. E eram também estes quatro fluidos ligados aos quatro elementos fundamentais: ao Ar (seco), à Água (úmido), ao Fogo (quente) e à Terra (frio), respectivamente. A predominância acentuada de um deles determinaria o homem sangüíneo, fleumático, o colérico e o melancólico. Como forma de exteriorização dos temperamentos regidos pelos fluidos orgânicos, coube ao colérico o esgar, ao sangüíneo a apoplexia, ao melancólico a lágrima e ao fleumático o sorriso amarelo.[...] Já que a crença que eram os humores que determinavam o temperamento durou tanto é fácil entender que:

1- quem tinha humores mais agradáveis, menos malignos, era um cara de bom-humor;

2- o camarada que tivesse humores coléricos em predominância, seria um tipo de mau-humor;

3- o indivíduo que tivesse seus humores todos muito bem balanceados, seria um bem-humorado;

4- ao contrário, um que não tivesse tudo posto em equilíbrio no corpo (e na cuca), seria um mal-humorado; e, finalmente,

5- o que tivesse a noção dos humores em seu corpo, a capacidade de equilibrá-los por si mesmo e – em consequência – a noção e sentido das coisas em sua volta, este teria o senso dos humores ou em outras palavras – e outra língua – **The sense of humour!**.

---

<sup>11</sup> Vide resultado qualitativo.

<sup>12</sup> Capacidade de estabelecer sentidos a partir de conhecimentos prévios arquivados na memória e elementos presentes no texto.

<sup>13</sup> *Ninguém entende de humor*, Revista Vozes, 3 abr. 1970.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- CHALHUB, S. (2001). *Funções da linguagem*. 11.ed. São Paulo: Ed. Ática.
- CITELLI, A. (2002). *Linguagem e persuasão*. 15.ed. São Paulo: Ed. Ática.
- FÁVERO, L.L.(2000). *Coesão e coerência textuais*. 9.ed. São Paulo: Ed. Ática.
- FREUD, S.(1959). *Obras Completas de Sigmund Freud*. trad. C. Magalhães de Freitas e Isaac Izecksohn. Rio de Janeiro: Delta, 10 v, Parte 1; O chiste e sua Relação com o Inconsciente. p. 3-242.
- KOCH, I.V.(2000). *O texto e a construção dos sentidos*. 4.ed. São Paulo: Ed. Contexto.
- \_\_\_\_\_.(2001). *A inter-ação pela linguagem*. 12.ed. São Paulo: Ed. Contexto.
- \_\_\_\_\_. (2002). *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Ed. Cortez.
- \_\_\_\_\_; TRAVAGLIA, L.C. (2000). *A coerência textual*. 10.ed. São Paulo: Ed. Contexto.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_.(2002). *Texto e coerência*. 8.ed. São Paulo: Ed. Cortez.
- JARDIM, R.S. (2002). *A construção da coerência no texto humorístico, baseada na crônica "Cumprimentos ao Chef" de Luis Fernando Veríssimo*. Monografia. Escolas e Faculdades Padre Anchieta, Centro de Pós-Graduação, Jundiá.
- MICHAELIS(2000). *Minidicionário escolar da língua portuguesa*. São Paulo: Cia Melhoramentos.
- POSSENTI, S.(2001). *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. 2. ed. Campinas: Ed. Mercado de Letras.
- ROSAS, M.(2002). *Tradução de humor: transcribando piadas*. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna.
- VERÍSSIMO, L.F.(2001). *A mesa voadora*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva.

## APÊNDICE

### Crônica “Cumprimentos ao Chef”

O relacionamento de um bom *gourmet* com um bom restaurante deve ser discreto. Os dois não se devem entender, devem se subentender. Deve haver um diálogo de sutilezas através do qual o bom *gourmet* manifesta a sua satisfação com o restaurante e o restaurante manifesta a sua com o bom *gourmet*. Os dois se amam, mas sem arrebatamento. Um bom *gourmet* não pode entrar no seu restaurante preferido como quem entra no boteco de todos os dias, por exemplo. Não pode bater no balcão e gritar:

- Salta um *crème d’asperges* caprichado!

E ainda derramar um pouco de creme no chão, para o santo.

Da mesma maneira, não é admissível que o *maître* e todos os garçons corram para receber o bom *gourmet* na porta e troquem com ele abraços e empurrões bem-humorados.

Discrição. O *maître* deve registrar a presença do bom *gourmet* com um meio sorriso. Um sorriso inteiro seria uma extravagância. Não pode gritar para o fundo do salão:

- Tira essa gatinha aí da mesa oito que chegou o Dr. Fulano!

Deve chamar um garçom e dizer no seu ouvido:

- Tira essa gatinha aí da mesa oito que chegou o Dr. Fulano.

Discretamente.

O garçom conhecido deve demonstrar sua atenção especial para com o bom *gourmet* de pequenas maneiras. Jamais limpando o assento da cadeira com um guardanapo, puxando uma conversa que vai longe (“e o nosso time, doutor?”) ou apertando as bochechas do bom *gourmet* carinhosamente. Deve, apenas, estar atento ao chamado do bom *gourmet* enquanto ignora todos os sinais desesperados das outras mesas.

O diálogo do bom *gourmet* com o *sommelier* deve ser num código particular, aperfeiçoado através de anos de bom convívio. Em vez de dizer o que vai comer e esperar que o *sommelier* sugira o vinho apropriado, o bom *gourmet* deve lhe dizer o que espera do vinho, de acordo com a sua disposição no momento. Deve esfregar os dedos, como quem tenta destilar do ar a palavra certa.

- A noite hoje pede alguma coisa assim, como direi... civilizada, mas com um substrato selvagem, como certas espanholas. Um vinho com epílogo, é isso. Algo zombeteiro. Mas não irreverente e cheio de si, como aquele da semana passada. Você sabe.

- Posso sugerir um *Rez-de-Chaussée*, ano ímpar, das *Caves de Mourville*?

- Experimentemos. Mas se ele não se comportar direito será expulso da mesa em desgraça.

É no seu relacionamento com o *chef*, no entanto, que o *gourmet* mostra que

é bom. Depois de um jantar a seu gosto, deve premiar o cozinheiro com a frase clássica, transmitida ao *maître*, na saída, junto com a gorjeta:

- Meus cumprimentos ao *chef*.

Mesmo depois de uma refeição excepcional, o bom *gourmet* deve resistir à tentação de invadir a cozinha aos gritos de:

- Quero beijar o *chef*! Preciso beijar esse *chef*!

Discretos cumprimentos bastam. No caso de a refeição não estar à altura das suas melhores expectativas, o bom *gourmet* deve apenas perguntar:

- Algum problema com o *chef*? Para mim você pode contar.

O bom *gourmet* pode ser tolerante:

- Diga ao *chef* que a *mousse* de salmão redimiu o resto, mas ali, ali.

Pode ser irônico:

- Diga ao *chef* que eu senti o seu dedo no suflê. Ele deve ser mais cuidadoso com facas...

Crítico, mas construtivo:

- Diga ao *chef* que a sua *sauce périgord* ainda pode ser salva. Precisamos conversar.

Ameaçador:

- Diga ao *chef* que da próxima vez que eu tiver de devolver para a cozinha uma *blanquette de veau* como a de hoje, meus advogados a acompanharão.

Sentido:

- Pergunte ao *chef* se foi alguma coisa que eu lhe fiz...

Enigmático:

- Meus cumprimentos ao *chef* do restaurante ao lado.

Agressivo:

- Minhas desculpas ao *chef*. Pensei que seu *filet em croûte* fosse uma granada e o joguei pela janela.

Bem-humorado:

- Avise ao *chef* que sua *béchamel* passou do ponto e é para ele ir buscá-la no fim da linha.

Patético:

- Meu adeus para sempre ao *chef*.

Ou então radical:

- Diga ao *chef* que o espero na saída!

### Questionário

1- Redija algumas linhas sobre o que você entendeu desse texto.

2- O texto utiliza alguns estrangeirismos que estão digitados em itálico.

Você consegue traduzi-los?

3- Qual a relação desses estrangeirismos com a compreensão do texto?

4- Você classificaria esse texto como humorístico? Por quê?

## **OS TEMPOS VERBAIS NO MUNDO COMENTADO E NO MUNDO NARRADO**

Penha Maria Camunhas Martins\*  
Maria Angélica Simões de Souza Lopes\*\*

### **RESUMO**

Os tempos verbais caracterizam ora a ordem do discurso, ora a ordem da história. Seguindo a Teoria da Enunciação proposta por Benveniste e adotada por H. Weinrich e tomando para análise um texto jornalístico, este trabalho pretende mostrar, pelo uso dos tempos verbais, não só a diferença entre o mundo comentado e o mundo narrado, mas também sua força argumentativa.

**Palavras-chave:** mundo comentado, mundo narrado, tempos verbais, argumentação.

### **ABSTRACT**

Verbal tenses characterize sometimes the order of the speech and sometimes the order of the history. According to the Theory of Enunciation proposed by Benveniste and followed by H. Weinrich, and considering a journalistic text for analyses, this paper intends to demonstrate, using verbal tenses, not only the difference between the commented and the narrative worlds, but also its argumentative power.

**Key words:** commented world, narrative world, verbal tenses, argument.

A Teoria da Enunciação teve como precursor o russo M. Bakhtin. Na França, o lingüista Émile Benveniste (1989) se propôs a estudar a subjetividade na língua, o “aparelho formal da enunciação”, e tomou como ponto de partida os sistemas pronominal e verbal do francês. Com isso, a teoria de Bakhtin ganhou impulso.

Na lingüística do discurso, o termo enunciado tem sido usado para a manifestação concreta de uma frase, em situação de interlocução. Frase entendida como unidade formal do sistema da língua estruturado de acordo com os princípios da gramática, passível de um sem número de realizações (Koch, 2000). Enunciação, por sua vez, é entendida como evento único e jamais repetido na produção de um enunciado, pois determina a que título aquilo que se diz é dito. Podemos dizer, então, que o enunciado é aquilo que é dito e a enunciação o modo como o que se

---

\*Pós-graduanda do Curso de Criatividade e Produção de Textos das faculdades Padre Anchieta de Jundiá e Supervisora de Ensino, aposentada, da rede pública.

\*\*Pós-graduanda do Curso Criatividade e Produção de Textos das Faculdades Padre Anchieta de Jundiá e Professora do Ensino Fundamental da rede pública e particular.

diz é dito. A enunciação pode ter diferentes sentidos: demonstrar uma surpresa, tratar-se de uma simples afirmação ou de uma pergunta ou até mesmo de um convite. Exemplificando, o enunciado "A tarde está fria" pode ter diferentes sentidos em situações diversas de enunciação: pode tratar-se de uma simples constatação, portanto uma asserção, uma pergunta (*A tarde está fria?*), uma surpresa (*A tarde está fria!*); como pode tratar-se de um convite para assistir a um filme ou tomar um chocolate (por exemplo você está em casa, a tarde está fria e sem nada para fazer com seus filhos, o frio lhe sugere assistir a um filme na televisão, comendo pipoca, ou sentar-se à mesa, tomar uma xícara de chocolate quente com uma fatia de bolo).

Segundo Koch (2002), a maioria das relações existentes entre os enunciados componentes de um texto só podem ser detectadas por meio de uma gramática textual ou macrossintaxe do discurso. De acordo com as intenções do falante e com o sentido que se pretende dar ao discurso, os enunciados encadeados uns sobre os outros trazem relações de ordem pragmática, isto é, ligadas ao momento da interação. Tais relações se revelam pelos operadores argumentativos, que estruturam os enunciados em um texto verbal linear.

O encadeamento de segmentos textuais, de qualquer extensão (períodos, parágrafos, subtópicos, seqüências textuais, ou partes internas do texto), é estabelecido, em grande número de casos, por meio de recursos lingüísticos que se denominam articuladores textuais ou operadores de discurso.

As pressuposições, as intenções, a atitude, os operadores argumentativos, as imagens recíprocas e as máscaras aparecem no discurso pelas marcas lingüísticas, que fazem com que ele seja um verdadeiro retrato de sua enunciação.

Considerando essas marcas fundamentais para a análise de um discurso é que temos por objetivo não só diferenciar o mundo narrado do mundo comentado, pelo uso dos tempos verbais, como mostrar sua força argumentativa.

Para demonstrar como esses dois mundos aparecem em um discurso persuasivo, faremos a análise do artigo jornalístico sobre o Presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, após a sua eleição. Trata-se do artigo "Só Ele Mesmo", de Maurício Lima, publicado na Revista Veja, de 4 de dezembro de 2002, que narra e comenta parte do encontro de Lula com as lideranças sindicais, quando criticou a atuação dos sindicatos de forma contundente.

### **AS MARCAS LINGÜÍSTICAS DO TEXTO: TEMPOS VERBAIS**

Benveniste (1989) afirma que existem dois planos de enunciação: o discurso e a história, cada um com um tempo verbal característico. Na história, tem-se o relato de fatos passados, sem que o locutor se envolva. A história é caracterizada com o uso do pretérito perfeito simples do indicativo e dos pronomes da não pessoa. Benveniste distingue os pronomes da pessoa (1ª e 2ª), que designam os



interlocutores, os sujeitos envolvidos na interlocução (eu, tu, você; nós, vós, vocês) dos pronomes da não pessoa (3ª), que designam os referentes (seres do mundo extralingüístico de que se fala) e, assim, pertencem a classes diferentes. O imperfeito, o mais-que-perfeito e o futuro do indicativo também são tempos verbais da narração. O discurso, por sua vez, é uma enunciação que pressupõe um locutor e um ouvinte, onde há intencionalidade e o primeiro tenta influenciar o segundo. Temos instaurados o “eu” e o “tu”. “Em função do “eu” caracterizam-se o aqui e o agora, todas as coordenadas espaço-temporais”. (Koch, 2000) Os tempos verbais característicos do discurso são o presente, o pretérito perfeito composto e o futuro do presente, todos do indicativo. Comuns tanto para a história como para o discurso na 1ª, 2ª e 3ª pessoas são o imperfeito e o mais-que-perfeito.

Para Benveniste, os tempos verbais caracterizam ora a ordem do discurso, ora a ordem da história.

Com base nos tempos verbais do francês, H. Weinrich (1964), lingüista alemão, toma os tempos verbais para distinguir a atitude comunicativa: “o mundo comentado” (comentário) e o “mundo narrado” (relato). Classifica os tempos verbais em dois grandes grupos, que podem caracterizar essa atitude comunicativa do locutor como relato ou comentário. Constituem tempos da narrativa: o imperfeito e o perfeito do indicativo (tempos zero), o mais-que-perfeito, o futuro do pretérito do indicativo e as locuções verbais em que entram esses tempos. Sempre que o locutor emprega estes tempos verbais, assume o papel de narrador e o receptor converte-se em simples ouvinte. Os tempos do comentário são o presente (tempo zero), o pretérito perfeito composto, o futuro do presente e as locuções verbais formadas com estes tempos. O emprego destes tempos indica ao ouvinte que o discurso o afeta de forma direta e exige dele uma resposta, seja ela verbal ou não verbal.

Na língua portuguesa, o pretérito perfeito deve ser incluído com valor retrospectivo com relação ao tempo zero (presente) pelo fato de ocorrer uma neutralização entre esta forma e a do perfeito como tempo zero do mundo relatado.

Por essa classificação, verifica-se a necessidade de concordância entre os tempos verbais dentro de um mesmo período. Quando ocorre o emprego de uma forma pertencente a outro grupo, dentro do mesmo período, tem-se uma metáfora temporal, isto é, relata-se como se se comentasse para acentuar a validade do relato e comenta-se como se se narrasse, diminuindo a força do comentário, não se engajando nele totalmente. O locutor não se responsabiliza pela veracidade da notícia.

Existem, na verdade, três dimensões do sistema temporal, ligadas à situação comunicativa: atitude comunicativa (narrativa e comentadora), perspectiva comunicativa (tempos de grau – sem perspectiva e tempos com perspectiva: prospecção e retrospectão) e relevo (1º plano e 2º plano, que só aparecem em alguns setores do sistema temporal). O que diferencia o imperfeito do passado simples, com base na noção de relevo narrativo, é que o passado simples é na narrativa o tempo do

primeiro plano e marca todas as unidades de ação da narrativa e o imperfeito, por sua vez, constitui o tempo do segundo plano, fornece o pano de fundo e aparece, com freqüência, na introdução e na conclusão. O uso do imperfeito ganhou destaque na época do realismo, quando o pano de fundo era mais importante do que a própria narrativa.

Os “modos” subjuntivo e imperativo, bem como infinitivo, gerúndio e particípio (semitempos), se mostram indiferentes à distinção entre mundo comentado e mundo narrado. Esses “modos” verbais podem fixar a perspectiva ou estabelecer o relevo. Apresentam-se, na maioria das vezes, ligados ao tempo pleno, que lhes determina a situação comunicativa. Dependem, como veremos, de outros elementos ligados ao contexto lingüístico para completar a informação.

Weinrich (1964) diz que todas as informações trazidas pela forma verbal são informações sintáticas. Para ele, a situação comunicativa é a medida de todo o sintático. Assim, define sintaxe como a parte da ciência da linguagem que estuda o enlace direto ou indireto da significação com a situação comunicativa.

Há diferença entre este novo conceito de sintaxe e o encontrado em gramáticas e obras lingüísticas tradicionais. É o que se denomina “macrossintaxe do discurso”.

Essa teoria vale, também, para o português, embora o pretérito perfeito simples apresente alto índice de uso tanto para o relato como para o comentário. O emprego do perfeito composto, por sua vez, limita-se ao mundo comentado. Para Koch (2002), quando a co-ocorrência do perfeito simples com tempos do mundo comentado não se dá dentro de um mesmo período, é possível considerar tais empregos como momentos narrativos dentro do comentário: induz-se um relato para servir de base a um comentário posterior, ou faz-se o comentário, acrescentando-se, a seguir, um argumento ou uma exemplificação em forma de relato. Quando há a co-ocorrência dentro de um mesmo período, de acordo com a posição de Bull (1960), podemos dizer que existe uma neutralização entre duas formas distintas: a que constitui o tempo zero do mundo narrado e a que representa a perspectiva retrospectiva em relação ao tempo zero no mundo comentado.

Para demonstrar a diferença entre o mundo narrado e o mundo comentado, pelo uso dos tempos verbais, passaremos à análise do texto artigo de Maurício Lima. (em anexo)

### **CARACTERIZAÇÃO DO ARTIGO JORNALÍSTICO**

Segundo a classificação de Eni Orlandi (2002), também adotada por Citelli (2002), os discursos podem ser: polêmicos, lúdicos e autoritários.

Essas categorias não são formas puras e sim híbridas, existindo, porém, a preponderância de uma sobre outra. Portanto, não são categorias autônomas, mas de dominância. Para Citelli (2002), o polêmico pode conter o lúdico, ou o autoritário

o polêmico etc. Ocorre que uma das formas estará sempre em situação de dominância, sendo mais visível, portanto caracterizadora. O artigo referência da análise proposta é autoritário, quando traz o caráter institucional representado pelo governo da época em que foi escrito: "... Lula ultrapassou de longe o que poderiam ousar Malan e Fernando Henrique, se somassem suas forças". Aqui o signo lingüístico se fecha e irrompe a voz da "autoridade" sobre o assunto. É também polêmico, quando traz o embate/debate, fazendo diminuir o seu grau de polissemia: "Só mesmo um presidente que veio do meio sindical e da esquerda teria respaldo ideológico e político para colocar esse freio nos sindicalistas de maneira tão dura e explícita". Será que para conduzir essa questão como Lula o fez, o presidente terá de ser obrigatoriamente do mesmo partido dos trabalhadores e ter origem no sindicalismo, ou somente o fato de o presidente ser eleito pelo povo, o respaldo popular não lhe garante tal autoridade?

### **ANÁLISE DO ARTIGO**

O primeiro parágrafo inicia-se com os verbos no pretérito perfeito e pretérito imperfeito, portanto no mundo narrativo, onde o autor faz uma retrospectiva da época de campanha eleitoral para a Presidência da República. "Os adversários do presidente Luiz Inácio Lula da Silva elaboraram uma máxima durante a campanha: a aparência suave e o tom conciliador das propostas do candidato petista não passavam de um lance de marketing." Finaliza com o verbo no futuro do pretérito, como metáfora temporal, indicando suposição. "O verdadeiro Lula, radical e sectário, só iria aparecer depois das eleições". Os adversários supunham que o verdadeiro Lula, radical e sectário, imagem real que tinham dele, só apareceria depois da vitória nas eleições. O "ethos" positivo foi uma construção de marketing.

Quem construiu essa imagem do presidente eleito foram seus adversários. A voz do outro (polifonia) aparece logo no início, como força argumentativa.

Na seqüência do parágrafo, passa da narrativa para o comentário: "Pelo que se viu até agora, esse Lula foi de fato colocado para hibernar sem data para retorno". O pretérito perfeito (viu e foi) aparece com valor retrospectivo com relação ao tempo zero (presente).

Reforça seu comentário, dá certeza à sua afirmação "... esse Lula foi de fato colocado para hibernar sem data para retorno", usando o indicador modal de fato. O uso da metáfora hibernar diminui o caráter opinativo e aparece para apresentar semelhança com estar dormindo.

Continua seu comentário, agora usando o verbo no presente (tem), mas termina a frase com o verbo no futuro do pretérito, próprio da narrativa, supondo o fato de que o atual Ministro da Fazenda, Pedro Malan, enfrentaria com serenidade as delicadas questões nacionais, como Lula tem feito. Emprega adjetivos, cita questões cruciais para o povo brasileiro como força argumentativa: "Lula, ainda durante a

transição, tem enfrentado questões delicadas, como as pressões para o aumento do salário mínimo, a necessidade do futuro governo de puxar para cima as alíquotas do imposto de renda e a necessidade de honrar os contratos com o FMI, com a mesma serenidade com que faria o atual ministro Pedro Malan, da Fazenda".

Volta a narrar o evento mostrando Lula como um líder ousado, que superou a Malan e a Fernando Henrique, quando escreve: "Na semana passada, Lula ultrapassou de longe o que poderiam ousar Malan e Fernando Henrique se somassem suas forças". A narrativa demonstra a identidade de Lula com a platéia pelo uso da expressão velhos companheiros, o que lhe garantiu o direito de defender a reforma da Previdência, combater as reivindicações permanentes por aumentos e criticar a atuação dos próprios sindicatos.

Finalizando este primeiro parágrafo, traz a palavra do presidente para dentro do texto como força argumentativa.

Inicia o segundo parágrafo com "Só mesmo um presidente...", puxando para a tese (título) Só mesmo ele. A tese indica que só Lula pode, por sua história de vida, fazer das necessidades dos trabalhadores ações governamentais. Continua comentando o evento, usando como argumento a história de vida do presidente eleito, que veio do meio sindical e da esquerda. O emprego desses termos, na medida em que, geralmente, se têm os sindicatos de trabalhadores como organizações de oposição ao governo e às empresas, dá força argumentativa para a suposição de que só ele mesmo tem respaldo ideológico e político para breçar a ação dos sindicalistas, enfatizando essa crítica com o uso da metáfora colocar esse freio e dos adjetivos dura e explícita: "... teria respaldo ideológico e político para colocar esse freio nos sindicalistas de maneira tão dura e explícita".

Apela para o conhecimento que o leitor tem da trajetória de vida e política dos opositores de Lula e nomeia-os para reforçar o argumento de que somente ele pode ter essa atitude sem ser responsabilizado de conspirar contra os trabalhadores. Atenua sua assertiva com o emprego do verbo no futuro do pretérito e do modalizador provavelmente, isto é, os opositores poderiam ou não ser acusados de conspirar contra os trabalhadores. "Qualquer outro de seus concorrentes na eleição, José Serra, Ciro Gomes ou Anthony Garotinho, seria provavelmente acusado de conspirar contra as conquistas dos trabalhadores".

Volta à narrativa, estabelecendo oposição ("Ao contrário do que era esperado, o presidente eleito...") entre a atitude do presidente eleito e a atitude que dele esperavam. Pela sua história e pela familiaridade com a platéia ("... que presidiu o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo..."), esperava-se que ele exaltasse o sistema sindical do país, do qual ele faz parte, mas fez duras críticas e de forma explícita ("... nem sequer se deu ao trabalho de suavizar suas críticas com algumas menções favoráveis ao corporativismo sindical brasileiro").

Da narrativa passa a comentar que por Lula ter uma ideologia, ser um político de esquerda, em sua origem, ser um sindicalista e por isso ter identidade com a

platéia do evento, só ele tem autoridade para cobrar da mesma sacrifícios e mudança de postura diante do seu governo, já que os problemas do país são bem maiores do que os de uma categoria profissional ("...que ser governo é bem mais difícil do que ficar na porta de fábrica pedindo aumentos ao patrão".) Para dar veracidade ao seu argumento traz, novamente, para dentro do seu artigo a voz do presidente eleito: "Que diabo de sindicalistas revolucionários somos nós, que só sabemos pedir o bem-bom onde já está mais ou menos bom?"

Na narrativa final: "Depois do desnudamento impiedoso das práticas sindicais correntes no Brasil, Lula saiu aplaudido do encontro", o autor mostra o Lula sectário e radical, quando utiliza a expressão "desnudamento impiedoso" e o líder forte, ousado e com autoridade, quando narra que ele saiu aplaudido. E comenta: "Surpreendente".

Para o leitor fica a pergunta: Autoritário ou Autoridade? Só o tempo dirá.

Pela análise do texto jornalístico, pode-se verificar de forma prática não só o papel dos tempos verbais na distinção do comentário e do relato numa atitude comunicativa, mas também sua força argumentativa. Fica muito claro que sempre que utilizamos o imperfeito e o perfeito do indicativo (tempos zero), o mais-que-perfeito, o futuro do pretérito do indicativo e as locuções verbais em que entram esses tempos, temos uma narrativa, através da qual o locutor assume o papel de narrador e o receptor o de ouvinte. Quando são empregados o presente (tempo zero), o pretérito perfeito composto, o futuro do presente e as locuções verbais formadas com estes tempos verbais, temos o comentário, pelo qual o discurso afeta de modo direto o ouvinte e exige dele uma resposta.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

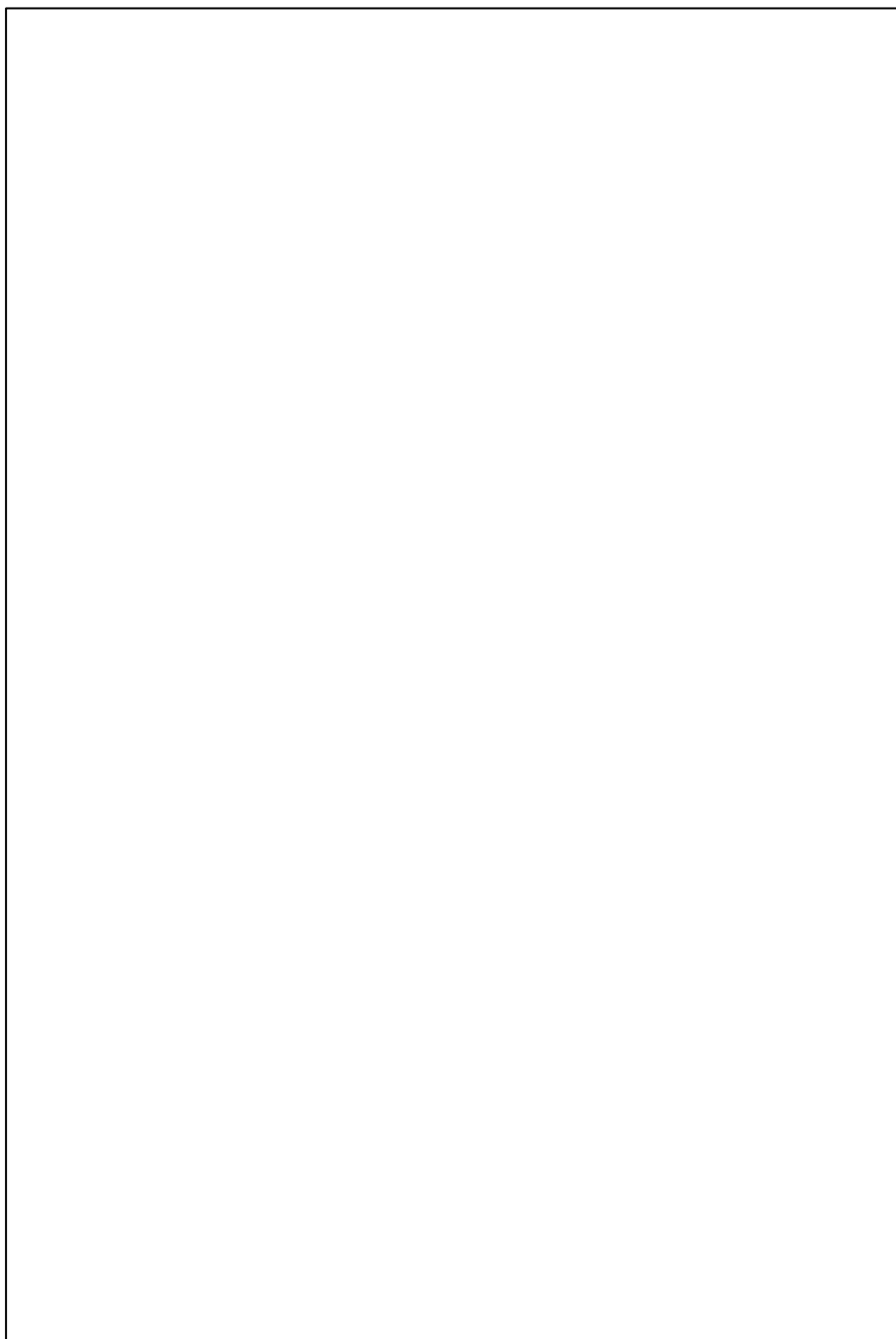
ABREU, Antonio Suárez. (2002). *Curso de redação*. 11. ed. São Paulo. Ática.

CITELLI, Adilson. (2002). *Linguagem e persuasão*. 15. ed. São Paulo. Ática.

KOCH, Ingedore G. Villaça. (2002). *Argumentação e linguagem*. 7. ed. São Paulo. Cortez

\_\_\_\_\_. *A Inter-ação pela linguagem*. 5. ed. São Paulo. Contexto.

ORLANDI, Eni P. (2002). *Análise do Discurso*. 4. ed. São Paulo. Pontes.



## **O DISCURSO AUTORITÁRIO PRESENTE NA PUBLICIDADE**

*Vanessa Fernanda Bernardinelli\**  
*Ana Paula Silva Zarpon\*\**

### **RESUMO**

A sociedade moderna está fortemente impregnada pelo autoritarismo no discurso. A persuasão ganhou a força do mito e o presente artigo tem por objetivo analisar o discurso autoritário embutido no texto publicitário. Afinal, a propaganda é ou não a alma do negócio?

**Palavras-chave:** Comunicação, autoritarismo, propaganda, argumentação e persuasão.

### **ABSTRACT**

The modern society is strongly impregnated with authoritarianism in its speech. Persuasion has defeated the power of the myth and the present article has the objective to analyze the authoritarian speech embedded in the advertising text. After all, isn't advertising the essence of the business?

**Key-words:** Communication, authoritarianism, advertising, persuasion, argument.

Nas sociedades atuais, a comunicação assume uma competência importantíssima. Dela depende o êxito e a realização humana tanto pessoal quanto profissional. Por este motivo se faz necessário sabermos convencer e persuadir. Tanto um quanto o outro faz parte do processo de argumentação e esta por sua vez se instala na retórica.

Então, para convencer as pessoas, é preciso descobrir a opinião que elas têm sobre um assunto e qual é o "estado físico" dessa opinião. A publicidade assume papel importantíssimo nesse aspecto, já que busca o convencimento das pessoas.

Tudo aquilo que pensamos e fazemos é fruto dos discursos que nos constroem, enquanto seres psicossociais. Na sociedade em que vivemos, somos moldados por uma infinidade de discursos (ABREU, 2001) que tentam nos convencer e persuadir.

Os anúncios ou reclames surgiram, no Brasil, para refletir a existência da sociedade mercantil, havendo mais informação sobre as qualidades dos objetos ou serviços

---

\* Aluna do curso de pós-graduação Criatividade e Produção de Textos e licenciada em Letras nas Faculdades Padre Anchieta de Jundiá. Docente do Ensino Fundamental I da rede municipal de Várzea Paulista.

\*\* Aluna do curso de pós-graduação Criatividade e Produção de Textos das Faculdades Padre Anchieta de Jundiá. Profissional de Comunicação na empresa Elekeiroz S.A.

anunciados, ainda sem a existência da persuasão. Porém, com a era industrial, surgiu a necessidade de aumentar o consumo dos bens produzidos, mudando esse conceito, enfatizando agora mais a persuasão do que a informação e tornando a publicidade uma técnica complexa, com objetivo de curtos e longos prazos.

Já a propaganda – gerúndio latino do verbo *propagare* – é a divulgação de idéias, crenças, princípios e doutrinas, atividade peculiar a vários tipos de organizações econômicas, sociais e políticas. É conceituada como o conjunto de técnicas e atividades de informação e persuasão destinadas a influenciar, num determinado sentido, as opiniões, os sentimentos e as atitudes do público receptor.

O texto publicitário nasce na conjunção de vários fatores, quer psicossociais e econômicos, quer de uso daquele enorme conjunto de efeitos retóricos aos quais não faltam as figuras de linguagem, as técnicas argumentativas, os raciocínios (A. CITELLI, 2002, p.43).

Por exemplo:

O barato do estilo

Novas pontas de estoque unem charme e bom preço

Pontas de estoque abarrotadas de peças com pequenos defeitos e botões pendurados são coisa do passado. Nas novas lojas do gênero, charme e sofisticação são tão importantes quanto etiquetas remarcadas. Nas pontas de estoque as novidades pintam toda semana. “O grande barato desse comércio é a pescaria”.

(Veja Rio, 12 de novembro, 1997.).

No texto publicitário acima são utilizados, intencionalmente, os recursos lingüísticos e visuais para obter a ambigüidade, e, em conseqüência, atingir seu objetivo persuasivo. Por exemplo, o vocábulo *barato* remete a dois sentidos distintos: bom preço e boa qualidade.

Como outro exemplo podemos citar:

“Felicidade é o equilíbrio entre beleza exterior e interior”. (Honda Fit)



**HONDA**  
O melhor sempre é melhor

**Felicidade é o equilíbrio entre**

**beleza exterior e interior.**

Produção no Brasil. Sistema 152 com 24 conexões de leitura. Espaço cockpit e visual. Indicações de RPM, motor suave e silencioso. Transmissão manual de 5 marchas, direção turística e precisa. Carro de 2000cc. 168cv. 2000cc. 184cv.

Ar-condicionado automático • Injeção eletrônica • Direção elétrica • Caixa de câmbio automática • ABS • Airbag para motorista e passageiros • Airbag de segurança para o motorista • Airbag de segurança para o passageiro • Airbag de segurança lateral para o motorista e passageiro • Airbag de segurança lateral para o motorista e passageiro • Airbag de segurança lateral para o motorista e passageiro • Airbag de segurança lateral para o motorista e passageiro

+ + +

TEST DRIVE

+ + +

Figura do fit com o vida, chegou Honda Fit.

Ligue 0100 201 1412 e descubra a concessionária mais próxima. [www.honda.com.br](http://www.honda.com.br)

HONDA

1. O *slogan* está formado de sete palavras gramaticais (deixam-se de lado artigos e conectivos). Um bom *slogan* tem entre quatro e sete palavras gramaticais; logo, o nosso exemplo seria tecnicamente de “bom tamanho”.

2. O raciocínio é o mais formal possível. Trata-se de um silogismo (forma de raciocínio que passa por três fases: premissa maior, premissa menor e conclusão):

Premissa Maior: As pessoas felizes possuem um Honda Fit.

Premissa Menor: Você quer ser uma pessoa feliz.

Conclusão: Você deve comprar o Honda Fit.

3. Uso de figuras de retórica. Existem duas figuras: a comparação e a hipérbole. Através da primeira, ocorre a comparação entre a beleza interior e exterior (o carro é tão bonito por dentro quanto por fora, foi comparado e chegou-se ao equilíbrio. O mesmo ocorre com pessoas felizes, que são bonitas por dentro e por fora) e, com relação à segunda, se comete um exagero respeitável que é o de quem possui um Honda Fit ser feliz devido a tanta beleza.

4. O *slogan* se abre para duas realidades de forte pressão psicossocial:

Exclusão: Ninguém deseja ser socialmente excluído, pessoas infelizes se excluem socialmente, o que caracteriza uma situação um tanto desagradável.

Símbolo: Vivemos em um mundo que não gosta do feio. Ainda que não saibamos muito bem o que vem a ser tal categoria estética, a simples palavra já nos atemoriza. Possuir o belo é o mesmo que estar estigmatizado pelo sucesso e pelo triunfo. O convite à beleza soa como obrigação.

No discurso publicitário, assim como em outros meios de comunicação de massa, encontra-se o discurso autoritário de forma mais ou menos mascarada. O chamado discurso publicitário tem por objetivo racionalizar o consumo, além de se apresentar em algumas instituições como a família, igreja, entre outras.

No discurso autoritário, que é uma formação discursiva por excelência persuasiva, se instalam todas as condições para o exercício de dominação pela palavra. Aquilo que se convencionou chamar de processo de comunicação praticamente desaparece, visto que o *tu* se transforma em mero receptor, sem qualquer possibilidade de interferir e modificar aquilo que está sendo dito. É um discurso exclusivista, que não permite mediações ou ponderações; lembra um circunlóquio: como se alguém falasse para um auditório composto por ele mesmo (CITELLI, 2002).

Segundo o que nos propõe Courdresses ([s.d.], apud CITELLI, 2002, p.40-1), a análise dos discursos deve ser considerada em função de quatro elementos: distância, modalização, tensão e transparência.

Analisaremos a seguir a propaganda do novo Honda Fit (anexo I), dentro dos quatro elementos citados acima:

1. Distância (atitude do sujeito falante face ao seu enunciado):

No caso da propaganda analisada (anexo I), nota-se a que a voz do enunciador é mais forte que os elementos anunciados. O sujeito é falante exclusivo. O enunciado está marcado por uma espécie de “desaparecimento” dos referentes.

2. Modalização (modo como o sujeito constrói o enunciado):

O texto autoritário, persuasivo, possui traços muito peculiares como o uso do imperativo (“*Fique de Fit com a vida. Chegou Honda Fit*”), o caráter parafrásico, isto é, a repetição de fala já sacramentada (“Felicidade é o equilíbrio entre beleza exterior e interior”), entre outros.

3. Tensão (relação que se estabelece entre o emissor e o receptor):

Não há possibilidade de o emissor revidar o conceito dado sobre o carro, pois, segundo o enunciador, as características apresentadas são óbvias e evidentes, e são tudo o que o consumidor precisa. Desta maneira, o emissor domina a fala do receptor, não abre espaço para a existência de respostas. É um eu impositivo, é a voz de quem comanda.

4. Transparência (maior ou menor grau de transparência, ou opacidade, do enunciado):

Torna o enunciado mais facilmente compreensível pelo receptor através do uso das figuras icônicas e dos sinais gráficos (+ e =, no caso da nossa propaganda). A mensagem é mais claramente afirmada. Com isso, o signo tem seu grau de polissemia diminuído. A metáfora não convive muito bem com a violência do convencimento autoritário.

Um texto publicitário pode tender à busca de uma originalidade instigante, ou seguir uma direção oposta, repetindo esquemas estereotipados, feitos em menor grau de originalidade.

A propaganda do Honda Fit é estereotipada, pois a maioria das concessionárias hoje apela para aquilo que o consumidor mais espera de um carro: conforto, beleza exterior e interior etc.

Justo, exato, adequado são apenas alguns significados para a palavra *fit* da língua inglesa, de fácil memorização, que define exatamente o conceito do novo monovolume compacto da Honda: um automóvel ideal para os variados momentos e etapas da vida das pessoas.

Em virtude da sua versatilidade, o Honda Fit tem um público-alvo amplo, independentemente da faixa etária. Pode ser o jovem em busca do primeiro carro, fácil de dirigir, moderno e esportivo. O casal que precisa de um veículo econômico e compacto, com muito espaço para bagagem e com ótima relação custo-benefício. Adultos solteiros que precisam de um modelo compacto e prático para o uso no dia-a-dia. Donas-de-casa ou mães de família que escolhem seu veículo pelo espaço interno e versatilidade, essenciais para quem vai às compras ou leva as crianças à escola.

Seja qual for o perfil do usuário ou a finalidade, esses consumidores têm algumas características em comum: desejam um automóvel econômico, espaçoso, ágil e com personalidade e estilo que os diferencie. Por isso, ao idealizar o Honda Fit, a Honda não partiu de algo estabelecido, mas criou uma nova proposta de valor e conceito para automóveis compactos, atendendo ao máximo às exigências e

ultrapassando as expectativas dos usuários desse segmento.

Conclui-se que no discurso autoritário é que se instalam todas as condições para o exercício de dominação pela palavra. Aquilo que se convencionou chamar de processo de comunicação praticamente desaparece, o signo se fecha e irrompe a voz da “autoridade” sobre o assunto, aquele que irá ditar verdades como num ritual entre a “glória” e a “catequese”. É na forma discursiva que o poder mais escancara suas formas de dominação e a sociedade moderna está fortemente tomada por esta marca no discurso.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABREU, Antônio Suárez. (2001) A arte de argumentar. São Paulo: Ateliê Editorial.

CITELLI, Adilson. (2002) Linguagem e persuasão. São Paulo: Ática.

<http://www.projetolemes.kit.net/>

[http://www.honda.com.br/html/news/Alegria\\_marca\\_a\\_campanha\\_publicitaria\\_do\\_Honda\\_Fit.doc](http://www.honda.com.br/html/news/Alegria_marca_a_campanha_publicitaria_do_Honda_Fit.doc)

## **MULTIPLE INTELLIGENCES AND ITS CONTRIBUTION TO TEACHER'S DISCOURSE**

*Letícia de Oliveira Ferrazzo\*\**

### **RESUMO**

Neste artigo será evidenciado o princípio da Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner (1985). Serão apresentadas algumas características de cada inteligência e um teste para verificar qual é a inteligência predominante nos alunos. Os dados apresentados foram coletados com base no referencial teórico de Antunes (2001 e 2002), Armstrong (2001), Cardoso (2001), Gardner (1985 e 1995) e Almeida Filho (1998), tendo como objetivo maior provocar uma reflexão no professor sobre como este poderá colaborar, de modo mais significativo, na construção do processo de aprendizagem de seu aluno através da teoria das Inteligências Múltiplas.

**Palavras-chave:** inteligência, inteligências múltiplas, Howard Gardner, discurso do professor

### **ABSTRACT**

This paper has the objective to discuss the Multiple Intelligence according to the Howard Gardner's Theory (1985). We will also approach some characteristics from each intelligence and apply a test to check which intelligence prevails on students. Data was collected based on the theoretical reference of Antunes (2001 and 2002), Armstrong (2001), Cardoso (2001), Gardner (1985 and 1995) and Almeida Filho (1998), having the main goal to provoke teachers to reflect on how they can contribute in a more significant way with the development of a learning process by means of the Multiple Intelligence Theory.

**Key words:** intelligence, Multiple Intelligence, Howard Gardner, teacher's lecture.

### **I. INTRODUCTION**

Dr. Howard Gardner, author of *Frames of Mind* and co-director of Project Zero at Harvard University, has created a Theory of Multiple Intelligences. He points out that school systems often focus on a narrow range of intelligence that

---

\*Trabalho realizado na disciplina "O Discurso do Professor de Língua Inglesa", sob orientação do Prof. Ms. Elcio Camilo Alves de Souza e sob a coordenação da Profa. Ms. Romilda Del Antonio Taveira.

\*\*Aluna do curso de Pós-Graduação em Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa (Lato Sensu) das Faculdades Padre Anchieta. Professora de Inglês para executivos, crianças e alunos particulares.

involves primarily verbal/linguistic and logical/mathematical skills. While knowledge and skills in these areas are essential for surviving and thriving in the world, he suggests that there are at least six other kinds of intelligence that are important to fuller human development and that almost everyone has available to develop. They include visual/spatial, bodily/kinesthetic, musical, interpersonal, naturalist and intrapersonal intelligences.

Gardner believes that the eight intelligences he has identified are independent, in that they develop at different times and to different degrees in different individuals. They are, however, closely related, and many teachers and parents are finding that when an individual becomes more proficient in one area, the whole constellation of intelligences may be enhanced. In practice the eight intelligences are not separate but integrated in unique combinations as one intelligence that shapes the mind, body and spirit. They are recruited daily to interpret the fascinating world around us.

For this reason, a question for students is: Is it a good idea to be excellent in just one subject or medium and thinking globally in all of them? Effective teachers facilitate students' learning by providing highly engaging learning experiences which are both motivating and challenging to students. The intelligences are a tool for teachers because they create a rich, nurturing, and stimulating environment filled with meaningful activities, toys, games, and books that lay the foundation for healthier, happier and brighter children! Students who have these kinds of experiences know many ways to learn almost anything!

## II. THE MULTIPLE INTELLIGENCES AND THEIR CHARACTERISTICS

Following are some characteristics of each different intelligence, along with ways to exercise and develop them:

**1. Verbal/Linguistic Intelligence:** The ability to use the core operations of language. People with linguistic intelligence have sensitivity to the meaning of words – the capacity to follow rules of grammar. People such as poets, authors, reporters, speakers, talk-show hosts, politicians and teachers may exhibit developed verbal/linguistic intelligence.

- **likes to:** read, write and tell stories;
- **is good at:** memorizing names, places, dates and trivia (insignificant things);
- **learns best by:** saying, hearing and seeing words.

**2. Logical-Mathematical Intelligence:** Involves number and computing skills, recognizing patterns and relationships, timeliness and order. People such as mathematicians, engineers, physicists, researchers, astronomers and scientists may exhibit developed logical-mathematical intelligence.

- **likes to:** do experiments, figure things out, work with numbers;
- **is good at:** math, reasoning, logic and problem solving;
- **learns best by:** categorizing, classifying, working with abstract patterns/relationships, playing number and logic games and puzzles.

**3. Spatial/Visual Intelligence:** Involves visual perception of the environment, the ability to create and manipulate mental images, and the orientation of the body in space. People such as sailors, engineers, surgeons, sculptors, painters and architects may exhibit developed spatial intelligence.

- **likes to:** draw, build, design and create things, look at pictures, watch movies;
- **is good at:** imagining things, sensing changes, mazes/puzzles and reading maps;
- **learns best by:** visualizing graphic/plastic arts and working with colors/pictures.

**4. Bodily/Kinesthetic Intelligence:** Involves physical coordination and ability, using fine and gross motor skills, and expressing oneself or learning through physical activities. People such as actors, dancers, swimmers, acrobats, athletes, jugglers and instrumentalists may exhibit developed bodily-kinesthetic intelligence.

- **likes to:** move around, touch and talk and use body language;
- **is good at:** physical activities (sports/dance/acting) and crafts;
- **learns best by:** touching, moving, interacting with space, processing knowledge through bodily sensations, games.

**5. Musical Intelligence:** Involves understanding and expressing oneself through music and rhythmic movements or dance, or composing, playing, or conducting music. People such as singers, composers and instrumentalists may exhibit this intelligence.

- **likes to:** sing, hum tunes, listen to music, play an instrument;
- **is good at:** picking up sounds, remembering melodies, noticing pitches/rhythms;
- **learns best by:** listening to a variety of recordings, rhythm, melody and music.

**6. Interpersonal Intelligence:** Involves understanding how to communicate with and understand other people and how to work collaboratively. People such as politicians, religious leaders, and those in the helping professions may exhibit this intelligence.

- **likes to:** have lots of friends, talk to people and join groups;
- **is good at:** understanding people, leading others, organizing,

communicating;

- **learns best by:** sharing, comparing, role-playing, cooperating and interviewing.

**7. Intrapersonal Intelligence:** Involves understanding one's inner world of emotions and thoughts, growing in the ability to control them and work with them consciously. People such as some novelists, therapists, psychologists and philosophers may exhibit this intelligence.

- **likes to:** work alone and pursue own interests;
- **is good at:** understanding self, following instincts, pursuing goals, being original;
- **learns best by:** individualized projects, having own space, imaginative games.

**8. Naturalist Intelligence:** The ability to understand, relate to, categorize, classify, comprehend, and explain the things encountered in the world of nature.

People such as farmers, biologists, hunters, gardeners may exhibit this intelligence.

- **likes to:** explore nature and make collection of objects and study them;
- **is good at:** observing, comparing and classifying things related to the nature;
- **learns best by:** working with the natural world of plants and animals.

### **III. CONCLUSION**

This research concludes that the intelligences have the function of integrating and incorporating some functions in the human brain. They also approach the knowledge in a more complete and including way for one better performance, respecting and valuing the individual differences.

The form to visualize education and the learning, as well as intelligences, must be a continuous and increasing conquest of the teacher who routes the new discoveries in the way to teach the foreign language (English).

As the majority of the people can develop each intelligence in an adequate level of ability, consequently, all the people can develop eight intelligences in a level reasonably raised of performance, since that they receive motivation, enrichment in its appropriate learning and instruction. In this case, it fits the teacher to also reflect and to rethink its lessons, leading in consideration the characteristics and objectives of its students and the language vision that guides its practical to teach.

The test in annex serves to detect the predominant intelligences in the students and to explain the theory of Multiple Intelligences of Gardner. The



analysis of the results of the test goes to demonstrate to the teacher which intelligences are predominant in the students and from there, the teacher will be able to develop, to apply and to consider activities to stimulate these intelligences.

The principles of this research claim that the approach that a professor uses in classroom does not summarize to a proposal of more interesting or amused activities, but that they are significant and relevant for its learning, and also requires the teacher a reflection on pedagogical practical and a study of the theories that guide it.

Even though the efforts to understand the intelligences have been advancing, the searchers still know very little about how to nurture intelligence. It's known that the human being is also more than his or her intellectual powers. Perhaps more crucial than intelligence in the human firmament are motivation, personality, emotions, and will. The essential insight here is that teachers need to find the individual talent of each student and explore it with different opportunities of learning.

#### **IV. BIBLIOGRAPHY**

ALMEIDA FILHO, J. C. P. (1998). *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. 2.ed. Campinas: Pontes.

ANTUNES, Celso. (2001). *As inteligências múltiplas e seus estímulos*. 7.ed. Campinas: Papyrus (Coleção Papyrus Educação).

\_\_\_\_\_. (2002). *Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências*. 10.ed. Petrópolis: Vozes.

ARMSTRONG, Thomas. (2001). *Inteligências Múltiplas na Sala de Aula*. 2.ed. Trad. por Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas.

GARDNER, Howard. (1995). *Inteligências Múltiplas – A teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.

\_\_\_\_\_. (1985). *Estruturas da mente – A teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

WESLEY, Addison. (2001). *Match Point*. Longman

<http://www.harding.edu/~cbr/midemo/crit.html> – information about Howard Gardner

and Multiple Intelligence Theory searched in 18/05/2002.

<http://www.metronet.com/~bhorizon/teach.htm> – Gardner's view of Intelligence and suggestion of activities searched in 18/05/2002.

[http://www.newhorizons.org/art\\_Irnthrumi.html](http://www.newhorizons.org/art_Irnthrumi.html) – information about Multiple Intelligence characteristics searched in 18/05/2002.

### 1-) Take the quiz

**Write 2 in the box if the item is true, 0 if is not true or 1 if it is somewhat true.**

1. I often ask questions about the way things work.
2. I know many types of trees and flowers.
3. I love reading books and magazines.
4. I can sing many songs.
5. I take lots of pictures when I go on vacation.
6. I'm good at sports.
7. I am good with animals.
8. I have more than one good friend.
9. I like spending time alone.
10. Math is one of my favorite subjects.
11. I could easily survive in the wilderness.
12. I like writing letters, stories or poems.
13. Listening to music I like makes me feel good.
14. I enjoy art class.
15. I like to work using my hands.
16. I often help my friends.
17. I prefer to work alone.
18. I am interested in science.
19. I remember the words of songs easily.
20. I play a musical instrument.
21. I prefer textbooks with pictures, graphs, and charts.
22. I don't like sitting for a long time.
23. I am often the leader in games and activities.
24. I think I am independent.

**2-) Add your points. Read the box on page 51 to interpret your score.**

**INTERPRETING THE QUIZ:** Which was the letter of your highest score in Exercise 2 on page 48? Circle it below to identify your intelligence type.

Fonte: WESLEY, Addison. (2001). *Match Point*. Longman.



## **POLUIÇÃO ATMOSFÉRICA**

*José Félix Manfredi*

### **RESUMO**

Ao longo dos últimos duzentos anos o Homem empreendeu um processo de alteração da face do planeta sem paralelo na História. Rios foram represados, pântanos drenados, cidades inteiras erguidas e vias de comunicação traçadas através de florestas, desertos e montanhas. A industrialização, a necessidade de transporte de pessoas e mercadorias e a incorporação de um novo ritmo de vida, faminto de energia, aceleraram a depleção de reservas, o esgotamento de recursos naturais e a poluição do planeta. Até então, apenas a Natureza houvera sido capaz de alterar as características da biosfera e as condições de equilíbrio do ecossistema. As alterações causadas pela ação humana apenas agora começam a ser equacionadas, seus efeitos avaliados e providências encaminhadas no sentido de restaurar as condições mais favoráveis do equilíbrio ecológico. Neste artigo são abordados aspectos pertinentes à interferência da atividade humana sobre a atmosfera da Terra.

**Palavras-chave:** Ecologia, poluição, atmosfera, ambiente, equilíbrio.

### **ABSTRACT**

During the last two centuries Man has developed intense changes on the Earth's surface without parallel in history. Dams were built, swamps were drained, entire towns were erected and roads were opened across forests, deserts and mountains. Industrialization, necessity of transportation for people and goods and development of a new, energy-demanding life style, accelerated the depletion of our reserves, the exhaustion of natural resources and the planet pollution. Till then, only Nature was capable of changing the characteristics of the biosphere and the balance conditions of the ecosystem. Changes produced by men are now being solved, its effects are being evaluated and measures are being adopted in order to restore more favorable conditions for the ecological balance. In this article we will discuss the aspects related to the intervention of the human activity on the Earth atmosphere.

**Key-words:** Ecology, pollution, atmosphere, environment, balance.

### **POLUIÇÃO**

A poluição do ar é a condição em que a concentração de uma espécie na atmosfera causa um efeito nocivo. Pode causar irritação nos olhos e mucosas, dificultar a respiração, diminuir a visibilidade e prejudicar o aspecto e a segurança de estruturas, causando prejuízos de extensão variada ao homem, animais e vegetais. Deve ser feita distinção entre fontes poluidoras *naturais* (erupções vulcânicas, decomposição de materiais, ação animal, tempestades e outras manifestações) e *antropogênicas* (provocadas por ação humana).

---

José Félix Manfredi é Professor de Química do Curso de Graduação em Ciências Biológicas e Coordenador do Curso de Pós Graduação em Biotecnologia das Faculdades Padre Anchieta.

A atmosfera sempre serviu de depósito de material descartado, recebendo gases de fogueiras e fermentadores, dispersando e sedimentando material particulado, digerindo substâncias pela ação solar e devolvendo ao solo o produto de seu trabalho, através das chuvas. Um incremento local na concentração de qualquer dessas espécies causa um desequilíbrio natural, que afeta em cadeia os diversos elementos do meio e os mecanismos de resposta desenvolvidos por eles ao longo de eras de equilíbrio interativo. As atividades humanas interferem nessa ação ao acrescentarem ao ambiente milhões de indivíduos concentrados numa área muito pequena, consumindo recursos exógenos e descartando, de forma maciça, resíduos que não encontram na Natureza meios de destruição ou transformação na mesma velocidade em que são gerados.

A poluição do ar se constitui de um tripé interativo: *fonte* geradora de resíduos, meio *dispersor* aéreo e elementos *receptores*. A fonte pode ser *contínua*, como a chaminé de uma termelétrica, ou *intermitente*, como uma queimada agrícola. A dispersão é afetada pelas condições atmosféricas, sujeita a zonas de alta ou baixa pressão, inversões térmicas, correntes de convecção e regime de ventos. Quanto aos receptores, concentração, natureza e tempo de exposição aos poluentes determinam a extensão dos efeitos. Um organismo vivo processa e elimina algumas substâncias estranhas, enquanto outras permanecem e apresentam efeito cumulativo.

## **FONTES**

As fontes podem ser *puntuais*, como uma coqueria siderúrgica, ou *dispersas*, como os milhões de escapamentos de veículos de uma megalópole, embora nem sempre a fonte pode ser associada a um ponto específico de emissão, como os citados. Um depósito de lixo a céu aberto constitui uma área extensa de emissão, assim como um amplo edifício pode emitir fumaça de cigarro por suas janelas, ou uma estrada não pavimentada, levantando partículas de poeira ao longo de quilômetros, são classificados como fontes de emissões *fugitivas*. Uma vez lançado na atmosfera, o poluente original pode transformar-se, como os gases sulfurados, que caem sobre nós como chuva ácida, ou seja, solução aquosa de ácidos, como o sulfúrico.

## **DISPERSÃO**

Os ventos são o principal meio de dispersão dos poluentes na atmosfera. A partir da rosa dos ventos local, é possível avaliar direção e destino dos poluentes gerados numa zona de alta taxa de emissões, bem como os períodos de baixa

*dispersibilidade*, devidos à estabilidade atmosférica, que pode ser medida a partir da taxa de variação térmica com a altitude. A topografia regional e a existência de obstáculos ao vento, como montanhas, adensamentos de edifícios altos ou grandes árvores, determinam os caminhos preferenciais dos ventos. A localização das fontes junto ao mar ou grandes massas de água, ou nas proximidades de escarpas, ou nas imediações de grandes áreas construídas (concreto e asfalto) define os gradientes térmicos dos períodos dia/noite e os fluxos verticais das massas de ar. O balanço da radiação solar tem influência direta sobre esse fator. A temperatura do ar diminui com a altitude, em taxas que variam com a latitude, estação do ano, regime de ventos e relevo e, quanto mais acentuada essa variação, maior a dispersibilidade dos poluentes. Nos casos em que não há variação de temperatura com a altitude, ou quando ocorre *inversão térmica*, com camadas de ar quente sobrepostas a bolsões de ar frio, a dispersão é prejudicada, com acúmulo de poluentes junto às fontes. As inversões formam bolsões de 300 a 2000 metros de altitude e são comuns em regiões subtropicais, como São Paulo ou Los Angeles, tendo sua origem ligada à irradiação do calor do solo ao final dos períodos de insolação, causando rápido resfriamento da camada de ar mais baixa.

O acompanhamento de focos de poluição é feito com base na distribuição (gaussiana) de concentração, determinada pela difusão das espécies no ar, tanto vertical como horizontalmente. Considerando o tamanho das partículas, as maiores sedimentam nas vizinhanças da fonte, enquanto as menores e os gases espalham-se por área maior, sendo removidos pelas chuvas ou por mecanismos de *absorção/adsorção* no solo. Por ocasião das chuvas, as partículas menores, ainda suspensas, tornam-se núcleos de formação de gotas (condensação) ou são arrastadas por gotas já formadas.

### **RECEPTORES**

São os homens, animais, vegetais, materiais, o solo, os corpos líquidos superficiais e a própria atmosfera. O modo como o homem sente a poluição atmosférica varia muito de um indivíduo para outro, em função da saúde, idade e susceptibilidade individual. No caso de animais e vegetais, depende da espécie e das condições individuais, e a tolerância aos poluentes é função direta da concentração e do tempo de exposição.

### **ATENÇÃO PÚBLICA E GERENCIAMENTO**

As principais reclamações da maioria das pessoas quanto à poluição do ar são referentes a aspectos visíveis, como fumaça e precipitação de fuligem, ou sensí-

veis, como irritação nos olhos ou garganta, odores e agravamento de sintomas respiratórios pré-existentes. Tais fenômenos são mais perceptíveis nas grandes cidades, nas localidades que congregam grande atividade industrial, e nas áreas urbanas contíguas a zonas agrícolas que promovem queimadas sazonais, concentrando-se nas épocas do ano em que ocorrem inversões térmicas, pouco vento e preparo da terra para plantio ou colheita (caso específico da cana). Em tais condições, a concentração de poluentes pode atingir níveis críticos. Casos extremos ocorreram em Londres, em 1952, em Nova Iorque, em 1953, e continuam a ocorrer em Los Angeles, São Paulo, Cubatão, além de outros lugares menos divulgados. O controle de emissões industriais e veiculares é o primeiro passo em qualquer tentativa de controle de qualidade do ar. Um programa de gerenciamento deve determinar os efeitos dos poluentes sobre os receptores, sua concentração e a duração das ondas de ocorrência para, em seguida, avaliar, dentre os efeitos identificados, quais são os mais nocivos, que receberão tratamento prioritário, possibilitando o estabelecimento de metas a serem atingidas, de acordo com padrões reconhecidos e aceitos e permitindo a implantação de um plano de ação, que se inicia, invariavelmente, pelo implemento dos meios de *monitoramento*. São estabelecidas metas de redução para cada área considerada, pelo levantamento e identificação das fontes, e propostos padrões aceitáveis de emissão para cada uma, a serem atingidos num prazo determinado. Metas cada vez mais estreitas são estabelecidas para prazos crescentes, sob monitoramento.

## **PRESERVAÇÃO**

O desenvolvimento de uma comunidade implica na adoção de meios de produção modernos, transporte rápido e eficiente e comodidades urbanas e domésticas, atividades que consomem energia e utilizam insumos potencialmente poluidores, o que exige soluções de equilíbrio entre os aspectos econômico, social e ambiental, preservando a harmonia progresso/conservação. A manutenção da qualidade do ar está ligada a três fatores: padrão de desempenho das novas fontes, inclusão de critérios conservacionistas na ocupação dos espaços, e precauções contra a degradação das condições pré-existentes.

As novas fontes devem incorporar tecnologias limpas de produção e controle de emissões, compatíveis com padrões atualizados, objetivando manter as condições do ar próximas das ideais, e não apenas abaixo do limite máximo permitido pela legislação, e os mesmos critérios são empregados na reciclagem e recondicionamento de fontes já instaladas. O rigor conservacionista deve ser usado como fator limitante na ocupação de áreas novas e na restauração da qualidade de vida em áreas antigas. A seleção e a distribuição das fontes permitem melhor dispersão dos poluentes que sua concentração numa área restrita, enquanto áreas residenciais ou de preservação não devem avizinhar-se de centros geradores de



tráfego ou corredores de alta densidade. Nas áreas em que esse problema já existe, restrições à circulação e ao estacionamento de veículos particulares são paliativos úteis. A preocupação com a preservação futura inclui cuidados especiais com áreas particularmente atraentes, do ponto de vista estético ou comercial, com estabelecimento de padrões rígidos, que devem ser usados como inibidores da especulação e disciplinadores do uso. Tais áreas devem ser incluídas num plano de zoneamento, que a elas reserve os padrões mais limitantes, com concentrações máximas permitidas próximas das idealizadas.

### **OS POLUENTES DO AR**

O primeiro grupo de poluentes é o dos *regulamentados* (óxidos de enxofre, monóxido de carbono, óxidos de nitrogênio, hidrocarbonetos, particulados, oxidantes fotoquímicos), englobando aqueles que podem causar dano à saúde pública e são provenientes de diversas fontes. As normas e os padrões de qualidade do ar foram instituídos para controlá-los, enquanto as fontes existentes são monitoradas com o propósito de mantê-los dentro dos limites legais. O segundo grupo, o dos *perigosos* (mercúrio, amianto, cloreto de vinila, berílio), é onde ficam os poluentes capazes de aumentar a taxa de mortalidade ou a incidência de doenças graves. Não são seguidos dados epidemiológicos ou toxicológicos para sua limitação regulamentar, mas são estabelecidos limites baixos, de forma a oferecer ampla margem de segurança. No terceiro grupo, o dos poluentes *designados* (compostos sulfurados de fábricas de celulose, fluoretos e fosfatos de fábricas de alumínio, ácido sulfúrico de fábricas de ácidos), são classificados os que não são cobertos pela legislação genérica, nem considerados perigosos, mas apenas escolhidos para controle de tipos determinados de fontes. Além dos citados, muitos outros poluentes são encontrados na atmosfera, como os pesticidas e os solventes de tintas, lançados propositalmente, e outros provenientes de vazamentos não desejados, como gás cloro numa fábrica de soda cáustica, ou amônia num frigorífico.

### **PARTICULADOS**

São sólidos ou líquidos constituídos de moléculas ou íons isolados (0,002 mm), agregados moleculares ou iônicos, ou partículas visíveis a olho nu (500 mm), como grãos de areia. A queima de carvão produz particulados de 1 a 200 mm, enquanto um forno siderúrgico gera partículas de 0,001 a 100 mm (CADLE, 1965). A superfície marinha lança cristais de sal, a partir da água borrifada e rapidamente evaporada, de 0,03 a 0,5 mm, enquanto o pólen das flores fica entre 10 e 100 mm. Quando lançadas na atmosfera, as partículas sofrem dispersão pelo seu padrão de tamanho. O tempo médio de permanência em suspensão, para partículas menores que

1 mm, é de 100 a 1000 horas, enquanto partículas entre 1 e 10 mm ficam suspensas de 10 a 100 horas (ESMEN & CORN, 1971), e as maiores que 40 mm são forçadas pela gravidade a uma sedimentação acelerada. Partículas são removidas da atmosfera por *sedimentação*, por *captura* por uma gota de chuva passante, por *nucleamento* de uma gota de chuva, por impacto contra uma superfície, seguido de *adsorção*, ou por uma combinação dos modos citados.

Os principais particulados antropogênicos são fuligem de chaminés industriais ou residenciais e queimadas agrícolas, e poeira de asfalto e borracha, produzida pelo atrito dos pneus. Os meios naturais de maior contribuição à concentração de particulados na atmosfera são os vulcões, ventos em áreas não recobertas por vegetação, ventos sobre superfícies líquidas, *geisers* e evaporação a partir de vegetais. Embora as partículas com mais de 5 mm constituam a maior parte da massa em suspensão, as menores que 3 mm são as mais perigosas para a saúde. Quando inaladas, as partículas grandes ficam retidas na cavidade nasal, enquanto as pequenas penetram até os brônquios e alvéolos pulmonares, superfícies desprotegidas e sensíveis. A queda nos níveis de insolação e diminuição de visibilidade são conseqüências diretas do excesso de partículas no ar.

### **ENXOFRE**

O dióxido e o trióxido de enxofre, seus ácidos correspondentes (sulfuroso e sulfúrico) e seus sais (sulfitos e sulfatos) são provenientes majoritariamente de combustíveis fósseis. Os sulfurados chegam a 20% do material particulado em atmosferas urbanas, interferem na visibilidade, provocam irritação respiratória e precipitam-se como chuva ácida.

### **MONÓXIDO DE CARBONO**

O motor térmico é o grande gerador de monóxido de carbono, ao queimar combustível fóssil em quantidade nem sempre suficiente de oxigênio. A produção de CO no motor de um automóvel aumenta em regimes de baixa rotação (marcha lenta), tornando críticos os engarrafamentos em áreas já poluídas, como os túneis urbanos. O CO pode migrar para a alta atmosfera, ou ser incorporado ao solo e metabolizado por microrganismos e plantas, ou absorvido pelos oceanos ou, ainda, adsorvido sobre superfícies diversas. A concentração natural de CO na atmosfera situa-se entre 0,01 e 0,2 mg/m<sup>3</sup>, enquanto nos centros congestionados das grandes cidades já foram registrados 47 mg/m<sup>3</sup> (JUNGE, 1963). Picos de concentração são observados nos horários de maior movimento, pela manhã e à tarde, sendo o da manhã mais intenso, quando o solo ainda está frio e não há correntes de ar ascendentes agindo na dissipação. O CO é absorvido pelos pulmões e incorporado

à hemoglobina, concorrendo em vantagem cinética com o oxigênio e diminuindo o transporte deste pelo sangue, o que resulta no comprometimento da oxigenação celular. Os efeitos do CO sobre a saúde são particularmente sentidos pelos fumantes (ativos e passivos), para quem a fumaça de cigarro é a maior fonte de exposição. Não são registrados efeitos do CO sobre materiais, nem efeitos crônicos facilmente diagnosticáveis sobre humanos, animais ou vegetais, embora os efeitos agudos possam ser persistentes (HUSAR & WHITE, 1976).

### **ÓXIDOS DE NITROGÊNIO**

Os óxidos de nitrogênio (NO e NO<sub>2</sub>) são produzidos tanto pela queima de carvão e derivados de petróleo em alta temperatura, como pela decomposição de fertilizantes. O NO<sub>2</sub> é o único poluente gasoso majoritário visível (gás castanho-avermelhado) e é o responsável pela cor característica das nuvens de poluição urbana. Os óxidos de nitrogênio ocorrem na Natureza como parte do ciclo de crescimento orgânico, estimando-se em 500 milhões de toneladas a produção anual, uma ordem de grandeza acima do total anual gerado por ação humana (EPA, 1974). Aviões supersônicos, voando na estratosfera, produzem NO, que reage com ozônio, liberando gases inertes (N<sub>2</sub> e O<sub>2</sub>) e contribuindo para a depleção da camada protetora contra radiação ultravioleta. A remoção dos óxidos de nitrogênio da atmosfera se dá pela sua transformação em ácido nítrico e precipitação como nitrato, com tempo de residência de alguns dias.

### **HIDROCARBONETOS**

O controle de emissões de hidrocarbonetos para a atmosfera objetiva reduzir a concentração de oxidantes fotoquímicos. São monitorados compostos aromáticos e alcenos, principalmente. Embora o metano não participe do processo de formação de oxidantes, ele existe na atmosfera em concentração apreciável, proveniente de dutos de transporte de gás natural, ação digestiva de cupins e de ruminantes, e como resultado da decomposição natural de celulose. A evaporação de combustível automotivo e de solventes de uso industrial e doméstico, e a má combustão em motores, são fontes apreciáveis de poluição.

### **OXIDANTES FOTOQUÍMICOS**

São espécies formadas na atmosfera por reações seqüenciais estimuladas pela luz do sol, sendo as mais comuns o ozônio e o dióxido de nitrogênio. O ozônio é formado na atmosfera por ação da luz ultravioleta sobre o oxigênio, e pela ação de

descargas eletromagnéticas, em baixas altitudes. Embora o ozônio seja benéfico, quando disperso na alta atmosfera, ele é nocivo na biosfera, onde é gerado a partir de  $\text{NO}_x$  e hidrocarbonetos, por reações fotoquímicas, com concentração usual na superfície do planeta de 0,01 a 0,07 ppm, enquanto áreas urbanas altamente poluídas atingem 0,5 ppm. Nuvens de ozônio podem migrar até 80 km do núcleo urbano gerador, contaminando áreas rurais distantes (WHITE, 1977). Os oxidantes têm efeito nocivo sobre os vegetais e materiais, prejudicando as culturas de folhas, como fumo e hortaliças, e afetam o bem estar humano. Quanto aos materiais, a borracha é particularmente vulnerável, passando a apresentar trincas superficiais que comprometem sua integridade e funcionalidade. A partir de 0,1 ppm a principal manifestação sobre o organismo humano é o ardor nos olhos.

### **POLIALOGENADOS (CFC)**

Os derivados de carbono polialogenados (SOLOMONS, 1996) são amplamente empregados em sistemas de refrigeração por compressão, como propelentes em frascos de aerossol e como gases de expansão na fabricação de espumas de poliuretano e isopor. São quimicamente inertes e passam para a atmosfera por liberação proposital (moldes de espuma e latas de aerossol) ou acidental (serpentinhas de refrigeração). Foram registradas reações na estratosfera (MOLINA & ROWLAND, 1974) causadas por radiação ultravioleta, com liberação de átomos de cloro iniciadores de reações em cadeia de consumo de ozônio e liberação de oxigênio. Essas reações não acontecem nos níveis mais baixos da atmosfera, pela ausência dos raios iniciadores, absorvidos pelo ozônio estratosférico. Um efeito secundário dos CFC é uma pequena contribuição para o efeito estufa, devido à sua absorção de luz na região do infravermelho. Os CFC têm distribuição vertical lenta e atingem a estratosfera, com longo tempo de residência, o que lhes confere ação residual duradoura, mesmo depois de cessadas as emissões. A redução da concentração de ozônio entre 10 e 40 km de altitude começou a ser detectada na década de 1970, e o buraco da camada sobre o Pólo Sul atingiu 7 milhões de  $\text{km}^2$  nos anos oitenta.

### **AMIANTO**

A mineração, industrialização e sujeição ao atrito são os principais modos de introdução de amianto na atmosfera, na forma de particulado fibroso. O amianto causa, como doença ocupacional, silicose (pulmões) e câncer (estômago e pulmões). A ocorrência desses males em indivíduos que não trabalham com amianto trouxe a preocupação com o contato eventual com produtos derivados, como revestimentos térmicos. Tem efeito cumulativo, de forma que uma longa exposição a

baixas concentrações tem o mesmo efeito que uma exposição rápida a alta concentração.

### **MERCÚRIO E CHUMBO**

O mercúrio é lançado na atmosfera a partir de duas fontes principais: fábricas de cloro e soda cáustica, e mineração de ouro. O mercúrio é um líquido, nas condições ambientes, existindo em equilíbrio com seu vapor, e os gases das instalações que o utilizam devem ser tratados para evitar sua expulsão para a atmosfera. O emprego de fungicidas à base de mercúrio, em tintas e preservação de sementes e tecidos, é limitado aos casos imprescindíveis. O mercúrio tem efeito cumulativo no organismo animal, com baixíssima velocidade de eliminação, e provoca alterações funcionais no sistema nervoso. Alguns microrganismos eliminam o mercúrio depositado junto ao lodo sedimentar incorporando-o a moléculas gasosas, como o metilmercúrio, que escapam para a atmosfera e são mais nocivas que o metal puro.

Parte significativa da presença de chumbo na atmosfera provinha do uso de *chumbo tetraetila* na gasolina, aditivo empregado como antidetonante e hoje proibido na maioria dos países. A combustão de carvão e as fundições de chumbo são fontes secundárias. A concentração de chumbo na atmosfera urbana chegou à faixa de 0,02 a 19 mg/m<sup>3</sup> na década de 1960 (McMULLEN, 1970), quando o chumbo tetraetila tinha emprego difundido no mundo todo, guardando estreita relação com a densidade de tráfego. O chumbo particulado é removido da atmosfera principalmente por sedimentação, com metade dele depositando-se a até 100 m da fonte, enquanto o restante é removido pelas gotas de chuva. O chumbo é um contaminante dos alimentos, por precipitação sobre o solo e plantações, acumulando-se no sangue e articulações dos animais que o ingerem, não havendo registro de ação cumulativa onde a concentração atmosférica é baixa.

### **POLICÍCLICOS**

Os compostos policíclicos (McMURRY, 1997) formam particulados suspensos na atmosfera, a partir da combustão incompleta de hidrocarbonetos e, principalmente, carvão. Muitos deles têm ação carcinogênica e respondem pelo segundo lugar (logo depois do cigarro) como causadores de câncer pulmonar (AMABIS & MARTHO, 1997). A substituição do carvão no aquecimento doméstico e a introdução de catalisadores nos escapamentos dos veículos reduziram sua concentração urbana à metade, comparativamente aos valores observados em 1960. A manifestação mais evidente da combustão ineficiente é a fumaça, combatida com rigor nos países civilizados.

## **FLUORETOS**

Os vulcões são a principal fonte natural, enquanto a mineração de fosfatos (fertilizantes), a metalurgia do alumínio (fundente), fluxos para solda, produção de tijolos, telhas, cerâmicos e cimento por calcinação de argila respondem pela contribuição antropogênica. A vegetação adsorve os fluoretos do ar, repassando-os ao homem e animais. Embora altas doses de fluoreto na forragem possam causar coxeadura nos animais, o consumo de carne e leite não acarreta problemas ao homem, pois a quantidade assimilada deste modo é muito menor que a ingerida na água potável, em que a adição de flúor demonstra resultados benéficos, com redução de até 50% na incidência de cárie dentária infantil e perda de dentes na população jovem (UCKO, 1992).

## **DIÓXIDO DE CARBONO**

O CO<sub>2</sub> é nocivo ao homem e animais apenas quando acumulado em ambiente fechado. As principais fontes do CO<sub>2</sub> atmosférico são a decomposição de rochas carbonáceas para produção de cimento, a respiração animal, a respiração vegetal noturna, a combustão de matéria orgânica e a transformação fotoquímica do metano produzido na superfície. O CO<sub>2</sub> é removido do ar pela respiração diurna dos vegetais (fotossíntese), por adsorção pelo solo e por absorção pela água, tanto de chuva como superficial, gerando ácido carbônico em solução, bicarbonatos e carbonatos, solúveis ou precipitados. A concentração de CO<sub>2</sub> no ar aumentou a partir do consumo sistemático de combustíveis fósseis, passando de 290 ppm (1900) para 330 ppm (1950) (CALLENDAR, 1958) e ultrapassando 400 ppm, em algumas áreas centrais, nos anos noventa. O efeito perverso da poluição por CO<sub>2</sub> reside na sua transparência à luz visível, deixando entrar os raios solares, e opacidade aos raios infravermelhos (calor), provocando o (des)conhecido efeito estufa, que tende, segundo uma corrente de interpretação, a elevar gradualmente a temperatura do planeta, com conseqüências que variam do maior rendimento agrícola, pela fotossíntese favorecida, ao alagamento das cidades costeiras do planeta, principalmente pela dilatação térmica dos oceanos, mas, também, pelo derretimento de geleiras polares. Não existe, até o momento, modelo confiável de interpretação do fenômeno como um todo, e o assunto tem-se prestado a todo tipo de especulação mal fundamentada.

## **ODORES**

Um componente odorífero da atmosfera passa a ser assim considerado a partir de seu *limiar de percepção* (concentração a partir da qual todos os membros de um

grupo de pessoas notam, pelo cheiro, a presença do componente), que varia de um composto para outro. Como exemplos, a trimetilamina começa a ser detectada a partir de 0,00021 ppm, e o cloreto de metileno a partir de 214 ppm (LEONARDOS, 1969). A percepção humana à presença de um agente odorífero é aproximadamente proporcional ao logaritmo da concentração do mesmo, o que significa que a intensidade do cheiro não é uma boa referência quantitativa da presença do agente. Uma fonte inquestionável de odor é a indústria de celulose de tecnologia tradicional, devido à emissão de mercaptanas. Nas áreas urbanas, as principais fontes são os motores desregulados, expelindo fumaça e óxidos de enxofre (motores diesel) ou aldeídos (motores a álcool). Em ambientes fechados, o tabagismo, aliado à falta de educação de alguns fumantes, responde pela maior taxa de poluição do ar, com efeitos residuais igualmente nocivos aos não viciados.

### **A QUÍMICA DO AR E O FUTURO**

Nem todos os poluentes permanecem na atmosfera na forma como a ela chegaram. Como exemplo, os óxidos de enxofre passam a sulfatos, NO se transforma em NO<sub>2</sub>, por ação da luz solar em presença de matéria orgânica catalítica, NO<sub>2</sub> volta a NO, produzindo ozônio, em reação com o oxigênio. Nesta última reação, produz-se oxigênio atômico, como intermediário, que reage com moléculas orgânicas e gera radicais livres (ALLINGER, 1997), que atacam o NO e formam NO<sub>2</sub>. Como o pico de emissões pelos automóveis acontece pela manhã e final da tarde, e o máximo de intensidade solar se dá no meio do dia, o pico de concentração de oxidantes na atmosfera urbana ocorre no meio do dia. O fenômeno não se repete à tarde, por falta da luz solar ativadora do processo. A formação de ozônio cessa com o anoitecer, mas continua a liberação de óxidos de nitrogênio pelos veículos, provocando o consumo do ozônio formado durante o dia na atmosfera das cidades. O ozônio estratosférico não recebe NO, permanecendo na mesma concentração do final do dia. Providências internacionais no sentido de restringir a fabricação, a comercialização e o uso dos CFC, até sua completa proibição, em 2007, começam a mostrar resultado, e a expectativa é que o buraco da camada de ozônio comece a diminuir progressivamente, constituindo-se num exemplo espetacular de sucesso das campanhas preservacionistas bem conduzidas e amparadas por ações públicas responsáveis.

A atmosfera, como se pode perceber, apresenta um ciclo dinâmico de renovação, amparada em perenes quantidades de energia solar. Os poluentes lançados pelo homem têm tempos de residência e efeitos variados, mas encontram **sempre** um destino dentro do equilíbrio natural. As perturbações ambientais são reversíveis, condição postulada e comprovada pela Química, e sua extensão e duração dependem fundamentalmente do grau de envolvimento e conscientização técnica e cívica das populações, de sua pressão sobre os agentes políticos e econômicos e, portanto, de sua vontade.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALLINGER, N.L. et alii. (1997) *Química Orgânica*. Rio de Janeiro: LTC. 246-247.
- AMABIS, J.M. & MARTHO, G.R. (1997) *Fundamentos da Biologia Moderna*. São Paulo: Moderna. 588.
- CADLE, R.D. (1965) *Particle Size, Theory and Industrial Applications*. New York: Reinhold. 234.
- CALLENDAR, G.S. (1958) *Tellus* 10, 243.
- EPA-450/2-74-012 (1974) *1972 National Emissions Report*. EPA. 1.
- ESMEN, N.A. & CORN, M. (1971) *Atmos. Environ.* 5, 571.
- HUSAR, R.B. & WHITE, W.H. (1976) *Atmos. Environ.* 10, 199.
- JUNGE, C.E. (1963) *Air Chemistry and Radioactivity*. New York: Academic Press. 154.
- LEONARDOS, G. (1969) *J. Air Pollut. Assoc.* 1991.
- McMULLEN, T.B., et alii. (1970) *J. Air Pollut. Control Assoc.* 20, 369.
- McMURRY, J. (1997) *Química Orgânica*. Rio de Janeiro: LTC. 539.
- MOLINA, M.J. & ROWLAND, F.S. (1974) *Nature* 249, 810.
- SOLOMONS, T.W.G. (1996) *Química Orgânica*. Rio de Janeiro: LTC. 414.
- UCKO, D.A. (1992) *Química para as Ciências da Saúde*. São Paulo: Manole. 468.
- WHITE, W.H., et alii (1977) *International Conference on Photochemical Oxidant Pollution and its Control, Proceedings, EPA-600/3-77-001a, Vol. 1, EPA. 237-247.*



## UMA DISCUSSÃO SOBRE A ALMA HUMANA

Vinicius Sampaio D'Ottaviano\*

### RESUMO

Pode não ser de conhecimento geral que exista uma alma e também o fato da união substancial da alma com um corpo ser certo, ou o seu modo ser obscuro. Mas nem por isso há de se negar o fato pela obscuridade do modo. Não é o método científico em si, poderiam afirmar alguns estudiosos. Ainda que não se soubesse de maneira alguma explicar a união de uma substância espiritual com uma substância material, não se poderia negar a existência de uma nem de outra. A eletricidade e o câncer existem embora não se conheça a sua natureza íntima? O que você acha?

**Palavras-chave:** alma, obscuridade, substância, espiritual, material existência.

### ABSTRACT

It may not be off general knowledge that a soul exists neither the fact that the substantial union of the soul and the body is clear or its mean is obscure. Not even so one can deny the fact for the obscurity of the mean. It is not the scientific method itself, as some experts could say. Even though no one could explain the union of a spiritual essence with a material essence, one might not deny the existence of neither one nor the other. Don't electricity and cancer exist although no one knows their intimate nature? What do you think?

**Key-words:** soul, obscurity, substance, spiritual, material, existence.

O fato da união substancial da alma é certo, o modo é obscuro. Mas nem por isso há de se negar o fato pela obscuridade do modo. Não é o método científico. Ainda que não se soubesse de maneira alguma explicar a união de uma substância espiritual com uma substância material, não se poderia negar a existência nem de uma nem de outra. A eletricidade e o câncer existem embora não se conheça a sua natureza íntima?

Deixemos de lado o modismo materialista que admite no homem somente corpo e matéria, bem como o modismo idealista que afirma ser o homem espírito e pensamento e outras teorias estranhas da filosofia moderna como a do influxo físico de Descartes (1637), da harmonia preestabelecida de Leibnitz (1704), e focalizemos apenas a da união acidental da alma com o do corpo.

---

\* Pós Graduando em Arte/Educação pelo Instituto de Artes da Unicamp. Licenciatura em Dança pela Unicamp-Campinas. Licenciatura em Filosofia pela PUCC-Campinas e Licenciatura em Psicologia pelas Faculdades Padre Anchieta.

Aqueles que admitem a união accidental da alma e do corpo e concebem a alma como um simples princípio motor pensam que a alma deve encontrar-se em um determinado ponto do corpo, de onde dirige toda a atividade do corpo recebendo-lhe as impressões.

A alma unir-se-ia também ao corpo por sua presença somente. Resistiria no corpo como cavaleiro no cavalo, o piloto na nave, o motorista no automóvel. Platão (0303 a C.) colocava a sede da alma no cérebro, Zenão (0464 a C.), estóico, no coração, e nos tempos modernos Descartes (1637) na glândula pineal.

Hipóteses absurdas, porquanto o homem não seria um composto de alma de alma e de corpo, mas uma alma vestida de corpo; não animal racional, mas um ser inteligente fechado em um animal. A separação da alma e do corpo não deveria trazer a destruição do corpo, como não se destroem o cavalo, a neve, o automóvel pela separação do cavaleiro, do piloto, do motorista. A afirmação de a alma dirigir a atividade do corpo e receber-lhe as impressões não encontra explicação suficiente.

A alma espiritual une-se imediatamente ao corpo, isto é, não mediante outra alma, porque uma só é a alma do homem, que é ao mesmo tempo princípio da vida vegetativa, sensitiva e intuitiva. Platão (0303 a C.) supunha no homem duas ou três almas subordinadas uma a outra, mas erroneamente porque operações diversas supõem diversas faculdades; não há almas diversas porque a superior pode incluir as perfeições das inferiores. A unidade de vida do homem exige a unidade de seu próprio princípio vital.

A alma une-se ao corpo substancialmente, formando uma só pessoa. Pessoa é o Eu, o sujeito a quem se atribuem as operações. Ele se atribui as operações e as propriedades do corpo (eu entendo, eu quero), e do composto (eu meu neutro, sinto). Portanto o eu, isto é, a pessoa humana é constituída de alma e de corpo.

A natureza não é outra coisa senão a essência enquanto é o princípio último das operações. Ora, as operações do homem procedem do corpo e da alma e do composto. Portanto, a natureza humana resulta da composição da alma e do corpo. A união de duas substâncias que formam uma só pessoa e uma só natureza não é accidental, mas íntima, substancial.

Esta união substancial da alma e do corpo explica-se aplicando a doutrina da composição em todos os corpos de matéria e forma. A alma e o corpo são duas substâncias incompletas destinadas a unirem-se e completarem-se reciprocamente, para formarem o ser, como se unem na planta e no animal o princípio vital e a matéria. Neste caso, porém, o modo é mais misterioso porque a alma é espiritual. A solução mais acertada é de Aristóteles (0335 a C.), de São Tomás de Aquino (1248) e da Filosofia perene; a alma é a forma substancial do corpo, isto é, uma substância incompleta, princípio ativo, que se une a outra substância incompleta, princípio passivo, para formar com ele uma substância completa de uma determinada espécie.

## **A ORIGEM DA ALMA**

Mas onde está a alma? O problema da origem da alma visa as três sentenças principais. O emanatismo panteísta que afirma ser a alma um fragmento da divindade, uma parte de Deus, como se Deus fosse divisível e as almas humanas, divinas. O Traducionismo que assevera ter a alma humana origem de um germe espiritual que se desprende da alma dos pais, do mesmo modo que o corpo se origina de um germe material. A natureza da alma espiritual é simples e não tem partes, portanto cai por terra o Traducionismo da origem da alma por cisão.

A teoria do creacionismo é a mais acertada. A alma de cada homem é imediatamente criada por Deus no momento em que é infundida no corpo e a ele unida para construir com ele um novo indivíduo humano.

Em que momento, porém a alma é criada por Deus e infundida no corpo? Segundo São Tomás de Aquino (1248), seguido por não poucos autores antigos e modernos, o feto humano não seria logo informado pela alma espiritual, mas por um princípio vital inferior, e somente depois de um determinado tempo, quando estivesse suficientemente organizado e preparado, Deus criaria e infundiria a alma espiritual, porque contendo a alma espiritual virtualmente as perfeições da alma vegetativa e sensitiva, pode ela mesma realizar no feto as funções confiadas ao princípio vital inferior prévio à alma racional. Inadmissível é a teoria segundo a qual por geração receberiam os filhos a alma sensitiva, que depois se transformaria em intelectiva, pois o evolucionismo contradiz o princípio de causalidade.

Especulativamente a questão parece insolúvel. Na prática, o feto humano deve ser considerado informado pela alma espiritual desde sua concepção. Por isso a Igreja impõe o batismo do feto animado em qualquer grau de seu desenvolvimento e tanto a lei eclesiástica como a civil proíbe o aborto sem distinção de tempo e de motivo. A separação da alma e do corpo só compete a Deus: "quod Deus conjurit, home non separet" (O que Deus uniu o homem não separa). Por isso o Santo Padre o Papa Paulo VI (1969) no seu discurso sobre o apostolado das Parteyras falou com muita clareza: "O Senhor fez todas as outras coisas de terra para o homem; o homem, porém, naquilo que se relaciona com a sua existência e essência foi criada para Deus e não para com a sociedade". Ora, homem é o menino, ainda que não nascido, no mesmo grau e pelo mesmo título que a mãe.

Além disso, todo ser humano, também a criança no seio materno, tem o direito à vida imediatamente de Deus, não dos seus pais, nem de qualquer outra sociedade ou autoridade humana. Portanto, não existe nenhum homem, nenhuma autoridade humana, nenhuma ciência, nenhuma "identificação médica", eugênica social, econômica, moral, que possa exhibir ou dar um válido título jurídico para uma deliberada direta disposição sobre uma vida humana inocente, quer dizer uma disposição que vise a sua destruição seja como fim, seja como meio para outro escopo, de si mesmo talvez de nenhum modo ilícito. Por exemplo, salvar a vida da mãe é nobilíssimo fim; mas a morte direta da criança como meio para esse fim não é lícita. A destruição direta da chamada "vida sem valor", nascida ou para nascer, pratica-

da poucos anos atrás em grande número, de nenhum modo pode ser justificada. Por isso, quando essa prática teve princípio, a Igreja declarou formalmente ser contrária ao direito natural e divino positivo e portanto ilícito ao matar, mesmo que por ordem da autoridade pública, aqueles que inocentes que, por taras físicas ou psíquicas, não são úteis à nação, mas pelo contrário se lhe tornam um peso.

Como de todos é sabido, no estado atual da ciência médica já não se pode falar mais em casos cuja solução seria o infanticídio como recurso exclusivo para salvar a vida da gestante. E mesmo que a ciência médica não pudesse solucionar, não deveriam os médicos ser mais prudentes do que Deus, que deixa à natureza a solução. Acima da medicina humana há a divina. É por isso também que a Santa Igreja e a lei civil proibem o aborto sem distinção de tempo.

### ***CORRELAÇÃO ENTRE O FÍSICO E O PSÍQUICO***

Provada a união substancial da alma e do corpo, tiremos suas conseqüências: tudo o que afeta o corpo afeta diretamente a alma e vice-versa. Agindo-se sobre um dos dois, age-se sobre outro. Aperfeiçoando-se um ao outro, aperfeiçoa-se toda a pessoa humana, porque o ser humano é substancialmente um.

Há, portanto, influência do físico sobre o psíquico e do psíquico sobre o físico. Influência do físico sobre o psíquico: a alma, unida substancialmente ao corpo, necessita receber dos sentidos, da imaginação, a matéria donde abstrai o objeto das próprias idéias.

A alma depende do corpo extrinsecamente, o que não repugna a sua espiritualidade, como um pintor, que para colorir um quadro se serve das tintas que lhe apresente uma pessoa estranha. Assim como, estando as faculdades sensitivas, as nutritivas, unidas substancialmente aos órgãos corporais, é natural que qualquer perturbação que fira estes órgãos perturbe também as faculdades correlacionadas, assim também as operações imateriais da inteligência, estando intimamente associadas às faculdades e operações sensitivas, deverão sofrer das condições biológicas dos órgãos corpóreos, uma indireta, mas verdadeira e real influência. A boa disposição física do cérebro, do sistema nervoso, do corpo em geral, é uma condição necessária para a alma pensar bem.

### ***INFLUÊNCIA DO CÉREBRO***

Nos manicômios há pessoas de excelente fisiologia, no entanto são doentes mentais. O doentes mentais não perdem a razão, nem têm a inteligência doente, mas enfermo está o cérebro, e a anormalidade da vida sensitiva impede o exercício normal da vida intelectual.

Assim a criança, nos primeiros anos, não tem o uso da razão; tem inteligência, mas não a usa plenamente, porque não estão ainda suficientemente desenvolvidos

os órgãos que devem servir a matéria à inteligência.

No sono não dorme a inteligência, mas porque os sentidos estão inativos e a fantasia adormecida ou agindo irregularmente, a inteligência não trabalha ou pelo menos não age tão ativamente como antes do sono. Trabalhando ou estudando, não é a inteligência que se cansa, mas os sentidos, faculdades orgânicas sujeitas à fadiga e ao cansaço.

### **INFLUÊNCIA DO SISTEMA NERVOSO**

Houve o caso de um juiz da corte suprema de Ottawa nos Estados Unidos que começou a dar sinais inquietantes de perturbação mental. Descoberta a causa, verificou-se o seguinte: duas vértebras deslocadas exerciam forte pressão sobre o feixe de nervos da espinha dorsal. Feita a operação, o doente recuperou logo a lucidez, podendo novamente desempenhar suas altas funções.

### **INFLUÊNCIA FISIOLÓGICA**

Uma pessoa que sofre de alguma doença em geral fica de mau humor e muitas vezes se torna até furiosa. A influência do psíquico sobre o físico: essa influência existe e em maior escala que o físico sobre o psíquico. Os fenômenos da consciência têm repercussões sobre o cérebro e por elas sobre o sistema nervoso e a fisiologia. Isto em virtude da união substancial da alma com o corpo num único eu.

A enfermidade psíquica não é simples imaginação ou fingimento do doente. Os sintomas que experimenta na cabeça, no coração, na respiração, no aparelho digestivo etc são verdadeiros sintomas, mas geralmente não causados por lesão do respectivo órgão e sim pelo seu psiquismo descontrolado, anárquico.

O conhecimento da natureza psíquica do doente e a conseguinte orientação da luta no terreno verdadeiro é a metade da cura e a outra metade está na confiança e fé no método, mais o fator tempo. Muitas vezes a eficácia do remédio decorre muito mais da confiança nele do que de suas propriedades químicas. Uma injeção de água destilada, muitas vezes, é suficiente para acalmar um doente nervoso.

Nos sintomas de doenças psíquicas, quase sempre aparece falta de nitidez e de precisão nas sensações, falta de unidade e paz nas concentrações intelectivas, falta de decisão e firmeza na vontade. Reeducando o enfermo nestas três faculdades, ficará curado ou pelo menos habilitado para curar-se.

Todo mundo escreve Kretschmer (1990), de uns anos para cá, concordo em reconhecer que os conhecimentos psicológicos são elementos indispensáveis ao desenvolvimento intelectual dos estudantes em geral. Mister (1990) faz cuidar mais do doente que da doença. Carrel (1935), no seu livro intitulado "L'Homme cet inconnu" (O Homem esse Incomum), afirma que nas estatísticas de todos os países são as psicoses e as neuroses que atingem hoje o primeiro lugar.

Diz ele: "É um dos mais ativos fatores das desgraças dos indivíduos e da destruição das famílias. Esta deterioração mental é talvez para a civilização mais perigosa que as doenças infecciosas de que se ocuparam exclusivamente a medicina e a higiene".

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ARANHA, M. L. A. E MARTINS, M. H. P. (1994) *Filosofando (Introdução à Filosofia)*. 2. ed. São Paulo: Editora Moderna Ltda.
- ARISTÓTELES. (1980) *Metafísica*. Os Pensadores. 2. ed. São Paulo: Editora Abril Cultural.
- CARREL, Alexis. (1986) *O Homem esse Incomum*. Tradução Ross Harrison. São Paulo: Fundação Nobel.
- DECARTES, René. (1980) *O Discurso sobre o Método*. Os Pensadores. 2. ed. São Paulo: Editora Abril Cultural.
- GAARDER, J., HELLERN, V. & NOTAKER H. (2001) *O Livro das Religiões*. 6. ed. São Paulo: Editora Cia das Letras.
- JUNG, C.G. (1979) *Psicologia e Religião*. Petrópolis: Editora Vozes.
- KRETSCHMER, Ernest. Ph.D. & MISTER, J. DR. (1990) *Estudos Psicocibernéticos*. Universidade de Ottawa: Editora U.S.A.
- LEIBNITZ, G. W. Von. (2000) *Tratado de Aritmética e Geometria*. Tradução de Afonso Roberto. Rio de Janeiro: Editora Cotia.
- PLATÃO. (1980) *A Alma*. Os Pensadores. 2. ed. São Paulo: Editora Abril Cultural.
- PAPA PAULO VI. (1969) *Apostolado da Lei Civil da Santa Igreja*. Index II.
- SÃO TOMÁS DE AQUINO. (1980) *O espaço e o Tempo*. Os Pensadores. 2. ed. São Paulo: Editora Abril Cultural.
- ZENÃO DE ELÉIA. (1980) *A Alma*. Os Pensadores. 2. ed. São Paulo: Editora Abril Cultural.

## **ESCREVER NO COTIDIANO... ALGUMAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO DE JOVENS DO ENSINO MÉDIO**

*Eliane Porto Di Nucci\**

### **RESUMO**

Esta pesquisa teve como objetivo descrever e analisar as práticas de letramento relacionadas à escrita, de jovens alunos da 3ª série do Ensino Médio, de uma escola da rede pública estadual, da cidade de Campinas - SP. Os dados foram coletados através de um questionário composto por 18 práticas de escrita, presentes no cotidiano. Os resultados mostram que elaborar cartas (86,7%; F=26) e bilhetes (70,0%; F=21) e anotar na agenda (73,3%; F=22) são as práticas mais frequentes no cotidiano desses jovens. Entre as práticas menos frequentes destacam-se redigir telegramas (33,3%; F=11) e ofícios (36,7%; F=10). Conclui-se que esses jovens possuem a escrita como uma prática bastante presente no cotidiano, o que parece favorecer a inserção social e cultural do indivíduo.

**Palavras-chave:** Letramento; Escrita; Ensino Médio.

### **ABSTRACT**

This research has the objective to describe and analyze literacy practices related to writing for 3rd degree high school students from a public school in Campinas, SP. Data were collected through a questionnaire with 18 writing practices which are present in their everyday life. The results show that preparing letters (86.7%; F=26) and notes (70.0%; F=21) and writing down in a memorandum book (73.3%; F=22) are the most frequent writing practices in their everyday life. Among the least ones are: telegrams (33.3%; F=11) and official letters (36.7%; F=10). We can conclude that these students do have writing as a practice pretty much present in their everyday life and this seems to support the person's social and cultural insertion.

**Key-words:** Literacy; Writing; High School.

### **INTRODUÇÃO**

Historicamente, a escrita surgiu há 5.000 anos como código de representação simbólica do pensamento, firmando-se como meio para difundir idéias. Lentamente, o processo de difusão e adoção dos sistemas escritos foi sendo adotado pelas sociedades antigas, sofrendo continuamente influências de fatores políticos e econômicos. Dessa forma, os sistemas escritos surgiram como resultados das relações de poder e dominação existentes nas sociedades, pois, durante muitos séculos, principalmente no Oriente, a escrita significava o poder dos burocratas e dos

---

\* Doutora em Educação - Unicamp. Docente da Universidade São Francisco e docente da Faculdade de Psicologia Padre Anchieta.

religiosos, pois os ideogramas eram barreiras que impediam o cidadão comum de ler e de escrever e, conseqüentemente, de participar ativamente da sociedade.

A escrita, enquanto sinais gráficos representando sons da fala, foi desenvolvida na Grécia por volta do século VII a.C. Inicialmente, não ocorreram mudanças decorrentes da cultura oral daquela sociedade, visto que a difusão de um sistema escrito é lenta e gradativa. Por esta razão, somente nos séculos V e VII a.C. a Grécia foi reconhecida como sociedade letrada, ou seja, como uma sociedade que utilizava não apenas a oralidade, mas também a escrita como formas de comunicação. Com as mudanças sociais, políticas e culturais e a formalização da história e da lógica como disciplinas intelectuais, houve a solidificação e a expansão da escrita nesta sociedade (Tfouni, 1995).

Assim, a escrita proporcionou um impulso à estruturação do sistema social, o qual passou a demandar o uso da escrita em diferentes situações cotidianas. Este uso social da escrita favoreceu a explicitação de normas cultas que até então estavam presentes na oralidade e eram esquecidas ou modificadas de acordo com a relevância social dos conteúdos transmitidos oralmente. Com a presença da escrita, aumentaram as possibilidades de ação social, viabilizando as relações comunicativas entre os membros da sociedade e entre grupos sociais (Ribeiro, 1999).

É fato que, no Oriente antigo, o uso da escrita foi um marco histórico-social que desencadeou transformações para tornar uma sociedade em um meio letrado. Este fato também ocorreu no Ocidente, sendo a história do uso da escrita e da alfabetização considerada como uma história descontínua, uma história de contradições associada às relações de poder e dominação.

Atualmente, a escrita permeia quase todas as práticas sociais dos povos em que penetrou. Até mesmo os indivíduos não alfabetizados, em sociedades letradas, estão sob a influência do que contemporaneamente se convencionou chamar de letramento, isto é, um processo histórico e social que não se confunde com a realidade representada pela alfabetização regular e institucional.

É fato que a alfabetização e a escolarização têm uma presença marcante na história das sociedades industriais que exigiam a leitura e a escrita como meios para melhorar a qualidade de vida e a produtividade no trabalho. Assim, a alfabetização foi marcada pelo domínio do código escrito, embora nem todas as pessoas inseridas socialmente dominem esse código. O domínio do código alfabético caracteriza o indivíduo alfabetizado e, portanto, aquele que não possui o domínio do código é considerado como analfabeto.

Assim, ser analfabeto significa não dispor da tecnologia de ler e de escrever; significa ser o indivíduo que não tem acesso à maioria dos bens culturais de uma sociedade letrada, o que, historicamente, foi atrelado à alfabetização (Soares, 1998).

O poder da alfabetização, juntamente com o processo de escolarização, sempre esteve presente, principalmente com o desenvolvimento econômico e social. No entanto, à medida que novas condições sociais demandam o uso da escrita e à



medida que a sociedade torna-se cada vez mais centrada na escrita, um novo fenômeno se configura: não basta aprender a ler e a escrever, é preciso incorporar a escrita.

Há uma distinção bastante nítida entre a apropriação da escrita e da leitura (a alfabetização) a partir do código escrito e os usos/funções da escrita e da leitura enquanto práticas sociais mais amplas (o letramento).

A alfabetização pode se dar, como de fato ocorreu historicamente, à margem da instituição escolar e compreende o domínio ativo e sistemático das habilidades de ler e escrever, de dominar o código escrito e as normas formais da escrita. À prática formal e institucional de ensino da leitura e da escrita, que visa a uma formação integral do indivíduo, denomina-se escolarização.

No entanto, estudiosos do letramento como Kleiman (1995), Soares (1998) e Ribeiro (1999; 2001) mostram que a condição para a inserção social e cultural do indivíduo não é apenas a alfabetização, mas, principalmente, as práticas sociais da escrita no cotidiano. Isso implica dizer que não basta estar em contato com a escrita; é preciso que ela tenha significados e exerça diferentes funções sociais.

Segundo Soares (1998) e Ribeiro (1999), o contato cotidiano com a escrita contribui para a inserção social e também para o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, mas é a natureza e o efeito das práticas da escrita no cotidiano que tornam o indivíduo letrado e inserido no contexto social.

Na concepção de Soares (1998), tornar-se letrado produz conseqüências sócio-culturais, já que o indivíduo passa a ter, gradualmente, uma nova condição social e cultural, um novo modo de viver na sociedade e de se inserir na cultura (o que não implica, necessariamente, em mudar o nível sócio-econômico). O letramento pode trazer conseqüências cognitivas, pois a pessoa letrada pode desenvolver formas de pensamento mais elaboradas, diferentes da pessoa não letrada ou da não alfabetizada; e também conseqüências lingüísticas, uma vez que o convívio com a língua escrita influencia o uso da língua oral, as estruturas lingüísticas e o vocabulário.

Esta concepção de letramento é complementada por Ribeiro (1999) que entende que o letramento surge nas relações entre a aquisição e o uso da escrita com as mudanças que ocorrem na organização social e cultural, implicando o aprimoramento do funcionamento cognitivo dos indivíduos.

De acordo com Soares (1998) e Ribeiro (1999; 2001), o letramento pode ser compreendido sob duas dimensões: a *individual* e a *social*.

Na *dimensão individual*, o letramento é interpretado como um atributo pessoal, ou seja, a posse de habilidades individuais de leitura e de escrita. Considera a necessidade do domínio de habilidades e conhecimentos lingüísticos e psicológicos para a leitura, incluindo a decodificação de símbolos escritos e sonoros e o processo de construção da interpretação e da compreensão de textos escritos. Na escrita, também há necessidade do domínio de algumas habilidades e conhecimentos para que o indivíduo estabeleça relação entre atividades sonoras e símbo-

los escritos, além de comunicar-se com o leitor através do processo de expressão de idéias e de organização do pensamento sob a forma escrita.

Na *dimensão social*, o letramento é entendido como um fenômeno cultural, referente a um conjunto de atividades sociais que demandam o uso da escrita. Segundo Soares (1998), as práticas sociais da escrita podem estar presentes na perspectiva da adaptação do indivíduo às condições sociais de forma que ele funcione adequadamente no contexto social ou na perspectiva da transformação das relações sociais a partir das práticas de escrita socialmente construídas.

Assim, pode-se considerar que a aquisição da escrita envolve tanto as habilidades cognitivas do indivíduo quanto o contexto sócio-cultural no qual ele está inserido, que exige os diferentes usos da escrita no cotidiano.

Considerando a escrita um evento essencial no cotidiano de uma sociedade letrada, o presente estudo teve como objetivo descrever e analisar as práticas de letramento relacionadas à escrita de jovens alunos da 3ª série do Ensino Médio.

## **MÉTODO**

### **PARTICIPANTES**

Participaram da pesquisa 30 alunos da 3ª série do Ensino Médio de uma escola urbana da rede estadual de ensino, situada em Campinas - SP. Todos os participantes (100%; F=30) eram solteiros, sendo 56,7% (F=17) do sexo feminino e 43,3% (F=13) do sexo masculino. A idade variou entre 16 e 21 anos, sendo 17 anos a idade média. A maioria dos jovens (90,0%; F=27) era pertencente ao nível sócio-econômico médio, conforme classificação adotada pela Unicamp (2000), de acordo com a ocupação profissional dos pais.

### **INSTRUMENTO**

Foi utilizado para a coleta dos dados um questionário cujo objetivo foi identificar as práticas de letramento, particularmente da escrita, presentes no cotidiano dos jovens. Neste questionário, foram apresentadas 15 práticas de letramento relacionadas à escrita para que o sujeito indicasse a frequência de escrita destas práticas em seu cotidiano, de acordo com as categorias: a) escrevo sempre, por curiosidade, tenho o hábito de escrever; b) escrevo eventualmente, quando é necessário escrever; c) escrevo por obrigação, quando sou cobrado; d) não escrevo. Também foi realizada uma entrevista que teve como objetivo complementar os dados obtidos através do questionário.

### **PROCEDIMENTOS**

O questionário foi aplicado coletivamente, com acompanhamento da pesquisadora. Para cada prática de letramento indicada no instrumento, o sujeito deveria assinalar apenas uma categoria. Após a coleta de dados, as respostas foram descritas em frequência (F) e porcentagem (%) e analisadas de acordo com a prova estatística do Qui-Quadrado, considerando as variáveis gênero, ocupação profissional e nível sócio-econômico. A entrevista foi realizada individualmente, sendo que cada uma foi gravada e, posteriormente, transcrita. As respostas dos sujeitos foram agrupadas de acordo com a proximidade do conteúdo.

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

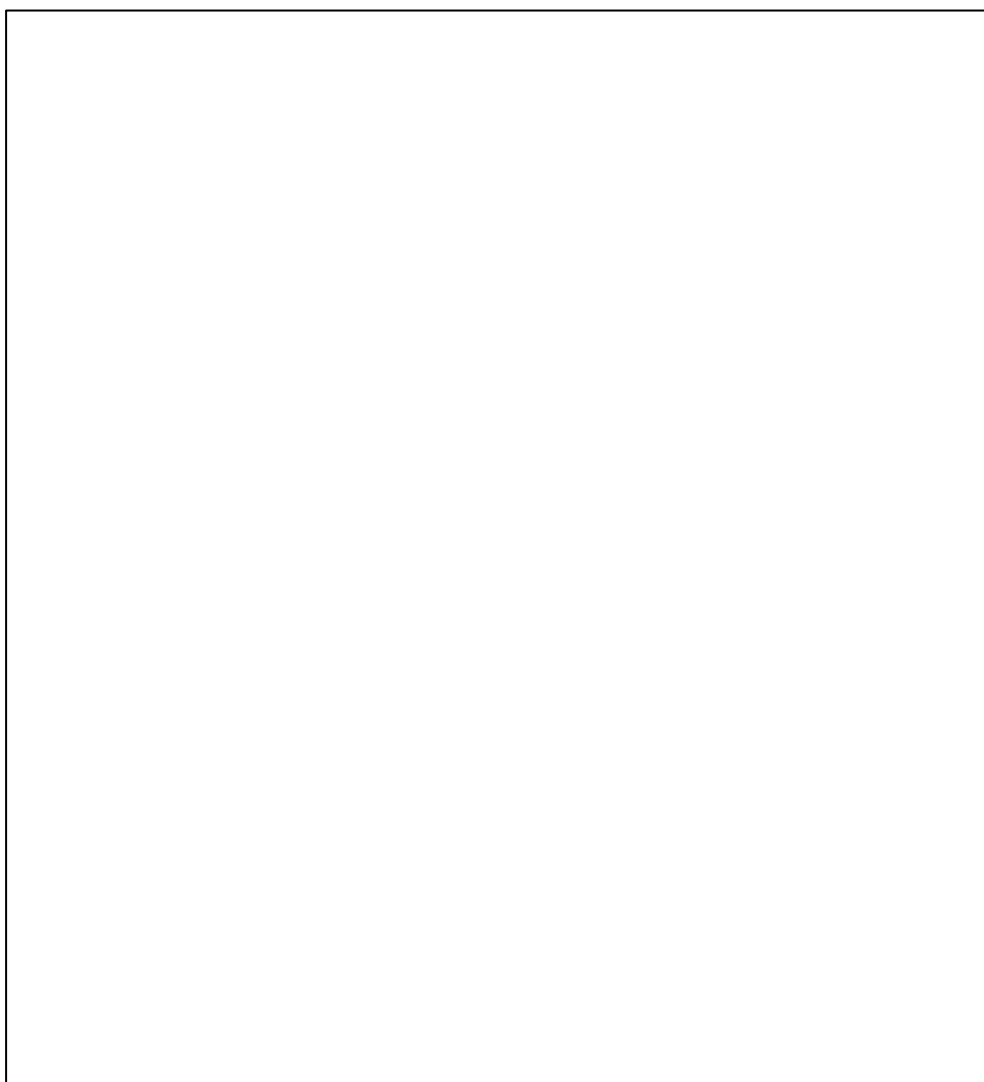
Escrever um texto é uma prática bastante presente no cotidiano de uma sociedade letrada, mas que nem sempre é considerada uma prática prazerosa; pode ser vista apenas como uma obrigação. De acordo com os sujeitos, 53,3% (F=16) deles afirmaram que gostam de escrever, sentem prazer em escrever um texto, principalmente cartas, bilhetes e anotações em agenda e 46,7% (F=14) afirmaram que não gostam de escrever qualquer tipo de texto. Embora alguns sujeitos tenham afirmado que não gostam de escrever, todos (100%; F=30) reconhecem a importância da escrita para sua inserção social e cultural.

O fato de o sujeito gostar ou não de escrever pode estar relacionado à concepção de texto escrito que ele possui. Essa concepção, muitas vezes, está relacionada com a formação acadêmica dos sujeitos, baseada em atividades metalingüísticas, ou seja, “relacionadas a um tipo de análise voltada para a descrição, por meio da categorização e sistematização dos elementos lingüísticos” (MEC, 1997; p.38), sem que haja uma reflexão sobre a escrita. Porém, para o indivíduo inserir-se social e culturalmente, ele precisa desenvolver a capacidade de refletir sobre os usos da escrita no cotidiano e, assim, ser capaz de produzir e interpretar textos de diferentes naturezas, ou seja, precisa desenvolver a capacidade epilingüística.

No entanto, parece que os jovens da amostra não possuem a prática de redigir textos mais elaborados no cotidiano, embora escrevam diferentes tipos de texto. Destaca-se que entre as 15 práticas de letramento relacionadas à escrita, apresentadas no questionário, foram indicados pelos sujeitos como textos escritos mais freqüentemente, na categoria A, as anotações em agenda (43,3%; F=13) e a elaboração de cartas (40,0%; F=12). Na categoria B, foi citada a escrita de cartas (40,0%; F=12), diários (30,0%; F=9) e formulários (30,0%; F=9) como textos mais escritos por necessidade; na categoria C, foram apontadas instruções (30,0%; F=9), textos técnicos (26,7%; F=8) e relatórios (23,3%; F=7) como textos escritos apenas quando os sujeitos são cobrados por alguém. Destaca-se aqui que, de acordo com a categoria D, algumas práticas de letramento que envolvem a escrita, como preencher

cheques (60,0%; F=18), elaborar textos técnicos (60,0%; F=18) e escrever telegramas (63,3%; F=19), receitas culinárias (63,3%; F=19) e ofícios (66,7%; F=20) estão pouco presentes no cotidiano desses jovens que responderam o questionário, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1: Frequência e porcentagem de respostas em relação a cada prática de letramento, relacionadas à escrita, de acordo com as categorias A, B, C, D



Número de sujeitos: 30

Legenda: A = escrevo sempre, por curiosidade, tenho o hábito de escrever  
B = escrevo eventualmente, quando é necessário escrever  
C = escrevo por obrigação, quando sou cobrado  
D = não escrevo

De acordo com a análise estatística, pode-se observar que há diferença significativa entre gêneros com relação à escrita de diário ( $\chi^2=9,666$ ;  $p=0,008$ ), lista de compras ( $\chi^2=12,152$ ;  $p=0,07$ ), instruções ( $\chi^2=7,741$ ;  $p=0,05$ ), receitas culinárias ( $\chi^2=13,282$ ;  $p=0,04$ ), bilhetes ( $\chi^2=7,990$ ;  $p=0,04$ ) e telegramas ( $\chi^2=8,602$ ;  $p=0,03$ ).

A distribuição de respostas mostra que, com relação à escrita de telegramas, 46,2% dos jovens do sexo masculino possuem essa prática de letramento, sendo que a escrita ocorre, predominantemente, quando é cobrado (30,8%) e também quando é necessário (7,7%) ou por curiosidade (7,7%). Já em relação ao sexo feminino, 29,4% dos jovens apresentam essa prática apenas quando é necessário.

Quanto à escrita de bilhetes, 76,9% dos jovens do sexo masculino apresentam essa prática, sendo que a maioria (46,2%) escreve bilhetes somente quando é cobrado. Para 23,1% dos sujeitos, a escrita ocorre quando é necessário e para 7,7% ocorre devido ao hábito de escrever. A maioria dos jovens do sexo feminino também apresentam essa prática de letramento no cotidiano (64,7%): 35,3% escrevem por ter o hábito de escrevê-los e 29,4% escrevem quando é necessário.

De acordo com os sujeitos, escrever bilhetes é uma prática ligada, principalmente, às situações familiares e de trabalho. Nessas situações, os bilhetes se constituem como uma importante forma de comunicação e predomina a leitura para satisfazer a curiosidade pessoal.

Escrever instruções é uma prática também bastante presente no cotidiano dos jovens do sexo masculino: 61,5% dos jovens possuem essa prática, embora a maioria (53,8%) escreva quando é cobrada e 7,7% escrevem quando é necessário. Para 52,9% dos jovens do sexo feminino, essa prática ocorre, predominantemente, quando é necessário (29,4%), embora ocorra também quando são cobradas (11,8%) ou por terem esse hábito (11,8%). Ressalta-se que tanto homens quanto mulheres compreendem instruções como "dar ordens", o que ocorre principalmente nas situações de trabalho.

Vale destacar aqui que, em ambos os gêneros, a escrita de telegramas, bilhetes e instruções está presente no cotidiano. Porém, há uma predominância no sexo masculino, independente das práticas de letramento exigidas em casa, na escola ou na atividade profissional.

Outro aspecto que deve ser destacado refere-se às práticas de escrever receitas culinárias, diário e lista de compras: são práticas, predominantemente, do sexo feminino que podem estar relacionadas às práticas culturalmente delegadas ao papel social da mulher.

Para 64,7% dos jovens do sexo feminino, escrever receitas culinárias é uma prática de letramento que ocorre sempre por terem esse hábito (29,4%), quando é

necessário (23,5%) ou quando são cobradas (11,8%). Ao passo que os jovens do sexo masculino não demonstram essa prática no cotidiano (100,0%).

Escrever diário é uma prática presente no cotidiano de 70,6% dos jovens do sexo feminino, que escrevem quando sentem necessidade (41,2%) ou por terem esse hábito de escrita (29,4%). Já entre os jovens do sexo masculino que apresentam essa prática (15,4%), todos escrevem diário quando sentem necessidade. Vale ressaltar que a maioria dos jovens do sexo masculino não realiza essa prática de letramento (84,6%).

Quanto à escrita de lista de compras, 82,4% dos jovens do sexo feminino mostram possuir essa prática no cotidiano, sendo que 41,2% têm o hábito, 23,5% escrevem quando são cobrados e 17,6% escrevem quando é necessário. Entre os jovens do sexo masculino que escrevem lista de compras (23,1%), 15,4% escrevem quando é necessário e 7,7% possuem esse hábito. Porém, a maioria dos jovens do sexo masculino não realiza essa prática (76,9%), o que reforça a idéia de serem práticas predominantemente do sexo feminino, determinadas historicamente em nossa sociedade.

As diferenças entre as práticas de letramento relacionadas com a escrita de textos técnicos ( $\chi^2=8,529$ ;  $p=0,03$ ) e instruções ( $\chi^2=8,138$ ;  $p=0,04$ ) são estatisticamente significantes entre os sujeitos que trabalham e os que não trabalham. A distribuição de respostas mostra que 73,7% dos jovens que trabalham não escrevem textos técnicos e 36,4% dos jovens que não trabalham também não escrevem. Entre os jovens que trabalham e escrevem textos técnicos (26,3%), 15,8% escrevem quando são cobrados e 10,5% escrevem somente quando é necessário. Já entre os jovens que não trabalham e possuem essa prática de letramento (63,6%), 45,5% escrevem quando são cobrados e 18,2% escrevem por curiosidade pessoal.

É interessante notar que, de acordo com os dados, os jovens que não trabalham escrevem mais freqüentemente textos técnicos do que os jovens que trabalham. Isso pode ser mais bem compreendido se forem considerados os textos acadêmicos que eles elaboram como textos técnicos, como afirmaram os jovens durante as entrevistas.

Com relação à escrita de instruções, entre os jovens que trabalham, 42,1% deles não escrevem e 31,6% escrevem quando é necessário. Já entre os jovens que não trabalham, 54,5% deles escrevem quando é necessário e 45,5% não possuem essa prática.

Quanto aos diferentes níveis sócio-econômicos, não foram verificadas diferenças significativas entre essas práticas de letramento.

Embora a escrita de cartas não tenha apresentado diferença estatisticamente significativa, Camargo (2000) destaca que escrever cartas é uma prática cultural que se revela no ato de escrever do adolescente, principalmente sobre a vivência escolar. A carta pode ser vista como "... uma prática cultural pelas marcas, gestos, atitudes que os sujeitos nelas imprimem e deixam impressas, configurada a partir de competências, modelos, códigos, interesses socialmente construídos, revelada

nos modos singulares de apropriação e expressão..." (p. 140).

Além das cartas, merecem destaque as anotações em agenda. Anotar diferentes recados, consultas médicas, mensagens de amigos, datas de provas e de entrega de trabalhos escolares são práticas muito presentes na vida de 73,3% (F=22) dos jovens da amostra. Segundo eles, as anotações têm como função lembrá-los dos compromissos cotidianos. É interessante ressaltar que esta parece não ser considerada uma prática de letramento exclusivamente escolar, pois os sujeitos referem-se aos compromissos escolares e também aos compromissos sociais, tanto para anotar quanto para ler recados ou outras anotações.

A predominância de algumas práticas de letramento pode estar relacionada aos usos sociais da escrita no cotidiano que, muitas vezes, exigem a redação de textos mais simples.

É fato que redigir um texto nem sempre é uma tarefa fácil, pois a escrita exige uma linguagem completa, elaborada e planejada, com idéias explícitas, em que predominam frases complexas e o emprego de regras gramaticais e ortográficas, diferentemente da fala (Kock, 1998).

A dificuldade na redação de um texto pode estar associada à forma de comunicação entre os jovens, que ocorre cotidianamente através de textos curtos e em forma de códigos e abreviações. A linguagem escrita entre eles, principalmente via Internet, tem se caracterizado como um discurso híbrido por mesclar o estilo oral com o escrito, o que pode contribuir para a dificuldade que esses jovens encontram para redigir textos mais elaborados. Isto está ocorrendo devido ao fato de os internautas criarem, a cada dia, novos recursos gráficos convencionais e até mesmo símbolos icônicos, numa tentativa de simplificar, nos *bate-papos*, os recursos lingüísticos da fala. Essas são as condições emergentes de usos sociais da escrita encontradas atualmente no cotidiano, que parecem estar modificando o padrão social da escrita.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ressalta-se que estes dados são referentes a um estudo mais amplo sobre as práticas de letramento de jovens que freqüentam o Ensino Médio, envolvendo a oralidade, a leitura e a escrita. Porém, julgou-se importante destacar as práticas de escrita apresentadas pelos jovens por serem práticas pouco percebidas no cotidiano deles: eles enfatizam mais a leitura devido às cobranças sociais.

Ressalta-se que esta amostra representa uma pequena parcela de jovens brasileiros que freqüentam o Ensino Médio. Para poder generalizar as informações obtidas nesta amostra, seria necessário realizar estudos mais amplos, que envolvessem outras amostras e diferentes realidades do Ensino Médio.

Outro ponto que merece destaque refere-se à metodologia. A coleta de dados pode ter restringido as práticas de letramento dos sujeitos, presentes no cotidiano.

Seria interessante realizar outras entrevistas com os sujeitos a fim de investigar melhor os dados coletados.

Apesar das limitações, o presente trabalho parece ter contribuído com uma reflexão sobre as práticas de escrita de jovens que freqüentam o Ensino Médio que, aliada a novos estudos, possibilitará a construção de uma concepção de letramento cada vez mais pautada na realidade brasileira, considerando as práticas de ler, escrever e falar presentes no universo dos jovens.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CAMARGO, M.R.R.M. *Cartas e escrita*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2000.

KLEIMAN, A.B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In A.B.Kleiman (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p.15-64.

KOCK, I.V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1998.

MEC - Ministério da Educação *PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais- Ensino Fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, 1997.

RIBEIRO, V.M.M. *Alfabetismo e atitudes*. Campinas: Papirus. Ação Educativa, 1999.

\_\_\_\_\_. A promoção do alfabetismo em programas de educação de jovens e adultos. In V.M.Ribeiro (Org.) *Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p.45-64.

SOARES, M.B. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TFOUNI, L.V. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1995.



## **PSICOLOGIA DO ESPORTE: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS**

*Alexandre Roberto Moretti \**

### **RESUMO**

Atualmente a sociedade tem passado por experiências, transformações e evoluções que necessitam ser entendidas pelas ciências, para que o ser humano possa, utilizando-se do saber científico, desenvolver plenamente suas potencialidades; necessidades estas que requerem o surgimento de “novas” áreas de atuação da Psicologia, a fim de cumprirem o seu papel social e investigatório.

Desde a década de 50, a Psicologia vem conquistando, ainda que com muitas dificuldades, seu espaço na área do esporte. Devido às necessidades específicas oriundas da prática esportiva surgiram diversos campos de atuação, tais como: Esporte de Reabilitação, Esporte Recreativo, Esporte Escolar e Esporte de Alto Rendimento, sendo que este último envolve as competições de alto nível nas quais são ganhos os campeonatos, e “quebram-se” os recordes ou superam-se limites. Tais exigências são cada vez mais acentuadas pela sociedade globalizada. Nestas competições os aspectos técnicos, táticos e físicos dos atletas são equivalentes, surgindo a Psicologia do Esporte, como um diferencial.

**Palavras-chave:** Psicologia do Esporte, histórico da Psicologia do Esporte no Brasil, evolução da Psicologia do Esporte, atribuições e funções do psicólogo do esporte.

### **ABSTRACT**

Nowadays, society has been passing through experiences, transformations and evolutions that need to be understood by the sciences, so that the human being is able to develop its potentialities completely, using the scientific knowledge; these needs require the development of “new” action fields in Psychology, in order to play their social and investigative role.

Since the 50's, Psychology has been gaining space with sports, in spite of the difficulties. Owing to the particular necessities that derive from the sports practice, several action fields have appeared, such as: sports for rehabilitation, sports for recreation, sports in schools, high performance sports that involve high level competitions where championships are won, records are “broken” and limits are defeated. These requirements are increasingly accentuated by the globalized society. In these competitions the athletes technical, tactic and physical aspects are equivalent, thus arises the Psychology in Sports as a differential.

**Key-words:** Psychology in Sports, history of the Psychology in Sports in Brazil, evolution of the Psychology in Sports, sports psychologist attributions and functions.

---

\* Psicólogo - formado pela Faculdade de Psicologia Padre Anchieta – FAPPA.

## **EVOLUÇÃO DA PSICOLOGIA DO ESPORTE NO BRASIL**

A Psicologia do Esporte no Brasil “nasceu” numa época em que nem mesmo a Psicologia era reconhecida como profissão aqui no Brasil; trata-se do início da década de 50, em que o Brasil participava do jogo final do Campeonato Mundial de Futebol, no maior estádio do mundo, ou seja, jogando em casa. Sofreu uma derrota que, até hoje, é um tabu, segundo Rubio (2002).

Foi nestas condições que João Carvalhaes, em 1957, desenvolveu um trabalho psicológico com juízes de futebol na Federação Paulista de Futebol e, mais tarde, em 1958, com a seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo, conquistando o primeiro título mundial para o país, na Suécia (Machado, 1997; Rubio, 2000).

Em 1959, João Carvalhaes apresentou no VI Congresso Interamericano de Psicologia, no Rio de Janeiro, o trabalho Experimentações Psicológicas no Esporte. Até então, a Psicologia não era reconhecida como profissão no Brasil, tornando-se como tal em 1962 e provocando mudanças tanto no âmbito acadêmico como no profissional, gerando novas perspectivas. No mesmo ano, Athayde Ribeiro da Silva trabalhou com a Seleção Brasileira de Futebol, na Copa do Mundo realizada no Chile, sendo esta novamente campeã.

Athayde Ribeiro da Silva e Emilio Mira escreveram o primeiro livro de Psicologia do Esporte brasileiro, em 1964, intitulado *Futebol e Psicologia*. Em 1965, no I Congresso Internacional de Psicologia do Esporte, em Roma, Athayde novamente representou o Brasil com o tema *Observações sobre Psicologia aplicada ao futebol*, relatando sua experiência com a seleção bicampeã do mundo (1962).

Dois anos mais tarde, em 1967, foi publicado o segundo livro de Athayde: *Psicologia esportiva e a preparação do atleta*, no qual buscava ampliar a aplicação da psicologia a outras modalidades, não apenas ao futebol.

No II Congresso Internacional de Psicologia do Esporte, em Washington, realizado em 1968, quem representou o Brasil desta vez foi João Carvalhaes apresentando: *Correlações entre o estado psicológico e o rendimento do atleta de futebol*, sendo esta uma grande novidade para a psicologia brasileira de então, e uma curiosidade para pesquisadores de outros países que acompanhavam a “performance” da Seleção Brasileira de Futebol.

Neste ínterim a Psicologia foi se desenvolvendo em faculdades e universidades, formando profissionais com conhecimentos gerais (as principais áreas de atuação/abordagens) e específico (psicologia clínica). Poucos foram os profissionais que migraram para outras áreas, mas em 1971 o psicólogo João Serapião realizou um trabalho no Guarani Futebol Clube, na cidade de Campinas, aumentando a participação da psicologia no âmbito social.

Em 1973, o psicólogo Paulo Gaudêncio trabalhou no Sport Clube Corinthians, que em 1982 também receberia o psicólogo Flávio Gikovate. João Carvalhaes, em 1974, escreveu o livro *Psicologia no Futebol*, no qual descreve o trabalho realizado nessa modalidade esportiva e as suas particularidades, conforme propõe Rubio

(2000b).

Em 1976, no Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa, na cidade de São Paulo, iniciou-se o trabalho do psicólogo Mauro Lopes de Almeida, alcançando outras modalidades esportivas. Em 1976, desenvolveu-se em São Caetano do Sul, na grande São Paulo, o CECLAFISCS (Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul), o setor de psicologia aplicada ao esporte coordenado pela psicóloga Sandra Cavasini, segundo Abdo (2000).

No ano de 1979, na cidade de Novo Hamburgo, RS, foi fundada a SOBRAPE, Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte, filiada à Internacional Society of Sport Psychology (ISSP), cujo presidente-fundador foi o psicólogo Benno Becker Junior. Somente onze anos mais tarde, em 1990, foi fundada a Sociedade de Psicologia Aplicada ao Esporte, atividades físicas e recreação de São Paulo (SPAESP), sendo filiada à SOBRAPE.

Em outubro de 1981, na cidade de Porto Alegre, RS, ocorreu o I congresso Brasileiro de Psicologia do Esporte, organizado pela SOBRAPE.

O Esporte Clube Pinheiros implantou o Centro de Preparação Psicológica, em 1982, sob a supervisão inicial do psicólogo Willian U. de Lima e posteriormente sob a coordenação da psicóloga Eliane Abdo Philippi juntamente com vários psicólogos. Ampliaram o campo de atuação da psicologia com a exploração desta em diversas modalidades que o clube abrigava. A base do trabalho de Psicologia constituía-se de psicodiagnóstico esportivo e suporte psicológico. Esse departamento foi extinto em 1997; o resultado dessas experiências foram diversas pesquisas divulgadas e publicadas em congressos brasileiros e internacionais de Psicologia do Esporte.

Um grande marco ocorrido em 1986 para a Psicologia do Esporte foi ser reconhecida como especialidade de número 47 pela American Psychological Association (APA), e somente quinze anos mais tarde, em 2001, no Brasil, passou a ser atribuído o título de especialista ao psicólogo.

Principalmente a partir da década de 90, houve um considerável aumento na produção científica. Inúmeros trabalhos foram (e estão sendo) realizados em diversas equipes e modalidades esportivas. O mais recente trabalho divulgado foi com a Seleção Brasileira de Futebol em 2002, com a psicóloga Regina Brandão mostrando resultado e conquistando o Penta campeonato. No ano seguinte, o técnico Luiz Felipe Scolari, desta mesma seleção campeã, participou da "Jornada Futebol e Psicologia" (realizada na universidade São Judas Tadeu) e apresentou o tema "Contando a experiência com assessoria psicológica na seleção brasileira de futebol de 2002". Ele relatou como foi o trabalho psicológico e atribuiu o pentacampeonato à psicóloga Regina Brandão, ressaltando o êxito da referida psicóloga que, a despeito de exigüidade de tempo, conseguiu fazer o grupo mais unido, jogando em conjunto. Disse também que um time de "estrelas" não funciona e todos devem trabalhar juntos, o que não acontecera na Copa anterior. Ressaltou, por inúmeras vezes, que o trabalho psicológico é fundamental no esporte.

Mas a Psicologia do Esporte acadêmica não acompanha este ritmo de desenvolvimento, ficando nítida nela uma desarmonia entre a prática e a teoria. Isto fica evidenciado pelo fato de que a prática é desenvolvida sob embasamento teórico, contudo, as comprovações científicas dessa mesma prática não são adequadamente consideradas. As grades curriculares de faculdades e universidades, em sua maioria, não foram modificadas desde sua criação, e continuam visando principalmente a área clínica. Devido a essa realidade, algumas universidades desenvolveram cursos de mestrado e doutorado (na área da motricidade humana) e até algumas especializações, tentando reverter este quadro, atendendo necessidades tanto da psicologia como do esporte.

### **PSICOLOGIA DO ESPORTE NO BRASIL EM RELAÇÃO AO MUNDO**

De acordo com Machado (1997, p.7) “a criação da Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte, datada de 1965, em Roma, demonstra-nos que essa área de conhecimento é recente em todo o mundo”. E o Brasil que acompanha todo esse processo “de longe”, por ter começado a se desenvolver no final da década de 50, e somente na década de 90 tem contribuições mais significativas – enquanto nos Estados Unidos, os pioneiros iniciaram estudos na década de 20 – sente na “pele” as conseqüências dessa falta de conhecimento científico, sofrendo uma crise existencial, dividida pela prática (avançada) e pela teoria (estacionada), ficando, assim, sem uma definida identidade.

A Psicologia do Esporte sofre as mesmas conseqüências que sofre uma pessoa sem uma identidade definida, como um adolescente no mundo dos adultos. Essa transição à maturidade, da Psicologia do Esporte como ciência é um processo que demanda tempo, pesquisas e esforços incansáveis.

A fim de amenizar essa crise existencial, os cursos de graduação em Educação Física implantaram a disciplina Psicologia em suas grades curriculares há mais de 20 anos. Este fato explica a procedência da maioria dos profissionais vindos desta área. De acordo com Becker Junior (2000), que relata a experiência de criar o primeiro curso de pós-graduação da América do Sul em 1995,

“Havia quarenta vagas, sendo vinte para psicólogos e vinte para professores de Educação Física. A surpresa foi que somente cinco psicólogos se inscreveram, e trinta e cinco professores de Educação Física. Em 1997 as trinta vagas existentes foram preenchidas por professores de Educação Física. Em 1998, (...) trinta professores de Educação Física e cinco para Psicólogos. Em 1999 com trinta e cinco professores de Educação Física e cinco Psicólogos” (Becker Junior, 2000, p.117).

Por outro lado, nos atuais cursos de graduação em Psicologia no Brasil raramente encontra-se a cadeira Esporte ou Psicologia do Esporte em suas grades curriculares. Este fato agrava a crise de identidade por parte da “ciência mãe”, a Psicologia, sendo esta somente “adotada” nos cursos de mestrado, doutorado e

cursos de especialização. “A inadequação da formação profissional dos psicólogos brasileiros(...) parece estar interferindo negativamente na definição social do papel do psicólogo do esporte, bem como na qualidade da atuação prática deste profissional” (Largura, 2000, p.11).

Vários autores argumentam sobre a formação básica e generalista que o Psicólogo recebe na graduação, sendo que o aluno, no transcorrer de seu curso, acaba tendo a oportunidade de “aprender”, de uma maneira geral, apenas as três ou quatro grandes áreas de atuação, havendo, ainda, entre estas áreas, a predominância da Psicologia Clínica sobre as demais áreas na maioria dos currículos. Nos Estados Unidos isso não ocorre, pois para obter a licença obrigatória para exercer a função de psicólogo deve-se passar pela graduação e mais um curso posterior de aproximadamente 2.000 horas. Desta forma, o profissional está apto para atuar em uma única área, para a qual foi devidamente preparado (Largura, 2000, p. 11).

No Brasil, a formação do Psicólogo é voltada principalmente para a área de atuação em clínica (consultórios), seguindo o modelo elitista de Freud (modelo médico), e, como consequência, não cumpre seu papel social. Não cumprindo seu papel social, deixa de alcançar a maioria da população, diminuindo a credibilidade da Psicologia como um todo e aumentando os preconceitos para com ela.

Este fato está sendo amplamente discutido por profissionais da área, através dos respectivos conselhos regionais de Psicologia, que estão tentando reverter este quadro. Como exemplo dessa preocupação, foi realizado o I Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão, em setembro de 2002.

O desbravamento de novas áreas é um movimento no sentido de abranger o meio como um todo; mas, como toda evolução, não ocorre de um dia para o outro. Este caminho tortuoso aos poucos está sendo trilhado. O apoio de faculdades, universidades, mestrados e doutorados é de fundamental importância para clarificar e apontar o rumo certo. Visto que isso não ocorre somente com a Psicologia do Esporte, várias novas áreas da Psicologia estão passando pelo mesmo processo. Algumas delas como: a Psicologia do Trânsito, a Psicologia Forense, a Psicologia Hospitalar, a Psicologia do Marketing, dentre outras, inclusive a Psicologia Social.

Como a base de todo o processo é a formação, Largura (2000) aponta para o resultado da formação dos psicólogos brasileiros:

“... apenas a minoria dos profissionais formados buscam um aprimoramento técnico-científico para uma determinada área, a maioria acaba trabalhando durante anos com o pouco e geral que teve a oportunidade de estudar na graduação e com a experiência prática.” (Largura, 2000, p.13)

Esse resultado pode ter inúmeras variáveis, mas é fato. Portanto, é de imensa responsabilidade dos cursos de graduação oferecer uma base mais sólida para que a Psicologia possa, realmente, mostrar a sua validade e abrangência para a sociedade.

Rubio (2000b) também aponta para a necessidade de uma melhora nos cursos de formação, salientando que os recém-formados enfrentam grandes dificuldades

para intervir adequadamente no Esporte, uma vez que os cursos de Psicologia ainda não formam e nem qualificam o graduado para a possibilidade de atuação na Psicologia do Esporte.

### **PSICOLOGIA DO ESPORTE, O QUE É?**

Após entender como a Psicologia do Esporte “nasceu” no Brasil, surgem as dúvidas: O que é? Para que serve? O que estuda? Para quem?

A Psicologia do Esporte segundo a American Psychological Association (APA) é o estudo científico dos fatores psicológicos que estão associados com a participação e desempenho no esporte, exercício e outras formas de atividade física.

Relacionando e também afirmando o objeto de estudo, segundo De Rose Jr. (2000), podemos entender que a Psicologia do Esporte é o estudo do comportamento dos atletas em situações esportivas; das influências do esporte ou de determinadas situações sobre o comportamento dos atletas em situações esportivas competitivas; das relações entre características individuais dos atletas e situações esportivas competitivas; e das influências de fatores extra-competitivos e o comportamento dos atletas.

Outros autores, além de afirmarem o objeto de estudo, apontam para a aplicação da Psicologia do Esporte definindo-a como “O estudo científico das pessoas e de seus comportamentos em atividades esportivas e atividades físicas, e a aplicação prática desse conhecimento” (Weinberg e Gould, 2001, p. 28). Especificando um pouco mais, temos: “A identificação e compreensão de teorias e técnicas psicológicas que podem ser aplicadas ao esporte com o objetivo de maximizar o rendimento e o desenvolvimento pessoal do atleta”. (Wilians e Straub, 1991 apud Rubio, 2000b, p. 16).

A Psicologia do Esporte está relacionada com os fundamentos, processos e conseqüências das normas psicológicas das atividades esportivas para uma ou várias pessoas atuando como sujeitos desta atividade. O foco deve concentrar-se no comportamento ou nas diferentes dimensões do comportamento humano, isto é, afetivo, cognitivo, motivacional ou sensório-motor, segundo a European Federation of Sport Psychology.

Brandão (2000, p. 38) está de acordo com os seguintes autores:

“É a ciência da psicologia aplicada ao esporte e às situações esportivas” (Singer, 1978); “É o efeito do esporte sobre o comportamento humano” (Aldermen, 1980); “É o campo de estudo no qual os princípios da psicologia são aplicados no ambiente esportivo” (Cox, 1985); “É o ramo das ciências do esporte e do exercício que busca fornecer respostas para questões sobre o comportamento humano no esporte” (Gill, 1986); “É uma sub área da psicologia que focaliza o atleta e o esporte” (Cratty, 1989);

e aponta para a dificuldade de se encontrar um consenso sobre o que é a

Psicologia do Esporte sendo que um autor contradiz o outro quanto à sua origem. Mas podemos entender que é a junção de duas grandes ciências. O que fica evidente é que cada autor enfatiza aspectos sobre os quais está pesquisando e a sua área de formação, seja ela a Educação Física ou a Psicologia. No Brasil, como já visto, a maioria dos psicólogos do esporte são originários da Educação Física.

Entende-se que a Psicologia do Esporte pode ser utilizada por atletas, por técnicos, por treinadores, por grupos, por praticantes dos mais diversos exercícios, por crianças, por pessoas em reabilitações (lesões físicas, disfunções como cardiopatias, depressão, drogaditos), em socializações, no lazer, em atividades físicas, na educação, nas interações com os pais, com a comissão técnica (dirigentes), na mídia, com torcida, com juízes, em academias, enfim, envolve toda população relacionada ao esporte e à atividade física.

Outra dúvida surge: existe diferença entre Psicologia *do* Esporte e Psicologia *no* Esporte? Muitos autores e autoras afirmam que a diferença não está só na preposição, mas sim no sentido da atuação da psicologia em relação ao esporte:

“o termo Psicologia do Esporte representa uma apropriação da Psicologia pelo Esporte, e pode significar também uma Psicologia submetida à ideologia vigente na atividade esportiva, (...) Psicologia do Esporte sugere que o instrumento é a Psicologia e o fim, o Esporte.” (Franco, 2000, p. 3).

Esclarecendo ainda, encontramos que a Psicologia *do* Esporte está relacionada com a *interpretação psicológica* do fenômeno esportivo, ou seja, que ela, a Psicologia, é utilizada para explicar o sentido do fenômeno esportivo. E *no* Esporte, o enfoque da Psicologia do Esporte passa a ser um estudo sobre os tipos de *intervenções psicológicas* que o esporte deve requerer, ou seja, utilizam-se técnicas e procedimentos da Psicologia para transformar/modificar as relações dos atletas em relação ao esporte (Feijó, 2000).

Podemos dizer que a Psicologia do Esporte abrange a Psicologia no Esporte, e que a Psicologia do Esporte é uma ciência que engloba várias outras Psicologias (ramos), tais como: a Psicologia do Desenvolvimento; a Psicologia Social; a Psicologia Educacional; a Psicologia Experimental; a Psicologia da Personalidade e por último a Psicologia Clínica. Todos estes ramos da Psicologia contribuem para o esporte. Cada uma com suas especificidades e com seu grau de envolvimento (Singer, 1977).

### **EVOLUÇÃO DA PROFISSÃO: FUNÇÕES E ATRIBUIÇÕES DO PSICÓLOGO DO ESPORTE NO BRASIL**

Atualmente, a Psicologia do Esporte ganhou o reconhecimento como especialidade profissional, sendo incluída na Resolução em que o Conselho Federal de Psicologia (CFP) divulgou:

“Após ampla discussão em nível nacional, que envolveu todos os Conselhos Regionais, a APAF (Assembléia Política Administrativa Financeira), dentro de suas

atribuições, deliberou e aprovou a Resolução CFP nº 02/01 que instituiu o título profissional de especialista em Psicologia do Esporte, respectivo registro nos Conselhos Regionais. A Resolução passou a vigorar a partir de 22 de março de 2001.”

Neste artigo, o Conselho Federal de Psicologia define quais são os requisitos necessários para a obtenção do título de especialista, podendo este prestar concurso de provas e títulos (a partir de 2002) ou ter concluído o curso de especialização que deverá ser credenciado pelo MEC/CFP. Psicólogos que até 17 de dezembro de 2001 tenham mais de cinco anos de experiência profissional acumulada deverão procurar o CRP, dando entrada à solicitação de concessão do título e seu respectivo registro. O artigo também esclarece que o número total de horas que os cursos de especialização devem ter é de 500 horas, estipulado e julgado como necessário para garantir teoria e prática suficientes para o exercício profissional competente em uma determinada área. Já nos Estados Unidos, a American Psychological Association (APA) estipulou que os cursos de especialização (obrigatórios para exercício da profissão de psicólogo) devem ter a duração de aproximadamente 2.000 horas.

Para a definição das especialidades basearam-se no Catálogo Brasileiro de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho (MT). A resolução CFP nº 014/00 regulamentou algumas especialidades que se configuraram como mais definidas e consensuais. São elas: Psicologia Escolar/Educacional; Psicologia Organizacional e do Trabalho; Psicologia do Trânsito; Psicologia Jurídica; Psicologia do Esporte; Psicologia Clínica; Psicologia Hospitalar; Psicopedagogia; Psicomotricidade.

No detalhamento das atribuições (profissionais) do Psicólogo do Esporte encontra-se:

“1- Procede o exame das características psicológicas dos esportistas, visando o diagnóstico individual ou do grupo, dentro da atividade em que se encontram; 2- Desenvolve ações utilizando-se de técnicas psicológicas contribuindo em nível individual, para realização pessoal e melhoria do desempenho do esportista e em nível grupal, favorecendo a otimização das relações entre esportistas, pessoal técnico e dirigentes; 3- Realiza atendimento individual ou em grupo de esportistas, visando a preparação psicológica no desempenho da atividade física em geral; 4- Acompanha, assessora e observa o comportamento dos esportistas, visando o estudo das variáveis psicológicas que interferem no desempenho de suas atividades específicas (treinos, torneios e competições); 5- Orienta pais ou responsáveis visando facilitar o acompanhamento e o desenvolvimento dos esportistas; 6- Realiza estudos e pesquisas individualmente ou em equipe multidisciplinar, visando o conhecimento teórico-prático do comportamento dos esportistas, dirigentes e público no contexto da atividade esportiva; 7- Elabora e participa de programas e estudos educacionais, recreativos e de reabilitação física orientando a efetivação de um trabalho de caráter profilático ou corretivo, visando o bem-estar dos indivíduos; 8- Colabora para compreensão e mudança, se necessário do comportamento de educadores no processo de ensino-aprendizagem e nas relações inter intra pessoais



que ocorrem no ambiente esportivo; 9- Elabora e emite pareceres sobre aspectos psicológicos envolvidos na situação esportiva, quando solicitado; 10- Encaminha o esportista a atendimento clínico quando houver necessidade de uma intervenção psicológica que transcenda as atividades esportivas; 11-Ministra aulas de psicologia do esporte em cursos de psicologia e educação física, oportunizando a formação necessária a estes profissionais, a prática das atividades esportivas e seus aspectos psicológicos.” (Catálogo Brasileiro de Ocupações).

Tentando clarificar a identidade desta ciência, Brandão (2000) e Rubio (2000a) contribuem apontando qual a função do psicólogo do esporte o **clínico** é o profissional capacitado para atuar com atletas e/ou equipes esportivas; em clubes ou seleções, cuja preparação específica envolve conhecimentos da área de Psicologia do Esporte, não bastando apenas a formação em Psicologia ou Educação Física; o **pesquisador**, cujo objetivo é estudar ou desenvolver um determinado conhecimento na Psicologia do Esporte, sem que haja intervenção direta sobre o atleta ou equipe esportiva; e o **educacional**, que desenvolve a disciplina Psicologia do Esporte na área acadêmica seja na Psicologia, seja na Educação Física.

Machado (1997, p.10) afirma que o psicólogo do esporte deve “trabalhar com realizações, decepções, minimizar efeitos negativos da torcida, ressaltar aspectos positivos de uma liderança, delimitar os papéis dos elementos dos grupos para seus dirigentes, simplificar a cobrança dos pais, fãs e familiares dos atletas”.

Singer (1989), citado por Rubio (2000a), aponta para outros desdobramentos na função do psicólogo do esporte:

“o **especialista em psicodiagnóstico** – faz uso de instrumentos para avaliar o potencial e deficiências em atletas; o **conselheiro** – profissional que atua apoiando e intervindo junto a atletas e comissão técnica no sentido de lidar com questões coletivas ou individuais do grupo; o **consultor** – busca avaliar estratégias e programas estabelecidos, otimizando o rendimento; o **cientista** – produz e transmite o conhecimento de e para a área; o **analista** – avalia as condições do treinamento esportivo, fazendo a intermediação entre atletas e comissão técnica; o **otimizador** – com base numa avaliação do evento esportivo busca organizar programas que aumentam o potencial de performance” (p.125).

No Brasil, Samulski (1992) aponta quatro campos de atuação do psicólogo do esporte, sendo o **esporte de rendimento** aquele em que o psicólogo busca a otimização da performance dos atletas numa estrutura formal e institucionalizada. Nessa estrutura o psicólogo atua analisando e transformando os determinantes psíquicos que interferem no rendimento do atleta e/ou grupo esportivo. Outro campo é o **esporte escolar**, que tem por objetivo os processos de ensino e formação, norteada por princípios sócio-educativos. Neste campo, o psicólogo busca compreender e analisar os processos de ensino, educação, socialização e motivação para aprendizagem e rendimento. O **esporte recreativo**, mais um campo, visa o bem-estar para todas as pessoas praticantes. Sua adesão é voluntária e o psicólogo, nesse caso, atua na primeira linha de análise do comportamento recreativo de

diferentes faixas etárias, diferentes classes sócio-econômicas. A atuação profissional do psicólogo é em relação a diferentes motivos de adesão, interesses e atitudes dos participantes. O **esporte de reabilitação** desenvolve um trabalho voltado para a prevenção e intervenção, visando a regulação psíquica através do esporte. É utilizado por pessoas portadoras de algum tipo de lesão, decorrente ou não da prática esportiva, e também com pessoas portadoras de deficiência física, mental ou social (terapia através do movimento, jogos e danças), sendo este o outro campo de atuação do psicólogo de esporte mencionado por Samulski (1992). Podemos entender que estes campos de atuação se inter-relacionam entre si e entre a Psicologia do Esporte, não existindo uma escala onde um antecede o outro.

Considera-se que estes variados campos de atuação da Psicologia do Esporte necessitam de profissionais com formação consistente, o que não acontece em nossa realidade; considerando-se que o psicólogo tem uma formação deficitária por esta ser generalista, conclui-se que este profissional carece de um vasto conhecimento das questões que permeiam o universo do atleta, como noções de anátomo-fisiologia e biomecânica, e questões específicas do esporte, como as modalidades esportivas, regras, dentre outras. Já o profissional da educação física necessita ter um vasto campo de conhecimento da psicologia, das principais abordagens e suas respectivas técnicas, de conhecimentos a respeito de personalidade, estados emocionais, sentimentos, dinâmica do grupo, dentre outros.

Essas duas áreas, a Psicologia e a Educação Física, têm cada qual no seu âmbito uma gama imensa de objetos de estudo e pesquisa, que contribuem para a falta de identidade da Psicologia do Esporte. Entretanto, atualmente existem alguns poucos livros, artigos, revistas e periódicos que a norteiam; contudo, muito ainda precisa ser descoberto para a Psicologia do Esporte se afirmar e ser o que deve ser.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Estes fatos aqui mencionados são um recorte histórico e uma perspectiva futura da Psicologia do Esporte, no cenário brasileiro. Logicamente, num breve artigo não se pode seguir de perto todos os passos desta ciência, que embora ainda esteja engatinhando, aponta para um futuro promissor.

Futuro esse que dependerá da ética dos profissionais, professores e alunos, que representam-na, perante a nossa sociedade. A ética nos diz até onde e como se pode ir, em trabalhos científicos; nos vínculos formados entre alunos e seu curso de graduação; em relações com a Ciência do Esporte e seus diversos profissionais, tais como: médicos, nutricionistas, fisiologistas, comissão técnica e diversos outros profissionais que fazem parte dessa equipe multidisciplinar, inclusive o técnico.

O técnico é uma peça chave fundamental neste quebra-cabeça. Para melhor esclarecer:

“O técnico, centro de decisões de uma comissão técnica, deve enxergar o

psicólogo como um aliado e não como concorrente. Se ele não entender ou não reconhecer o trabalho, não confiará nesse profissional, vislumbrando-o como uma ameaça ao seu poder. O trabalho integrado é fundamental. Os objetivos devem ser comuns” (De Rose Jr., 2000, p. 23).

O técnico está em contato integral com os atletas. Esta relação entre técnico e atleta é paradoxal, podendo tanto contribuir como destruir um time.

Segundo Machado (1997), o esporte cria e gera a sua própria lógica. Embora os fenômenos esportivos sejam independentes das sociedades, eles articulam-se nela, fazendo a sua própria história econômica e política, tendo seu próprio tempo e espaço, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises. Vários fatos comprovam a existência dessa lógica própria do esporte, como, por exemplo, num país de terceiro mundo um jogador de futebol, mesmo sem a formação escolar mínima, ganhando um salário de primeiro mundo.

“O psicólogo do esporte deve dominar três áreas: 1- a da Psicologia; 2- a do Esporte; 3- a do equacionamento das duas áreas. Não basta conhecer uma ou duas – é preciso ter competência nas três” (Feijó, 1992, p.113).

As contribuições provindas dessas duas ciências – Esporte, que estuda os atletas (biomecânica, etc.), e a ciência que estuda as relações humanas – suprem as necessidades do fenômeno que é o Esporte e, quando integradas, dão origem à Psicologia do Esporte.

Hoje, a Psicologia do Esporte encontra-se num momento fundamental para sua afirmação. Os esforços e a seriedade daqueles que são ou serão responsáveis pela sua divulgação e crescimento são de fundamental importância. Cabe a nós, psicólogos, defendermos e demonstrarmos, ética e cientificamente, a utilidade de nossos serviços nessa área.

Utilizando-se uma metáfora, poder-se-ia dizer que a divulgação é fundamental nesta fase do “campeonato”, com o objetivo de estimular a criação de mais trabalhos científicos de “cabeça” ou de “jogadas bem ensaiadas”, como gols a serem comemorados em congressos, jornadas e encontros, aumentando-se, assim, as experiências. Com a troca de experiência de outras “jogadas bem ensaiadas”, chegar-se-á às semi-finais competindo-se de igual para igual com os outros times. Mas agora é vestir a camisa, e suar muito!!!

## **REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABDO, E. Psicologia do Esporte no Brasil. In RUBIO, K. (org.). *Encontros e desencontros: descobrindo a Psicologia do Esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

BECCKER JUNIOR, B. Psicologia de Esporte: rumos e necessidades. In RUBIO, K. (org.). *Encontros e desencontros: descobrindo a Psicologia do Esporte*.

São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

BRANDÃO, M.R.F. A formação e profissionalização do Psicólogo do Esporte. In RUBIO, K.(org.). *Encontros e desencontros: descobrindo a Psicologia do Esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

DE ROSE JUNIOR, D. *A Psicologia do Esporte e no Esporte; a participação do profissional do Esporte e da Psicologia*.

In RUBIO, K.(org.). *Encontros e desencontros: descobrindo a Psicologia do Esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

FEIJÓ, O. G. *Corpo e Movimento: uma psicologia para o esporte*. Rio de Janeiro: Shape ed. e promoções, 1992.

\_\_\_\_\_. *Psicologia do Esporte e no Esporte*. In RUBIO, K. (org.). *Encontros e desencontros: descobrindo a Psicologia do Esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

FRANCO, G. S. *Psicologia no Esporte e na Atividade Física, uma coletânea sobre a prática com qualidade*. São Paulo: Manole, 2000.

LARGURA, W.A.N. A Formação do Psicólogo e a Psicologia do Esporte. In DOBRANSZKY, I. A.; MACHADO, A.A. (orgs.) *Delineamento da Psicologia do Esporte: evolução e aplicação*. Campinas: Tecnograf, 2000.

MACHADO, A.A. *Psicologia do Esporte: temas emergentes*. Jundiaí: Ápice, 1997.

RUBIO, K. (org.) *Encontros e desencontros: descobrindo a psicologia do esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000 a.

\_\_\_\_\_. *Psicologia do esporte, interfaces, pesquisa e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000 b.

SAMULSKI, D.M. *Psicologia de Esporte. Teoria e Aplicação Prática*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1992.

SINGER, R.N. *Psicologia dos Esportes: mitos e verdades*. Tradução de Mariana T. B. Porto Vieira. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1977.

WEINBERG, R. S. e GOULD, D. *Fundamentos da Psicologia do esporte e do exercício*. 2. ed. Tradução de Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

## **A INFLUÊNCIA DA DOR NA PSIQUE**

*Renata Arbex de Paiva Teles\**  
*Dra. Livia Márcia Batista de Andrade\*\**

### **RESUMO**

A dor faz parte do cotidiano de muita gente. Dor se trata de um fenômeno extremamente complexo do corpo humano e cuja etiologia e manifestação são multidimensionais, com bases teóricas advindas de várias ciências. A dor, especialmente crônica, tem uma influência muito grande na psique e pressupõe atenção de diferentes profissionais.

Há uma preocupação em compreender e evitar o sofrimento desnecessário causado por processos dolorosos.

O objetivo deste artigo é informar e aprofundar conhecimentos sobre algo que é parte integrante da vida – a dor. Embora subjetiva, ela não é abstrata. Ela é sentida por alguém e este alguém precisa ser compreendido e respeitado na sua realidade e na sua totalidade, para que esta dor possa ser verdadeiramente tratada. Os fatores psicológicos, sociais e culturais são de importância fundamental na mediação do processamento da dor.

**Palavras-chave:** dor, psicossomática, dor crônica, somatização, psicanálise.

### **ABSTRACT**

Pain is part of the everyday life of many people. Pain is a very complex phenomenon of the human body and its etiology and manifestation are multidimensional and its theoretical background comes from several sciences. Pain, particularly chronicle, has a great influence on the psyche and assumes the attention from different professionals.

There is a concern to understand and prevent unnecessary suffering caused by painful processes.

The objective of this article is to inform and to deepen the knowledge on something that is an integrating part of life - the pain. Although subjective, it is not abstract. It is felt by someone who needs to be understood and respected in his/her reality and totality, so that this pain can be truly treated. The psychological, social and cultural factors are fundamental in the mediation of the pain process.

**Key words:** pain, psychosomatic, chronicle pain, somatization, psychoanalysis.

---

\* Psicóloga recém-formada pelas Faculdades Padre Anchieta. Este artigo é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desenvolvido no ano de 2003, sob a orientação da Dra. Livia Márcia Batista de Andrade.

\*\* Doutora em Psicologia – Puc Campinas. Docente e supervisora da Faculdade de Psicologia Padre Anchieta. Psicóloga Clínica.

A fundamentação da psicossomática ocorre com base nos estudos de fisiologia, psicologia social, patologia geral e psicologias dinâmicas, em especial a psicanálise. A manifestação psicossomática é vista por muitos autores como uma forma de defesa pela qual a pessoa converte um problema psicológico em um problema fisiológico como uma reação que tenta equacionar ansiedades experienciadas em seu cotidiano.

Mello Filho (1992) referencia a saúde sendo vista como uma construção humana, porém a doença é a sintomatologia de algo não elaborado internamente, visto que somos um todo e da mesma forma que não podemos ser reconhecidos por parte, não podemos reconhecer uma parte no todo.

O mesmo autor considera psicossomáticos fatores psicológicos que afetam a condição física conseqüente de estímulos ambientais emocionalmente significativos e relacionados ao início ou exigência de uma condição física ou distúrbio específico. Atualmente, é comum, frente às crises e dificuldades, nos depararmos com pessoas apresentando um quadro clínico debilitado e que foram submetidas a diversos exames, diagnósticos, que já consultaram inúmeros médicos e que acabam sendo encaminhadas a um psiquiatra porque a causa de sua doença é psicológica. Isto demonstra que fatores emocionais desencadeiam alterações psicológicas através do Sistema Nervoso e de hormônios.

Assim, o estresse prejudicial que vivemos no cotidiano leva-nos de forma perceptível ou não a desencadear diferentes maneiras de defesa do organismo.

“A dor sempre atormentou o homem, e as causas e os tratamentos para os estados dolorosos foram buscados desde as mais primitivas civilizações. Entretanto, o estudo e o manejo da dor como sintoma e como doença ainda deixam muito a desejar (...) O estudo do sofrimento da dor na sua totalidade é algo recente. As chamadas clínicas de dor ou unidades multiprofissionais dedicadas à compreensão e ao controle da dor datam dos últimos quarenta anos e existem ainda em pequeno número” (Cf. Carvalho, 1999: p. 9).

Há tempos, as denominadas “doenças psicossomáticas” têm despertado o interesse de psicólogos, psicanalistas, psiquiatras e médicos. Entretanto, cada qual guarda uma abordagem específica, dentro de suas linhas de pensamento, existindo entre eles algumas controvérsias.

O termo *psicossomática* foi introduzido na área médica em 1818, por Helmholtz, e seu sentido era designar as doenças somáticas que surgiam tendo como fatores etiológicos os aspectos mentais (Zimerman, 1999).

O estabelecimento da definição oficial de dor, formulada pela International Association for the Study of Pain (IASP), em 1979, uniu definitivamente a antiga divisão entre corpo e alma, a qual engloba os componentes físicos e psíquicos da dor. A dor foi conceituada pela IASP como “uma experiência sensorial e

emocional desagradável, associada a um dano real ou potencial dos tecidos, ou descrita em termos de tais lesões” (Carvalho, 1999).

Hoje, a partir dos conhecimentos desenvolvidos pelas equipes que pesquisam a dor, sabemos e podemos tratá-la, controlá-la e, na pior das hipóteses, minorá-la. Compreendemos o que causa a dor e o que a dor nos causa.

A dor é útil como aviso, sinal de alerta de algo ruim e/ou errado ocorrendo no organismo. Mas ela não tem mais utilidade quando se torna insidiosa, prolongada, uma patologia em si, como é o caso das dores crônicas.

Cada dor é uma dor de uma pessoa, com todas as suas peculiaridades – sua história, sua criação, sua etnia, sua personalidade, seu contexto, seu momento.

A compreensão da evolução e das tendências futuras dos conceitos sobre a gênese e manutenção da dor, dos métodos para avaliação de sua expressão e do impacto na vida dos indivíduos é fundamental para o estabelecimento de estratégias visando ao controle e prevenção das queixas algícas.

A dor é um mecanismo de proteção do corpo; ocorre sempre que os tecidos estão sendo lesados e faz com que a pessoa aja para remover o estímulo doloroso.

O homem ao nascer traz consigo herança genética somada a aspectos naturais próprios, descobre o mundo e, a partir deste somatório, forma sua estrutura de personalidade que será desenvolvida conforme suas experiências, suas vivências e manejos com fatores de risco apresentados. De acordo com a direção tomada, o resultado levará a um maior ou menor grau de satisfação, somatização e possibilidades de adoecer.

A percepção e o significado da dor enquanto experiência universal do ser humano também é modulada pela cultura.

O processo de aculturação é essencial no desenvolvimento dos valores, crenças, atitudes e comportamentos relativos à dor. A internalização desses elementos culturais inicia-se na infância e é denominada socialização primária. Disso resulta que os aspectos culturais internalizados na infância são muito mais arraigados do que os originados da socialização secundária. (Berger e Luckman, 1996). É importante ressaltar que fatores genéticos, idade, sexo, aparência, personalidade e inteligência, entre outros, interferem, de modo crucial, na internalização da realidade objetiva.

A bagagem cultural tem um poderoso efeito na tolerância à dor, uma vez que estímulos que produzem dor insuportável para uma pessoa podem ser perfeitamente toleráveis por outra.

A apreciação da dor é uma experiência privada e subjetiva que não resulta apenas das características da lesão tecidual (Melzack e Wall, 1991 *apud* Carvalho, 1999). As variações na experiência dolorosa entre as pessoas se devem, entre outros fatores, a diferenças nos limiares de dor. Os limiares de dor são medidos pela aplicação de estímulos de intensidade crescente a uma pequena

área da pele. O limiar de percepção à dor representa a menor intensidade em que o estímulo passa a ser percebido como doloroso, desconfortável a ponto de o indivíduo se retrair e/ou solicitar sua interrupção. Este limiar é muito semelhante entre as pessoas, mas a tolerância à dor varia muito e está relacionada a fatores sensoriais, genéticos, emocionais, culturais e sociais. Portanto, os profissionais devem ficar atentos para o fato de que os doentes sejam vistos como autoridades sobre sua dor.

Alguns tipos de dor são citados na literatura:

**Dor Rápida:** A dor rápida é sentida em 0,1 segundo quando é aplicado um estímulo doloroso. É descrita por vários nomes alternativos como dor cortante, dor em pontada, dor aguda, dor elétrica, entre outras. Esse tipo de dor é sentida quando se enfia uma agulha na pele, a pele é cortada por uma faca, a mesma é agudamente queimada ou se leva um choque elétrico. Esta dor não é sentida na maior parte dos tecidos profundos do corpo.

**Dor Lenta:** A dor lenta só começa a ser sentida após um segundo ou mais e depois aumenta vagarosamente por muitos segundos e, às vezes, minutos. Assim como a dor rápida, a dor lenta também recebe outros nomes tais como dor lenta em queimação, dor contínua, dor latejante, dor nauseante e dor crônica. Esse tipo de dor é associado à destruição dos tecidos. Pode levar ao sofrimento mais intenso, prolongado, insuportável, e ocorre tanto na pele, como em quase todos os tecidos ou órgãos.

“O grau com que uma pessoa reage à dor é extremamente variável. Isto resulta em parte da capacidade do próprio cérebro suprimir a entrada de sinais da dor no sistema nervoso, ativando um sistema de controle da dor, chamado de *sistema de analgesia*.” (Guyton e Hall, 1998: p. 519).

Normalmente, *dor* é consequência de algum distúrbio em algum órgão ou sistema do nosso organismo, sendo possível, na maioria das vezes, estabelecer uma correlação entre eles. Muitas pessoas tendem a ignorar alguma dor que sentem, não dando a ela a devida importância. É preciso lembrar sempre que *dor* é um aviso do nosso organismo, querendo informar-nos de que algo não está bem. *Dor* é, por isso mesmo, um importante mecanismo de defesa e de preservação da nossa vida. É importante que uma *dor* seja devidamente valorizada e interpretada, para que se possa procurar eliminar a causa que deu origem a esta dor.

No entanto, a dor crônica é patológica, não tem função biológica e, muitas vezes, não apresenta relação de causa e efeito, e deve ser tratada pelo tempo que for necessário.

Segundo o Subcomitê de Taxonomia da IASP, a dor crônica é classificada de acordo com os seguintes critérios: região anatômica, sistema orgânico, características temporais da dor e padrão de ocorrência, julgamento do pacien-



te sobre a intensidade da dor, tempo desde o surgimento da dor e etiologia (American Psychiatric Association, 1994 *apud* Murta, 1999).

No DSM-IV-TR (2002/2003), a dor é considerada como crônica após seis meses de duração e é classificada em três subtipos:

- *Desordem de dor associada com fatores psicológicos*: quando se julga que os fatores psicológicos têm um papel predominante no surgimento, severidade, exacerbação ou manutenção da dor.

- *Desordem de dor associada com fatores psicológicos e condição médica geral*: quando se julga que os fatores psicológicos e condição médica geral têm papéis importantes no surgimento, severidade, exacerbação ou manutenção da dor.

- *Desordem de dor associada com condição médica geral*: quando a dor resulta da condição médica e julga-se que fatores psicológicos desempenham nenhum papel ou papel mínimo no surgimento e manutenção da dor (1994).

Outro sistema de classificação (Brandão, 1993) compreende:

- *Dor crônica nociceptiva*: resultante de distúrbios orgânicos que provocam alterações na função neuronal.

- *Dor crônica neuropática*: decorrente de lesões das vias nociceptivas.

- *Dor crônica psicogênica*: causada predominantemente por fatores psicológicos.

### **AFINAL, QUAL A INFLUÊNCIA DA DOR CRÔNICA NA PSIQUE?**

“E como a doença não é algo que vem de fora, não é um corpo estranho e sim um modo de ser expressando-se em circunstâncias adversas, assim como a pessoa tem um modo-de-ser, também possui um modo-de-adoecer; seu modo-de-ser-e-de-adoecer único, que sobrevém em circunstâncias críticas.” (Perestrello, 1989: p. 254).

Se a dor aguda pode e deve ser interpretada como um sinal de alerta, a dor crônica já não tem mais essa função. Uma dor pode tornar-se crônica pelos mais variados motivos, mas ela certamente não tem mais uma função de alerta ou defesa. A dor crônica merece maior atenção por parte da medicina moderna, pois é a responsável por acabar com a qualidade de vida, é ela que limita a movimentação, a agilidade, a atividade e o bem-estar das pessoas.

Além do grande estresse físico causado pela dor, outros efeitos se somam ao problema, pois o indivíduo portador de dor crônica acaba se deprimindo, se afastando do convívio familiar e dos amigos, se distanciando do trabalho e de outras atividades físicas. Esse quadro psicológico é extremamente variável de pessoa para pessoa. Há pessoas que mesmo sentindo dor forte têm perfeito controle sobre si. Já outras, com a mesma dor, tomam atitudes muitas vezes

irracionais, reagem de forma anômala frente ao estresse da dor. Com certeza as dores crônicas têm ainda mais envolvimento emocional que as dores agudas.

Dessa forma, este grupo de pessoas, em sua maioria, passam a queixar-se de insatisfação nas relações familiares, isolam-se afetivamente deixando de lado suas rotinas de vida em termos de lazer e amizades, tornando-se então insatisfeitas em todas as suas atividades, inclusive profissionais. O prejuízo funcional advindo tanto dos processos fisiológicos de cronificação da doença, como também da experiência dolorosa contínua, vai obscurecendo o brilho da vida aos olhos dessas pessoas, tornando-as, dessa forma, tristes e sem perspectivas.

Segundo Freud (1895):

“a ‘vivência da dor’ é a vivência da angústia. A vivência da dor física é a vivência da angústia de aniquilamento. A energia psíquica associa-se a representações, investindo algumas delas de modo especial. Em muitos casos, a angústia de aniquilamento é tal, que não resta qualquer condição para que seja possível, mesmo que precariamente, um investimento em outro sentido, em outro objeto”.

A vivência de dor durante meses e até anos leva o indivíduo a experimentar afetos depressivos, alterando as percepções de si, principalmente no que se refere à auto-imagem; a sensação de invalidez e incapacidade de administrar sua vida de forma independente são aspectos inevitavelmente tangidos por essa experiência física de dor crônica resultando freqüentemente em perdas, prejuízos nas atividades laborativas, alteração do humor, mudanças no sono e no apetite, bem como os sentimentos de ansiedade e medo.

Figueiró (2000) escreve acerca da cronificação:

“Alguns pacientes procuram manter a cronicidade da doença com a finalidade de obter cuidados que, fora do ambiente médico-hospitalar, não obteriam, ou por sentirem necessidade psicológica de viver dramaticamente num estado crônico”.

No entanto, a necessidade de viver “dramaticamente” num estado crônico, como alude o autor, não se refere necessariamente a um processo deliberado ou simulatório, e sim a uma dimensão inconsciente.

O produto da consciência consiste essencialmente de percepções e de sensações de prazer e desprazer que aparecem do interior do aparelho mental. O sistema consciente é caracterizado pela particularidade de que nele os processos excitatórios não deixam nenhuma mudança permanente em seus elementos mas expiram no fenômeno de tornarem-se conscientes. O núcleo vivo é

munido de um escudo contra os estímulos do mundo exterior. A camada cortical (córtex sensorial somático) próxima ao escudo deve ser diferenciada como um órgão para receber os estímulos externos, onde começa a perceber a dor gerando impulsos nervosos captados e conduzidos pelos nociceptores. Porém é desprovida de qualquer escudo contra as excitações provenientes do interior. Este córtex sensitivo, que posteriormente torna-se o sistema consciente, também recebe excitações advindas do exterior. O desprazer da dor física é provavelmente o resultado do rompimento do escudo protetor. A transição da dor física para a dor mental corresponde a uma mudança do investimento narcísico para o investimento do objeto. O ego não pode proteger-se dos perigos pulsionais internos tão bem como da realidade. Aceita a formação de sintomas em troca de enfraquecer as pulsões (Freud, 1926).

Um sintoma é um sinal e um substituto de uma satisfação pulsional que permaneceu temporariamente inativa; é uma conseqüência do processo de recalçamento, que procede do ego quando este se recusa a associar-se com um investimento pulsional originado no id. O ego é capaz, por meio do recalçamento, de impedir que a idéia que serve de veículo ao impulso se torne consciente. O ego é a sede da angústia que, a fim de se opor a um processo pulsional do id, tem apenas que dar um sinal de desprazer para obter o auxílio do princípio do prazer com a finalidade de reprimir o id. Um sintoma surge de uma pulsão afetada deturpadamente pela regressão. A pulsão se expressa através de um substituto que é reduzido, deslocado e inibido. Freud (1926) demonstrou que o ego pode exercer controle sobre o id bem como depender dele. Ao ato inicial de recalque segue-se uma seqüência interminável em que a luta contra a pulsão prolonga-se numa luta contra o sintoma. Nesta luta defensiva secundária o ego apresenta duas facetas com expressões contraditórias; sua própria natureza o obriga a fazer algo que deve ser considerado como uma tentativa de restauração ou reconciliação. A presença de um sintoma pode implicar num certo prejuízo da capacidade, o que pode ser utilizado para aplacar alguma exigência por parte do superego ou para recusar alguma demanda do mundo exterior. Desta forma, o sintoma gradativamente se torna o representante de interesses importantes. Tudo isto resulta num benefício secundário da doença que se segue. Existem dois pontos de vista a respeito da formação de sintomas e a geração de angústia. Um é que a angústia constitui, em si mesma, um sintoma de neurose. O outro é que os sintomas se formam apenas para evitar a angústia, são criados de forma a afastar o ego de uma situação de perigo. Se os sintomas são impedidos de se formar, o perigo de fato se materializa. A formação de sintomas acaba com a situação de perigo. O processo defensivo é uma tentativa de fuga de um perigo pulsional. Cada situação de perigo corresponde a um período particular da vida ou fase de desenvolvimento do aparelho mental e é por eles justificado. Algumas situações de perigo conseguem subsistir até épocas posteriores, modificando seus determinantes de angústia

de forma a atualizá-los. Outros determinantes de angústia, tais como o medo do superego, estão destinados a não desaparecerem (Freud, 1926).

“A prática da psicanálise ensina que uma dor intensa sempre nasce de um transtorno do eu, mesmo que seja momentâneo; e que, uma vez aportada no inconsciente, ela reaparecerá, transfigurada em acontecimentos penosos e inexplicados da vida cotidiana”(Nasio, 1997: p. 71).

Nessa perspectiva, a doença coloca-se como forma de expressão simbólica do organismo potencialmente associada a um conflito, e a busca do significado do processo de adoecer e da própria doença merece especial atenção.

O corpo passa a ser usado como expressão dos sentidos e dos símbolos, em especial o corpo em sofrimento (físico ou psíquico).

O corpo doente é percebido como uma figuração simbólica, encarnação de um sofrimento da alma e é através da palavra, manipulação psíquica, que a cura é obtida.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BERGER, P. L., LUCKMAN, N. T. (1996). A sociedade como realidade subjetiva. In: BERGER, P. L., LUCKMAN, N. T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.

BRANDÃO, M. L. (1993). Dores Crônicas. In: GRAEFF, F. G., BRANDÃO, M. L. *Neurobiologia das doenças mentais*. São Paulo: Lemos.

CARVALHO, M. M. M. J. (1999). *Dor: um estudo multidisciplinar*. São Paulo: Summus.

*DSM-IV-TR-TM: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. (2002/2003). 4.ed. Trad. Cláudia Dornelles. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

FIGUEIRÓ, J. A. E. (2000). Psicologia do doente crônico. In: CONGRESSO DE MEDICINA E ACUPUNTURA. São Paulo.

FREUD, S. (1926). Inibições, sintomas e angústia. In: *Novas Contribuições à Psicanálise*. 2. ed. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Delta, 1986. v. 20. Edição Standard Brasileira.

\_\_\_\_\_. (1895). *Projeto de uma psicologia*. Trad. Gabbi O. F. Rio de Janeiro: Imago.

- GUYTON, A. C., HALL, J. E. (1998). *Fisiologia humana e mecanismos das doenças*. 6.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- MELLO FILHO, J. (1992). *Psicossomática hoje*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- MURTA, S. G. (1999). Avaliação e manejo da dor crônica. In: CARVALHO, M. M. M. *J. Dor: um estudo multidisciplinar*. (1999). São Paulo: Summus.
- NASIO, J. D. (1997). *O livro da dor e do amor*. Trad. Lucy Guimarães. São Paulo: Jorge Zahar.
- PERESTRELLO, D. (1989). *A medicina da pessoa*. 4.ed. Atheneu.
- ZIMERMAN, D. E. (1999). *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.



## **DISFUNÇÃO ERÉTIL IATROGÊNICA**

*Ernesto José D'Ottaviano\**

### **RESUMO**

A disfunção erétil acomete milhões de homens no mundo todo e em todas as idades. Além de causas orgânicas e psicogênicas bem definidas na clínica, temos hoje uma causa emergente, a iatrogênica, resultante de efeitos colaterais de fármacos usados com a melhor das intenções, da auto medicação e do abuso e dependência de drogas.

**Palavras-chave:** disfunção erétil, impotência, fármacos.

### **ABSTRACT**

Erectile dysfunction happens to millions of men off all ages all over the world. Besides the organic and psychogenic causes, which are clearly defined at clinics, now we have an emerging cause - the iatrogenic cause that results from collateral effects of drugs used with the best of the intentions, self-medication and abuse and dependence on drugs.

**Key-words:** erectile dysfunction, impotence, drugs.

### **DISFUNÇÃO ERÉTIL IATROGÊNICA**

O Estudo de Envelhecimento Masculino em Massachusetts (EUA) encontrou a prevalência de disfunção erétil (DE) em 52% dos homens entre 40 e 70 anos de idade (FELDMAN et al., 1994). Outro estudo – Pesquisa Nacional de Saúde e Vida Social – concluiu que 31% dos homens entre 18 e 60 anos de idade nos EUA já tinham apresentado DE (LAUDMANN et al., 1999). Na Alemanha (BRAUN et al., 2000), encontrou-se um índice geral da prevalência entre 30 e 80 anos de 19,2%, porém acima da 6ª década atingia 39%. Estudos na Inglaterra e na França obtiveram resultados similares (SPECTOR e BOYLE, 1986 e GIULIANO et al., 1996). Isto significa que um em cada cinco homens apresenta disfunção erétil.

Ao contrário do que se pensava antigamente, que a causa da DE era predomi-

---

\* Médico, Livre Docente, Professor Adjunto e Professor Titular de Fisiologia e Biofísica da Unicamp, PUC Campinas e Faculdades Padre Anchieta de Jundiaí. Pós Doutorado em Biologia da Reprodução em Montevideo, Santiago do Chile, Buenos Aires e Nova York. Professor dos cursos de Pós Graduação em Fisiologia do Instituto de Biologia e Fisiologia e Biofísica do Sistema Estomatognático da Faculdade de Odontologia da Unicamp.

nantemente psicogênica, hoje se sabe que são principalmente disfunções orgânicas a causa no grupo etário acima dos 50 anos (KAISER, 1999).

Na maioria dos casos, a disfunção erétil se deve a causas diversas e do ponto de vista etiológico faz-se distinção entre forma orgânica e psicogênica, sendo a forma orgânica enquadrada em vascular (sistema vascular peniano com redução do fluxo sanguíneo por espessamento dos vasos locais ou fuga venosa), neurogênica (AVC, lesões medulares, cirurgias de próstata, reto e bexiga), anatômica (micropênis, doença de Peyronie) e endócrina (diabetes mellitus, anabolizantes, doenças hepáticas, etc.).

Para a forma psicogênica, distingue-se a DE generalizada (depressão, stress) e situação dependente (ansiedade do desempenho) (LIZZA e ROSEN, 1999).

Podemos ter causa puramente orgânica ou puramente psicológica, mas freqüentemente ocorrem formas mistas combinando ambas as causas.

Porém, o uso de álcool, fumo e principalmente de fármacos utilizados no tratamento das mais variadas patologias - hipertensão, diabetes mellitus, hiperlipidemia, doenças renais, depressão, distúrbios de humor, transtornos de ansiedade, antipsicóticos, anti-histamínicos, anticolinérgicos e ainda medicações que causam dependência - levou ao surgimento de uma DE iatrogênica. Ou seja, na tentativa de minimizar ou curar uma determinada patologia usando drogas, criou-se, como efeito colateral, a DE de causa medicamentosa.

Whitehead (1994), abordando a longa lista de fármacos usados pelos idosos, pondera existirem mais de 200 fármacos que, embora usados com as melhores intenções, podem afetar a função sexual.

A grande categoria é representada pelos agentes psicoativos-ansiolíticos e antidepressivos usados por pacientes ansiosos, já deprimidos e com problemas de sexualidade. Isto deve estar na mente dos psiquiatras, endocrinologistas, clínicos, internistas e demais especialistas que usam essas medicações. Às vezes, não se conhecem todos os efeitos colaterais, os pacientes suspendem a terapêutica por conta própria e a situação se complica ainda mais.

Assim, este autor procura destacar aqueles menos nocivos e ressalta as que exercem ação deletéria sobre a sexualidade.

Começando com a hipertensão arterial, Whitehead (1994) refere que as enzimas inibidoras da conversão da angiotensina – captopril, lisinopril, enalapril e derivados ou antagonistas dos receptores da angiotensina – losartan e similares, dificilmente interferem nas ereções. Entre os diuréticos, furosemide, tiazídicos, ácido etacrínico, espironolactona, amiloride, etc., dependendo da dose e do tempo de utilização, levam à disfunção erétil e mesmo à impotência.

Entre os simpatolíticos temos que os alfabloqueadores, como o prazosin e seus sais, e os de ação central, como metildopa, clonidina, guanabenz, reserpina, guanetidina, interferem e pioram as ereções, chegando a casos de incapacidade ejaculatória.

Já os betabloqueadores, propranolol, atenolol, pindolol e derivados, bem como



os inibidores de canais de cálcio verapamil, diltiazem, nifedipina, amlodipina, etc., raramente exercem ação deletéria sobre as ereções.

Quanto aos psicofármacos usados correntemente, temos, dependendo do grupo de droga, interferência em maior ou menor grau na função erétil, uma vez que o processo fisiológico baseia-se na interação entre mecanismos neurais, neuroquímicos e endócrinos (SACHS, 2000).

Assim, os antidepressivos tricíclicos, inibidores da monoaminoxidase, os atípicos de segunda geração e os inibidores seletivos da recaptção de serotonina largamente usados são problemáticos, porque deprimem a excitabilidade em ambos os sexos. Então, são preferidos os menos problemáticos como fluoxetina, paroxetina, nefazodona, bupropiona e a trazodona (a qual, paradoxalmente, causa priapismo em 2% dos usuários) (AYDIN et al., 1996).

Os ansiolíticos benzodiazepínicos, os barbitúricos e os estabilizadores do humor como a carbamazepina, o lítio, o valproato levam a disfunção erétil, distúrbios da ejaculação e mesmo impotência (CRENSHAW e GOLDBERG, 1997; BERNIK 1999). Isto levou Cohen e Bartlik (1998) a preconizarem o uso do fitoterápico GINKGO BILOBA para tratamento da disfunção sexual induzida por antidepressivos. Entre os ansiolíticos, os melhores, que causam menos problemas, são o lorazepam, o alprazolam e a buspirona.

Das outras drogas utilizadas no tratamento de patologias psiquiátricas, a flufenazina, a perfenazina e a trifluoperazina são as mais seguras, enquanto a clorpromazina, a tioridizina, o haloperidol, a fenotiazina, a amisulprida, a risperidona e a maioria dos antipsicóticos deprimem a excitabilidade e a libido. Modernamente, a olanzapina seria a menos prejudicial.

Outro tipo de medicação muito usada em gastroenterologia são os anticolinérgicos – cimetidina, ranitidina e omeprazol – bloqueadores dos receptores  $H_2$ , que podem causar disfunção erétil. Ainda, como drogas parassimpatolíticas, temos as drogas de abuso e dependência como a benactizina, o triexifenidil, os famosos chás “de lírio, saia branca, véu de noiva, trombeta, zabumba, etc.”, que causam verdadeira atropinização dos usuários, comprometendo o desempenho sexual.

Outras drogas que se enquadram como abuso e dependência são deletérias para a libido e a ereção, como é o caso do álcool, da nicotina, dos opióides, cocaína, maconha (diminui inclusive a produção de espermatozoides), ácido lisérgico (LSD), ecstasy, DOM, fenciclidina, quetamina, etc.

Finalmente há uma série de fármacos amplamente usados com indicação médica que podem alterar a sexualidade. É o caso do clofibrato, do dissulfiram, dos anti-histamínicos, da L-Dopa, dos digitálicos, das anfetaminas, etc. (WHITEHEAD, 1994).

Em conclusão, se nos detivermos em consultar Marcolin (1998), Cordioli et al. (2000) e Bazire (2001), veremos que as interações farmacológicas com drogas psiquiátricas e as demais do receituário médico atual, a auto medicação e mesmo

as criadoras de dependência fisiológica e/ou psicológica são no momento uma grande causa de disfunção erétil-iatrogênica.

As opções terapêuticas para a disfunção erétil serão abordadas em um futuro artigo.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- AYDIN, S., ODABAS, O., ERCAN, M. et al. (1996). Efficacy of testosterone, trazodone and hypnotic suggestion in the treatment of non-organic male sexual dysfunction. *Br. J. Urol.* 77(2): 256-260.
- BAZIRE, S. (2001). *Psychotropic drug directory* Polestar Wheatons Lt. Exeter, Devon, UK.
- BERNIK, M. A. (1999). *Benzodiazepínicos – Quatro décadas de experiência*. São Paulo: Edusp.
- BRAUN, M., WASSMER, G., KLOTZ, T. et al. (2000). Epidemiology of erectile dysfunction: results of "Cologne Male Survey". *Int. J. Impot. Res.* 12: 305-311.
- COHEN, A. J. and BARTLIK, B. (1998). Ginkgo biloba for antidepressant induced sexual dysfunction. *J. Sex Marital Ther.* 24(2): 139-143.
- CORDIOLI, A. V. e cols. (2000). *Psicofármacos*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed.
- CRENSHAW, T. and GOLDBERG, J. (1997). *Sexual pharmacology: drugs that affect sexual functioning*. cap. 27. W. W. Norton & Company.
- FELDMAN, H. A., GOLDSTEIN, I., HATZCHRISTOU, D. G. et al. (1994). Impotence and its medical and psychosocial correlates: results of the Massachusetts Male Aging Study. *J. Urol.* 151: 54-61.
- GIULIANO, F. A., KNELLESON, S. and PATURAUD, J. P. (1996). Epidemiologic study of erectile dysfunction in France *Eur. Urol.* 30: (suppl. 2): 250.
- KAISER, F. E. (1999). Erectile dysfunction in the aging man. *Med. Clin. North. Am.* 83: 1267-1278.
- LAUMANN, E. O., PAIK, A., ROSEN, R. C. (1999). The epidemiology of erectile dysfunction: results from the National Health and Social Life Survey. *Int. J.*

- Impot. Res. 11: (suppl.1): 560-564.
- LIZZA, E. F. and ROSEN, R. G. (1999). Definition and classification of erectile dysfunction: Report of the Nomenclature Committee of the International Society of Impotence Research. *Int. J. Import. Res.* 11: 141-143.
- MARCOLIN, M. A. (1998). *Interações farmacológicas com drogas psiquiátricas*. Rio de Janeiro: MEDSI – Ed. Médica e Científica Ltda.
- SACHS, B. D. (2000). Contextual approaches to the physiology and classification of erectile function, erectile dysfunction, and sexual arousal. *Neurosci and Biobehav. Rev.* 24: 541-560.
- SPECTOR, K. R. and BOYLE, M. (1986). The prevalence and perceived aetiology of male sexual problems in a non-clinical sample. *Br. J. Med. Psychol.* 59: 351-358.
- WHITEHEAD, C. (1994). Erectile dysfunction and drugs. *Br. J. Anaesth.* 72: 443-446.



## **COPING**

*Angela Coelho Moniz<sup>1</sup>  
Roberta Hespanhol Ferracini<sup>2</sup>  
Estela Regina Omisolo<sup>3</sup>*

### **RESUMO**

Atualmente conceitua-se coping como um conjunto de estratégias utilizadas por indivíduos visando adaptação a circunstâncias adversas ou estressantes; este artigo tem como objetivo apresentar uma definição, estilo, estratégia e função referentes a este conceito, tendo como fonte principal o modelo de Lazarus e Folkman.

**Palavras-chave:** coping, estilo de coping, estratégia de coping, adaptação a circunstâncias adversas.

### **ABSTRACT**

Nowadays coping is described as a set of strategies utilized by individuals with the objective to adapt themselves on adverse or stressful events. The purpose of this article is to present a definition, style, strategy and function related to this concept, having as a main source the Lazzarus and Folkman model.

**Key Words:** coping, coping styles, coping strategies, adaptation to adverse events.

Coping é conceituado como os esforços de controle para o domínio das situações e adaptações ao estresse. São pensamento e ações que se utilizam para lidar, modificar e eliminar o evento estressante específico. No coping não se devem considerar as conseqüências da resposta ao estresse (porque não é um comportamento certo ou errado), mas sim as habilidades apresentadas com o objetivo de aumentar, criar e manter a percepção de controle pessoal (um controle que pode ser ilusório). A tendência a escolher uma determinada resposta ao estresse (comportamental ou cognitivo) com a finalidade de reduzir as suas qualidades aversivas depende do repertório individual; com os reforços o indivíduo pode dar várias respostas para a mesma situação, e essas mudanças diferenciam o coping de comportamentos adaptativos automatizados. Veenema et al. (2003) em estudo com ratos selecionados propõe que haja também a

---

<sup>1</sup>Mestre e Doutora pela Universidade de São Paulo, professora da Faculdade de Psicologia Padre Anchieta, Jundiaí. E-mail: [acmoniz@terra.com.br](mailto:acmoniz@terra.com.br)

<sup>2</sup>Aluna da Faculdade de Psicologia Padre Anchieta, Jundiaí. E-mail: [robertahferracini@bol.com.br](mailto:robertahferracini@bol.com.br)

<sup>3</sup>Aluna da Faculdade de Psicologia Padre Anchieta, Jundiaí. E-mail: [estela.omisolo@ig.com.br](mailto:estela.omisolo@ig.com.br)

interferência de fatores genéticos no estilo de coping adotado pelos sujeitos.

Há três gerações coping vem sendo estudado e abordado de diferentes maneiras; da década de sessenta à de noventa (aproximadamente) a segunda geração de pesquisadores apontou uma nova perspectiva com relação ao coping, a qual enfatiza componentes e determinantes cognitivos situacionais (Suls, David & Harvey, 1996).

Nessa época, pesquisadores passaram a conceituar coping como um processo transacional entre a pessoa e o ambiente, enfatizando tanto o processo quanto os traços da personalidade (Folkman & Lazarus, 1985).

Houve um avanço das pesquisas e publicações nesta época, em especial pelo grupo Lazarus e Folkman (Folkman & Lazarus, 1980, 1985; Lazarus & Folkman, 1984).

### **MODELO DE COPING:**

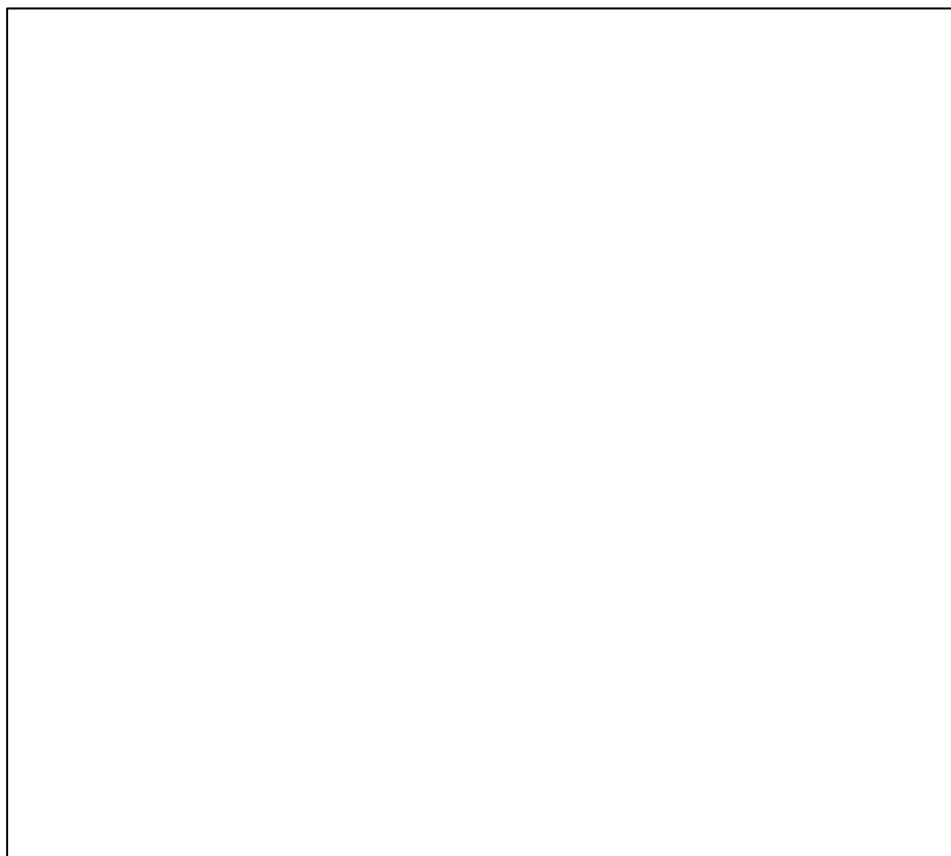
Lazarus e Folkman (1980) em sua perspectiva cognitivista propõem um modelo que divide o coping em duas categorias funcionais:

- \* Coping focalizado no problema;
- \* Coping focalizado na emoção.

De acordo com esta perspectiva, coping é definido como um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais que os indivíduos aplicam com o objetivo de lidar com demandas específicas internas ou externas que surgem em situação de estresse e são considerados como excedente em relação a seus recursos pessoais (Lazarus & Folkman, 1984); dessa forma pode-se concluir que estratégias de coping são ações deliberadas que podem ser aprendidas, usadas e descartadas.

O modelo de Folkman e Lazarus (1980) envolve quatro conceitos principais:

1. Coping é uma interação que se dá entre o indivíduo e o ambiente;
2. Tem como função administrar a situação estressora;
3. O processo de coping pressupõe: noção ou avaliação, como o fenômeno é percebido, interpretado e cognitivamente representado na mente;
4. Tal processo constitui-se de uma mobilização de esforços para que o indivíduo consiga administrar demandas internas e externas que surjam de sua interação com o ambiente.



De acordo com a conceituação feita por Folkman e Lazarus (1980), coping desempenha a função de mediador entre o problema e o resultado provocado pelo estressor, porém não se pode negar a relação intrínseca existente entre estratégia de coping e seus resultados, o que segundo Peterson (1989) provoca confusão para denominar tentativas e resultados de coping.

De acordo com esta perspectiva considera-se a resposta de coping diferente da resposta de estresse, que não é intencional nem tem objetivo.

A resposta de coping é uma ação intencional, podendo ser física ou mental, que tem como objetivo a redução do estresse e pode ser dirigida para circunstâncias externas ou estados internos (Lazarus & Folkman, 1984).

É necessário diferenciar função, que é o propósito a que a estratégia serve, e consequência, que é o efeito produzido pela estratégia. As funções não determinam as consequências, ainda que possa haver correlação entre ambas.

### **ESTILO DE COPING:**

O chamado Estilo de Coping tem relação com características da personalidade ou resultado.

Carver e Scheier (1994) consideram que pessoas desenvolvem formas habituais de lidar com estresse, que podem influenciar suas reações a novas situações, definindo estilo de coping como uma tendência a apresentar uma determinada reação em maior ou menor grau diante de situação estressante, independente da presença de traços da personalidade que predispõem a pessoa a responder de certa maneira, refletindo essa tendência ao emitir uma resposta de forma particular quando se depara com uma situação específica.

Porém existem conceituações que focalizam estilos de personalidade relacionados ao coping, e o principal estudo vem sendo feito a partir de dois tipos de comportamentos:

#### Tipo A:

Comportamentos como luta competitiva, senso de urgência, impaciência e agressividade-hostilidade, os quais podem vir a ser pressupostos para que uma pessoa venha a desenvolver uma doença cardíaca; são pessoas que lutam incessantemente para realizar “cada vez mais em menos tempo” (Lazarus & Folkman, 1984).

#### Tipo B:

São pessoas que desenvolvem menos agressividade que pessoas do tipo A, não se sentindo apreensivas para conquistar número crescente de “coisas” ou participar de uma série interminável crescente de acontecimentos (Savoia, 1996).

Pesquisas mostram que pessoas que mantêm comportamentos correspondentes ao tipo A sustentam mais esforços para controlar uma situação do que pessoas do tipo B.

### **ESTRATÉGIA DE COPING:**

A estratégia de coping está relacionada com ações cognitivas ou de comportamento tomadas no curso de um episódio particular de estresse, ou seja, tem maior vínculo com fatores situacionais.

Estratégias refletem ações, comportamentos ou pensamentos usados para lidar com um estressor (Folkman, Lazarus, Dunkel-Schetter, DeLongis & Gruen, 1986). Segundo Folkman e Lazarus (1980), estratégias se referem a ações cognitivas ou de comportamento tomadas no curso de um episódio particular de estresse e têm sido vinculadas a fatores situacionais; elas podem mudar de momento para momento, durante os estágios de uma situação estressante.

Coping pode ser classificado em dois tipos, dependendo de sua função:



- **Focalizado na emoção:** esforço para regular o estado emocional que é associado ao estresse. Por exemplo, fumar um cigarro; a função dessa estratégia é reduzir a sensação física desagradável de um estado de estresse.

- **Focalizado no problema:** esforço para atuar na situação que deu origem ao estresse, alterar o problema existente.

A ação de coping pode ser direcionada a fatores internos ou externos. O coping focalizado no problema pode ser dirigido para uma fonte externa de estresse, como negociar para resolver um conflito interpessoal ou solicitar ajuda prática de outras pessoas. Internamente inclui reestruturação cognitiva, redefinição do elemento estressor.

O uso de estratégias de coping focalizando o problema ou a emoção depende de uma avaliação da situação estressora.

Avaliação Primária é um processo cognitivo, no qual se avaliam os riscos. Na avaliação Secundária se analisam os recursos disponíveis e as opções para lidar com o problema. Mais recentemente surgiu uma terceira estratégia de coping focalizada nas relações interpessoais, pela qual se busca apoio nas relações do círculo social para a resolução da situação estressante. Beresford (1994) salienta que quando um indivíduo lida com um estressor, as estratégias de coping são utilizadas individualmente, consecutivamente e em combinação.

O conceito de coping, apesar de ter sido estudado durante três gerações, não é entendido por completo, principalmente aplicado à população brasileira, pois a maior parte dos estudos são realizados no exterior, parte da literatura acessível em português é fruto de traduções e adaptações, como o inventário de Lazarus e Folkman (Savoia, 1996).

Por este motivo é necessário o desenvolvimento de estudos sobre coping, tanto relacionados à teoria quanto à experimentação empírica, contribuindo para a criação de novos programas de intervenção adequados à população brasileira.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

CARVER, C. S., & SCHEIER, M.F. (1994). Situational coping and coping dispositions in a stressful transaction. *Journal of Personality and Social Psychology*.

FOLKMAN, S., & LAZARUS, R. S. (1980). An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior*.

\_\_\_\_\_. (1985). If it changes it must be a process: A study of emotion and coping during three stages of a college examination. *Journal of Personality and Social Psychology*.

- LAZARUS, R. S., & FOLKMAN, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer.
- PETERSON, L. (1989). Coping by children undergoing stressful medical procedures: Some conceptual, methodological, and therapeutic issues. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*.
- SAVÓIA, M. G., SANTANA, P. R., & MEJIAS, N. P. (1996). Adaptação do inventário de estratégias de coping de Folkman e Lazarus para o português. *Psicologia USP*.
- SULS, J., DAVID, J.P., & HARVEY, J.H. (1996). Personality and Coping: Three Generations of Research. *Journal of Personality*, 64, 711-735.
- VEENAMA, A. H., MEIJER, O. C., KLOET E. R.; KOOLHAAS, J. M. (2003) Genetic Selection for Coping Style Predicts Stressor Susceptibility. *Journal of Neuroendocrinology*, 15, 3-256

## **NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE ORIGINAIS**

1. A Revista **Argumento** tem por finalidade a publicação de trabalhos e estudos referentes às áreas de Psicologia, Educação, Ciências e Letras, conforme apreciação de seu Conselho Editorial. Os conceitos, informações e pontos de vista contidos nos trabalhos são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

2. Os trabalhos poderão ser elaborados na forma de artigos (inéditos), relatos de pesquisa ou experiência, pontos de vista, resenhas bibliográficas ou entrevistas. Quando se tratar de relato de pesquisa, o trabalho deverá obedecer à seguinte organização: introdução, metodologia (sujeitos, material e procedimento), resultados, discussão, referências bibliográficas e anexos.

3. Os trabalhos deverão ser redigidos em programa Word for Windows 7.0, espaço duplo, fonte **ARIAL** tamanho 12, folha A4, com 2,5cm de margem (esquerda, direita, superior e inferior). Os trabalhos deverão ter, no máximo, 20 páginas.

4. Um disquete 3,5" e duas cópias impressas (com conteúdo e formato idênticos) devem ser enviados à Secretaria das Faculdades Padre Anchieta, à Rua Bom Jesus de Pirapora, 140, CEP 13207-270, Jundiá, SP.

5. A capa deverá conter, na seguinte seqüência: o título do trabalho, em parágrafo centralizado (TODAS AS LETRAS MAIÚSCULAS); abaixo do título, em parágrafo centralizado, o tipo de publicação (artigo, relato de pesquisa, resenha etc.); como a revista é multidisciplinar, abaixo do tipo de publicação, em parágrafo centralizado, indicação da área do trabalho apresentado, segundo as definidas no item 1 destas normas; abaixo, em parágrafo justificado, deverá vir o sobrenome do autor (TODAS AS LETRAS MAIÚSCULAS), seguido do nome completo (separado por vírgula), sua mais alta titulação acadêmica e atuação profissional, endereço completo, telefone e, caso o tenha, o endereço eletrônico. Para trabalhos com mais de um autor, os sobrenomes devem ser colocados em ordem alfabética ou apresentados da seguinte forma: em primeiro lugar, aquele(s) que mais contribuiu(íram) para a execução do trabalho e, em seguida, os colaboradores.

6. A primeira página deverá conter, como cabeçalho, o título do trabalho, em parágrafo centralizado (TODAS AS LETRAS MAIÚSCULAS). Abaixo do título, deverá vir o nome completo do autor. A titulação acadêmica e a atuação profissional do autor deverão vir em forma de nota de rodapé, inserida após o sobrenome, com entrada a partir de um asterisco (\*). No caso de múltiplos autores, a ordem deve ser idêntica à da capa. Abaixo do cabeçalho, apresentar o resumo do trabalho (máximo 20 linhas), 5 palavras-chave, *abstract* e *key words*.

7. Quadros, tabelas e figuras (gráficos, fotos, textos de jornais e revistas etc.) deverão ser devidamente identificados com numeração, títulos e legendas. O(s) autor(es) deverá(ão) enviar, juntamente com seu trabalho, os **ORIGINAIS** de gráficos, tabelas e tudo que venha a se constituir em material iconográfico dentro de seu texto, pois isso será digitalizado, pelo departamento responsável, nas Faculdades Padre Anchieta. Materiais já digitalizados não serão utilizados na impressão final. Após a publicação, os originais serão devolvidos, estando disponíveis, em nome do(s) autor(es), na Secretaria das Faculdades - Campus Central.

8. As citações literais, no texto, deverão ser apresentadas entre aspas e assim referenciadas: deve-se inserir, imediatamente após a passagem citada, entre parênteses, o nome do autor, ano de publicação da obra e página, separado por vírgulas. Exemplo: (Bossa, 1994, p. 32). Quando a citação no texto não for literal, mas apenas uma síntese, deve-se acrescentar *Cf.* à referenciação entre parênteses. Exemplo: (Cf. Bossa, 1994, p. 32).

9. As citações literais com mais de três linhas deverão ser redigidas em parágrafo destacado, com 1cm de recuo esquerdo e direito, letra tipo *Times New Roman*, fonte 10.

10. As referências bibliográficas, no final do texto, serão limitadas aos trabalhos realmente lidos e citados no corpo do trabalho e devem obedecer, preferencialmente, ao seguinte padrão: sobrenome do autor (TODAS AS LETRAS MAIÚSCULAS), nome do autor, título completo da obra (*em itálico*), local de publicação, editora e data de publicação, observando a pontuação adequada, conforme o exemplo:

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001.

11. O item 10 destas normas contempla os dados essenciais da referenciação bibliográfica. Outros casos como pluralidade de autores, inclusão do nome do tradutor e revisor do texto, número de edição da obra, entre outros, deverão seguir as normas vigentes da ABNT.